



**Guilherme da Costa Vilela Gouvêa**

**Teologia do rito:  
A ação ritual como lugar da epifania do mistério de Cristo**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Luiz Fernando R. Santana

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2019



**Guilherme da Costa Vilela Gouvêa**

**Teologia do rito:  
A ação ritual como lugar da epifania do mistério de Cristo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia.

**Prof. Luiz Fernando Ribeiro Santana**  
Orientador  
Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof. Abimar Oliveira de Moraes**  
Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof. Paulo Henrique de Gouvêa Coelho**  
Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 2019

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

### **Guilherme da Costa Vilela Gouvêa**

Possui pós-graduação *Latu Sensu* em Liturgia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo - SP (2016). Gradou-se em Filosofia (curso livre) pelo Instituto Filosófico São José de Três Corações/Campanha - MG (2003); gradou-se em Teologia (Curso Livre) pela Faculdade Católica de Pouso Alegre - MG (2007) e obteve bacharelado em Teologia pela Faculdade Dehoniana de Taubaté - SP (2011). Foi professor de Iniciação à Celebração do Mistério Pascal no Seminário Propedêutico São Pio X em Campanha – MG. Participou de diversos congressos na área de Teologia, Pastoral Litúrgica, Espaço Litúrgico e Arte Sacra.

### Ficha Catalográfica

Gouvêa, Guilherme da Costa Vilela

Teologia do rito: a ação ritual como lugar da epifania do mistério de Cristo / Guilherme da Costa Vilela Gouvêa; orientador: Luiz Fernando R. Santana. – 2019.

115 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2019.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Rito. 3. Liturgia. 4. Mistério pascal. 5. Igreja. 6. Epifania. I. Santana, Luiz Fernando Ribeiro. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Ao Senhor Jesus, que me atraiu ao seu Divino Coração.  
À bem-aventurada Virgem Maria, pela constante intercessão.  
À Igreja, que conduziu os meus passos.  
À minha família, que me apresentou ao amor de Deus.

## Agradecimento

À Diocese da Campanha, na pessoa da S. E. R. Dom Pedro Cunha Cruz, pelo apoio e confiança.

Aos fiéis da Paróquia Santa Anna, em Santana do Capivari, pelo apoio e orações ao longo do curso de mestrado.

Aos irmãos presbíteros da Forania Nossa Senhora Aparecida, pelo apoio e incentivo ao longo do mestrado.

À Paróquia da Imaculada Conceição da Gávea, da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro que, na pessoa do Pe. Lincoln, me acolheu no período dos estudos.

À minha família, pelo testemunho de fé, pela torcida e pelo incentivo.

Ao Departamento de Teologia da PUC-Rio, pela missão de formar novos teólogos para edificação da Igreja.

Ao meu orientador, Pe. Luiz Fernando Ribeiro Santana, pela acolhida fraterna e pelo estímulo constante e pelo acompanhamento paciente e minucioso em todas as etapas deste trabalho.

À CAPES pelos auxílios concedidos. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Aos amigos Célia Guida e Dom João Marcos, OSB, pelo auxílio na revisão textual.

Aos meus amigos, pela presença e pelo suporte emocional necessários para o cumprimento desta exigência acadêmica.

## Resumo

Gouvêa, Guilherme da Costa Vilela; Santana, Luís Fernando Ribeiro (Orientador). **Teologia do rito: A ação ritual como lugar da epifania do mistério de Cristo**. Rio de Janeiro, 2019. 115p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O rito tem seu lugar preponderante na liturgia da Igreja. Ele pertence ao mundo das mediações ativas da atitude religiosa, que abarcam desde o gesto mais simples à mais complicada celebração. Os ritos são, portanto, todas as ações orientadas à expressão religiosa, e na sua gênese está o sagrado, o divino, aquilo que é apontado como mistério. A irrupção de Deus na história, através da encarnação e ação redentora de seu Filho, o Cristo Jesus, possibilitará ao rito litúrgico cristão um elemento diferenciador de toda outra forma ritual. Esse elemento faz sempre referência a uma “realidade” plena, isto é, a um evento que já se efetuou. O rito é estruturado, apropriadamente, como “a imagem” e “semelhança” daquele evento, de modo que o liga a ele, trazendo o “sinal” da “realidade” a que se refere. A partir da teologia litúrgica da Constituição sobre a Sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium*, procuramos compreender como o rito litúrgico, na sua precípua função de anunciar e realizar, torna-se o lugar da epifania do Mistério Pascal de Cristo. Nele, o mistério de Cristo se manifesta de forma clara e luminosa, proporcionando à Igreja uma profunda experiência.

## Palavras-chave

Rito; Liturgia; Mistério Pascal; Igreja; Epifania;

## Abstract

Gouvêa, Guilherme da Costa Vilela; Santana, Luís Fernando Ribeiro (Advisor). **Theology of the Rite: The ritual action as place of epiphany of the mystery of Christ.** Rio de Janeiro, 2019. 115p. Master's Dissertation – Department of Theology, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

The rite has its preponderant place in the liturgy of the Church. It belongs to the world of active mediations of religious attitude, ranging from the simplest gesture to the most elaborate celebration. Rites are therefore all actions oriented to religious expression, and in its genesis is the sacred, the divine, that which is pointed out as a mystery. The irruption of God in history through the incarnation and redemptive action of his Son, Jesus Christ, will enable the Christian liturgical rite to be a differentiating element of every other ritual form, that of always making reference to a full "reality", that is in level of event which has already been effected, and he is aptly "the image" of that event, in the very "likeness" that binds it, brings the "sign" of the "reality" to which it refers. From the liturgical theology of the Constitution on the Sacred Liturgy *Sacrosanctum Concilium*, we try to understand how the liturgical rite, in its prime function of announcing and realizing, becomes the epiphany of the Paschal Mystery of Christ. In him, the mystery of Christ manifests itself in a clear and luminous way, giving the Church a profound experience.

## Keywords

Rite; Liturgy; Paschal Mystery; Church; Epiphany.

## Sumário

1. Introdução	10
2. Fundamentos bíblico-patristicos do rito	14
2.1. A dimensão antropológica do rito	16
2.2. O rito na Sagrada Escritura	25
2.3. Os Padres da Igreja e a teologia do rito	35
3. O rito na teologia litúrgica do Concílio Vaticano II	46
3.1. Os fundamentos da teologia litúrgica conciliar	48
3.2. O rito na Constituição <i>Sacrosanctum Concilium</i>	56
3.3. O rito como anúncio e realização do mistério de Cristo	66
4. O rito: lugar da epifania do mistério de Cristo	75
4.1. A epifania do mistério de Cristo no rito	77
4.2. Da epifania do mistério à vida mística	89
5. Conclusão	102
6. Referências Bibliográficas	109



*É em vossos mistérios que eu vos encontro!*

Santo Ambrósio, *Apol. Proph. David*

# 1. Introdução

O Concílio Ecumênico Vaticano II foi pensado, convocado e realizado para que a Igreja possa amparar a humanidade com as energias vivificadoras e perenes do Evangelho. A consequência disto é que o Concílio produziu uma reflexão com aspectos doutrinários e pastorais que auxiliam na edificação do Corpo místico de Cristo e na sua missão no mundo.

Neste contexto, a sagrada liturgia recebe grande atenção, sendo o primeiro tema examinado nas sessões conciliares. É compreensível que a escolha da liturgia seja proveniente de sua importância para a vida eclesial e da maturidade dos estudos realizados nas décadas anteriores ao Concílio pelo Movimento Litúrgico. O processo reflexivo conciliar desemboca em uma teologia da celebração na Constituição *Sacrosanctum Concilium*. Essa teologia proporciona a superação de uma visão “estático-jurídica” que marcou a liturgia nas décadas precedentes ao Concílio. Assim, tendo como fundamento a teologia litúrgica conciliar, desenvolvemos esse trabalho dissertativo sobre a teologia do rito.

Na relação entre o insondável mistério de Deus e a vida humana, não é difícil perceber que a celebração ritual da liturgia – em seus sinais sacramentais – é o espaço e o momento excelente dessa relação. Para a fé cristã, a sagrada liturgia desponta como um momento histórico da salvação, o qual possibilita o encontro amoroso e festivo entre o ser humano e Deus. Nesse encontro, que hospeda o mistério da paixão, morte e ressurreição de Cristo, a liturgia, em sua ação ritual, é a linguagem da fé. Esta linguagem evidencia tanto a autocomunicação de Deus quanto resposta do ser humano a Deus na dinâmica ritual.

A liturgia, portanto, se estrutura como uma ação ritual que se realiza por meio de gestos e palavras. Ela é um complexo de sinais rituais nos quais o Deus invisível se “adapta” ao homem. O homem, por sua vez, se utiliza dos mesmos sinais rituais para poder dar a Deus a sua resposta de fé, correspondendo à ação salvífica amorosa proveniente de Deus. Nessa ação, Deus continua realizando perenemente o seu projeto de amor, concedendo ao seu povo eleito a vida nova que brota da graça da redenção.

Por tudo isso, diante de uma pesquisa que se ocupa do rito, surgem alguns questionamentos. Como o rito, diante da profunda reflexão proporcionada pela Constituição conciliar sobre a Sagrada Liturgia, é compreendido e vivenciado atualmente na liturgia eclesial? O rito goza, enquanto estrutura fundamental da celebração litúrgica, da devida atenção que lhe cabe, tanto no que se refere ao seu entendimento quanto em sua prática? Qual a intensidade da comunicação do mistério de Cristo que o rito celebrado proporciona à comunidade celebrante? O que o rito litúrgico oferece para fomentar sempre mais a vida cristã?

Ousamos dizer que a compreensão sobre o rito foi apenas parcialmente equacionada, de modo que, em alguns ambientes eclesiais, ele volta a ser compreendido na perspectiva estático-jurídica pré-conciliar. Tratando-se de um tema que toca tão concreta e integralmente a vida da Igreja, não podemos reduzir o rito a uma mera formalidade da celebração cristã.

Assim, a reflexão sobre a celebração litúrgica, oriunda da teologia da *Sacrosanctum Concilium*, supera uma simples concepção ritualística e mediadora do sinal sacramental. Tal reflexão mostra, positiva e propriamente, como a dinâmica ritual constitui realmente uma verdadeira e autêntica mistagogia, isto é, uma adequada e apropriada iniciação ao mistério de Cristo. Do mesmo modo, essa reflexão contribui para compreender como a vida cristã, na sua realidade mais profunda, pode realizar uma experiência de encontro com esse mesmo mistério na ação ritual da celebração.

Para a reflexão sobre a teologia do rito, revisitaremos os seus alicerces antropológicos, bíblicos e a teologia dos Padres da Igreja. Igualmente, utilizaremos de alguns apontamentos da história da liturgia e da teologia conciliar a fim de identificar a teologia do rito e, por consequência, o que a ação ritual possibilita na dinâmica da celebração litúrgica. O desafio, portanto, que se impõe a esta pesquisa é retomar os fundamentos do rito, compreendê-lo na perspectiva da teologia litúrgica do Concílio Vaticano II e demonstrar a riqueza de seu significado como espaço de comunicação do mistério de Cristo e nutrição para a vida cristã.

No capítulo primeiro de nossa dissertação, procuramos nos debruçar sobre os fundamentos bíblico-patristicos do rito. Para tal empreitada, primeiramente, percorremos a dimensão antropológica do rito. Observamos como o rito se torna mediação ativa que possibilita, na liturgia, a profunda experiência com o sagrado. Mais precisamente, observamos como o ser humano, captando pelos sentidos a

manifestação do divino, necessita da cultura para poder exprimir sua experiência com o divino. A cultura se torna um instrumento oportuno para traduzir em linguagem simbólica aquilo que foi captado pelos sentidos, dando ao homem os símbolos como instrumentos para retorno e continuidade da experiência com o divino. A profundidade da marca gerada pela experiência com o sagrado faz com que o ser humano almeje sempre retornar à mesma experiência. Para isto, ele articula de forma celebrativa os símbolos, estruturando o rito. Concretizando a dinâmica da celebração litúrgica através da estruturação do rito, o homem possibilita a outros participar da mesma experiência.

Em seguida, captando as raízes bíblicas do rito, torna-se perceptível como a revelação de Deus, ao longo da história, expressa na Sagrada Escritura, oferece sinais sagrados da comunicação de Deus sob a perspectiva da economia da salvação. Esta economia é o projeto divino onde Deus comunica-se gradualmente com o homem. Deus oferece meios ao homem para conhecê-lo, responder-lhe e amá-lo, preparando-o para acolher a revelação sobrenatural que Deus faz de si mesmo. Esta revelação culminará na pessoa e missão do Verbo encarnado, Jesus Cristo: a epifania de Deus na história.

Das raízes bíblicas, passamos aos fundamentos do rito na fecunda teologia dos Padres da Igreja. Os Padres contribuíram largamente para a formação e configuração do rito na liturgia cristã. Eles compreendiam muito bem a perenidade e a presença do mistério de Cristo na história da salvação, bem como as culturas em que as comunidades cristãs estavam inseridas. Assim, eles construíram habilmente uma ponte entre estas realidades, oferecendo às comunidades cristãs uma precisa fundamentação do rito na liturgia eclesial.

No segundo capítulo, percorremos as bases da teologia litúrgica conciliar. Para tanto, utilizamos do caminho oferecido pelo Movimento Litúrgico nas décadas precedentes ao Concílio Vaticano II. Este movimento desenvolveu uma profícua reflexão teológica a respeito da natureza e significado da liturgia. O Movimento Litúrgico reflete sobre a liturgia a partir do contexto do plano histórico da salvação. Isto possibilitou à liturgia, em sua ação ritual, a superação de uma visão em que ela era compreendida como uma mera cerimônia tradicional, reduzida quase que somente ao seu valor jurídico-estático.

Do fundamento da teologia litúrgica conciliar, passamos a captar o sentido do rito na Constituição *Sacrosanctum Concilium*. A partir do texto da Constituição

procuramos a função do rito na liturgia da Igreja, bem como a doutrina e práxis sobre o rito. A Constituição Litúrgica mostra que a ação ritual da liturgia, além de ser um ato culto, é, também, fonte de instrução, tanto na Palavra como nos sinais sensíveis da ação ritual, constituindo-se como verdadeiro anúncio e condução para o mistério de Cristo.

Mereceu nossa especial atenção a terceira parte desse capítulo, na qual o Mistério Pascal, celebrado pela comunidade dos discípulos de Cristo, possui uma dupla dimensão na ação ritual, a saber: a dimensão do anúncio e da realização. Estas dimensões conferem ao rito litúrgico seu dinamismo mais característico, no qual residem a força e a potência da celebração cristã. É partir dessas dimensões que compreendemos como rito celebrado possibilita à Igreja uma profunda experiência com o Mistério Pascal.

No terceiro capítulo do nosso trabalho, por fim, observamos como a Constituição Litúrgica evidencia o mistério da liturgia como o lugar da relação mais íntima e profunda entre Cristo e a Igreja. Diante dessa reflexão, pudemos conceber o rito litúrgico celebrado como autêntica iniciação ao mistério de Cristo. Percebemos como o mistério que se comunica e se dá a conhecer, manifesta no rito a presença epifânica de Cristo. A liturgia, portanto, desponta como caminho mistagógico pelo qual a comunidade celebrante é conduzida a um profundo encontro com o Senhor Ressuscitado.

Como resultado desse encontro compreendemos, na última parte deste capítulo, como a experiência feita entre o homem e o mistério de Cristo na celebração sacramental proporciona o florescer da vida mística na Igreja. Não há mística cristã que não crie raízes nos mistérios sacramentais e não constitua o seu desenvolvimento e realização. A reflexão sobre a mística sacramental que se realizou no presente estudo, baseia-se nesta consciência precisa.

Assim, diante da teologia litúrgica proporcionada pela Constituição *Sacrosanctum Concilium*, esta pesquisa quer oferecer uma contribuição em relação à teologia do rito. Desejou-se redescobrir o profundo sentido e força da ação ritual na liturgia, lugar em que se anuncia e se leva a efeito a obra de salvação. Como espaço de anúncio e condução para esta obra de Deus, a liturgia, em sua ação ritual, se manifesta como caminho, como lugar de encontro com o Mistério Pascal de Cristo celebrado.

## 2. Fundamentos bíblico-patristicos do rito

O rito tem seu lugar preponderante na liturgia da Igreja. Porém, diante da mentalidade proporcionada pela cultura contemporânea, seja no âmbito religioso ou não, há um controvertido acolhimento ou impressão sobre o rito. Neste contexto, o rito é visto como uma expressão de rigidez, de complexidade, de estar preso a formas preestabelecidas o que, aparentemente, se contrapõe à criatividade e ao dinamismo do tempo e das diversas culturas. Por isso, é necessário redescobrir seus fundamentos.

Esta percepção contemporânea vem atada à própria dificuldade semântica, pois introduz significados diversos e, às vezes, totalmente diferentes do que é o rito e dos elementos que o qualificam a nível teológico, fenomenológico, histórico-religioso, antropológico, linguístico, psicológico e sociológico, etológico e biológico<sup>1</sup>. Assim, diante da extensão do termo a todos estes âmbitos, cabe-nos em primeiro lugar, para uma melhor compreensão, partir de sua etimologia.

Segundo a etimologia sânscrita, o termo “rito” “designa o que é conforme à ordem (*rita*), mas nas explicitações descritivas de natureza antropológica, ainda que surja sempre alguma referência ao regulado, ao ritmado, à ordem, parece preferir-se o uso do termo ‘rito’, e, por extensão, ‘ritual’, ‘ritualização’<sup>2</sup>.”

Na etimologia latina, a palavra *ritus* indica a ordem estabelecida. Conjugada com a raiz grega “*artys*” a palavra traz o significado de prescrição, decreto. Porém, o significado mais antigo dessa raiz assemelha-se ao da raiz “*ar*” (modo de ser, disposição ordenada e harmônica da parte de um todo) da qual deriva aquela mesma palavra sânscrita “*rta*” e o iraniano “*arta*” que chegam a nós nos termos “arte”, “rito” ou “ritual”, carregando o sentido de harmonia restaurativa e a ideia de terapia. Ainda, o termo poderia ter em sua base a raiz indo-europeia “*ri*” que significa fluir e, nesse sentido, apontando para as palavras ritmo, rima, rio,

<sup>1</sup> TERRIN, A. *Il rito. Antropologia e fenomenologia della ritualità*. Brescia: Morcelliana, 2015, p. 19.

<sup>2</sup> MAGGIANI, S. “Rito/ritos”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 1022.

significando um fluxo ordenado, até mesmo com entonação religiosa, tratando a ordem do cosmos, da estrutura e fundamento do universo<sup>3</sup>.

Da etimologia podemos, neste ponto, entender que o rito indica uma estrutura dinâmica, um fluxo ordenado, um processo condutor de uma realidade; até mesmo uma ideia de lugar de ordem, de estabelecimento do sentido das coisas. Mesmo sendo uma estrutura ordenada, o rito carrega uma dinâmica, uma cadência, distinta da percepção contemporânea anteriormente mencionada. Tanto seu entendimento como sua aplicação se ampliam segundo o contexto no qual é usado sendo, deste modo, sinônimo de hábito, costumes, comportamentos, formas sociais, cerimônias, cultos, dentre outros.

Diante desta polivalência de significados, percorreremos o certame do rito como uma cadência estruturada na relação entre religião e cultura; mais precisamente o rito cristão. Isto porque o comportamento ritual é caracterizado pelo fenômeno antropológico, entendido como processo cultural. Um aspecto não indiferente é constituído pela dimensão religiosa da experiência humana e, portanto, da cultura, dado que muitos ritos são expressões dessa dimensão<sup>4</sup>.

Partir da etimologia de rito a fim de identificar a sua relação com a experiência religiosa, ou seja, o rito sagrado, em nossa pesquisa consideramos fundamental (justamente para se chegar a um conceito necessário para essa reflexão). Isto porque, em síntese, o rito é entendido como “lugar” da ordem, da classificação de uma realidade, daquilo que dá sentido ao que é importante e o que é secundário. Há, então, uma riqueza própria no rito, como uma ação realizada em um determinado tempo e espaço<sup>5</sup>.

Assim, conceitualmente:

O rito responde a uma necessidade coletiva que determina os usos e padrões de comportamento formal dos membros de uma sociedade, de preferência religiosa.

<sup>3</sup> TERRIN, A. op. cit., p. 20.

<sup>4</sup> BONACCORSO, G. *La liturgia e la fede. La teologia e l'antropologia del rito*. Padova: Messagero, 2010, p. 190.

<sup>5</sup> É, aqui, também necessário conceituar os termos: rito, ritual, cerimônia, ritualizar, ritualismo e ritualização. Rito é a ação realizada em um determinado tempo e espaço, que é diferente e diversa da ação da vida ordinária e comportamento comum. Ritual se refere a uma ideia geral, diferente de rito que é uma estância específica; porém, quando se utiliza o termo “ritual” na Igreja, este já traz outro significado como a execução do rito, da liturgia. Cerimônia, apesar de aparentar como a base do rito, aparece como algo do âmbito social e secular, como uma prioridade e privilégio, distinto do rito que é mais do mundo religioso. Ritualizar aponta o processo pelo qual se forma ou se inventa o rito. Ritualismo é quando se dá uma entonação negativa ao processo entendido como atividade de ritualizar. Por fim, ritualização é um termo empregado de forma global para tudo o que em uma cultura ou mundo animal pode ser considerado um ritual. (TERRIN, A. op. cit., p. 20-23).

Na verdade, a palavra rito, embora apareça em muitos e variados contextos, é um termo que adquire todo o seu sentido no âmbito da religião (...). O rito pertence ao mundo das mediações ativas da atitude religiosa, que abarcam desde o gesto mais simples até a mais complicada celebração. Ritos são, portanto, todas as ações orientadas à expressão religiosa, sejam ou não estabelecidas pelo grupo ou pela hierarquia que o governa. As ações podem ser as mais variadas, mas todas entram na categoria de atos sagrados e culturais<sup>6</sup>.

Em síntese, a conceituação do rito é como uma cadência ordenada de ações, uma mediação ativa da experiência religiosa na relação do humano com o sagrado dentro de uma cultura. Neste âmbito, ele é o lugar, o espaço expressivo desta relação ordenada entre o homem e Deus.

É, pois, imprescindível ainda avançar neste caminho para uma adequada conceituação e compreensão do rito e seus fundamentos para a liturgia da Igreja. Para tanto, torna-se necessário percorrer sua dimensão antropológica, ou seja, como a experiência religiosa se consolida numa ação ritual dentro de uma cultura. Em seguida, é preciso entender o sentido das ações rituais da Sagrada Escritura, bem como sua concretização e expressão na teologia dos Padres da Igreja.

## 2.1. A dimensão antropológica do rito

A cultura, mais do que uma vastidão de conhecimento e de noções, é o lugar privilegiado do entendimento do homem e de sua identidade. Nela, não se trata só do pensamento, mas de toda e qualquer prática humana – do falar à alimentação, do cultivo da terra ao cultivo de relações, da edificação de moradia à edificação de templos, da comunicação com o humano e com o divino – com sua causa e efeito. Especificamente, da cultura precisamos compreender tanto as situações, ações, experiências primeiras pelas quais passa um determinado grupo, bem como os efeitos e incidência dessas experiências sobre o mesmo grupo.

A cultura não é o acessório que se possa usar ou deixar de usar: ela cria o homem, gera-o para o ser, ela é antropogenética. Valores, crenças, atitudes, emoções, reações, comportamentos, critérios de julgamento, tipos de relacionamentos, instrumentos de interpretação, canais seletivos, módulos de comunicação, etc. são gerados pela cultura. Portanto, se é verdade que o homem faz cultura, é ainda mais verdadeiro que a cultura faz o homem (círculo antropogenético)<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> MARTIN, J. *No espírito e na verdade. Introdução antropológica à liturgia*. v. 2. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 179-180.

<sup>7</sup> SANTE, C. “Cultura e liturgia”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 276-277.



A antropologia cultural, então, nos auxilia na compreensão sobre o rito, pois abre o questionamento sobre o homem em relação à sua ritualidade na cultura<sup>8</sup>. É a partir da cultura que são compreensíveis os conceitos sobre Deus, sagrado e fé, bem como a linguagem utilizada para expressá-los.

No horizonte do entendimento e formação do rito, o princípio de toda experiência religiosa passa pelo processo cultural. Este processo é o desenvolvimento de uma linguagem, ou seja, de uma forma de comunicação dentro de estruturas típicas de determinada forma de pensamento e de ação, de modelos e práticas precisos<sup>9</sup>. Exatamente, é um caminho que faz o intercâmbio dos estados subjetivos como: sentimentos, ideias, atitudes de comportamento, experiências; e serve-se de meios palpáveis para expressá-los, tais como: palavras, símbolos, gestos, sinais visuais ou acústicos, dentre outros<sup>10</sup>. Estes elementos são organizados, articulados e dinamizados até consolidarem-se como um rito preciso.

Assim, na gênese do rito está o sagrado, o divino, aquilo que é apontado como mistério<sup>11</sup>. Trata-se daquela realidade oculta de que não se tem conhecimento imediato, à qual se referem as inúmeras configurações religiosas ao longo da história. Este sagrado, mistério tremendo e fascinante, se dá a conhecer; o homem toma conhecimento dele porque ele deixa de aparecer como mero princípio do ser, abstrato, longínquo. Ele se manifesta, mostra-se como algo absolutamente diferente do profano, do natural<sup>12</sup>.

---

<sup>8</sup> A antropologia cultural “nasce originariamente do estudo dos costumes e do comportamento dos povos primitivos, chamando-se também ‘etnologia’ em âmbito europeu, mas que agora se está ampliando, incluindo a matriz biológica do homem com as contribuições da etologia e da sociobiologia, incorporando a análise dos mecanismos do aprendizado e da comunicação, a exploração psicanalítica do inconsciente, além – naturalmente – evidenciar os aspectos culturais e sociais, que seriam como que duas grandes coordenadas de cuja intersecção o ‘homem’ teria derivado.” (TERRIN, A. “Antropologia cultural”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 63).

<sup>9</sup> SANTE, C. op. cit., p. 277.

<sup>10</sup> MARTIN, J. *A liturgia da Igreja. Teologia, história, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 206.

<sup>11</sup> O sentido fundamental de mistério aqui enfatizado refere-se ao caráter arcano, secreto, não acessível ao conhecimento humano ordinário da realidade a que se refere. Na etimologia mais frequente, constituindo a transcrição da palavra grega “*mystérion*” formada da raiz indo-europeia “*my*”, significa fechar ou apertar a boca e mais tarde, por extensão, os olhos; e pelo sufixo “*-térion*”, com o significado de lugar onde se deve fazer algo. No seu contexto religioso e teológico aparece como o mundo do sagrado. (VELASCO, J. “Mistério”. In.: SAMANES, C. – ACOSTA, J. (orgs.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 484-485).

<sup>12</sup> ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 13.

A manifestação do sagrado – hierofania<sup>13</sup> – em primeiro plano, é o momento da experiência originária do rito, é o princípio relacional entre o ser humano e Deus<sup>14</sup>. Ele atrai, seduz, é forte, mesmo não deixando de provocar no homem um distanciamento reverente; é mistério, ou seja, é o lugar em que o homem se encontra com o sagrado oculto, silencioso, que o instiga a um impulso incontrolável de aproximação.

Nesta experiência religiosa o homem se vê posto diante de Deus de diversas formas. As primeiras experiências com a hierofania são os fenômenos cósmicos: com o aparecer do sol ou mesmo as tempestades o homem compreende a sua situação de contato ou não contato com o sagrado, experimentando a benevolência ou a ira. Porém, em um outro estado de percepção, mais profundo e intenso, está a manifestação do sagrado através dos sentidos ou mesmo de um objeto qualquer, tais como uma pedra ou uma árvore. Como exemplo, recorda-se o impactante temor de Moisés diante de uma sarça que ardia no fogo e não se consumia (Ex 3,2)<sup>15</sup>.

Assim, é fundamental realçar que a experiência religiosa se torna um fato sensível, pois causa um sentido de admiração que o homem experimenta em relação a ela. Esta experiência sai da indeterminação conceitual, passando para algo que é experimentado pelos sentidos<sup>16</sup>. Por isso, esta experiência religiosa para o homem não é uma vaga percepção do sagrado; ao contrário, o homem vê o divino sair do oculto e deixar-se perceber como realidade pessoal com a qual ele pode entrar em contato de maneira mais íntima e profunda<sup>17</sup>.

<sup>13</sup> O uso do termo hierofania indica o ato de manifestação do sagrado como uma realidade inteiramente diferente das realidades “naturais”, porém, sem nenhuma clareza ou precisão. É o numinoso que se singulariza como algo radical e totalmente diferente da realidade “natural”, não se assemelhando a nada de humano ou cósmico, e provocando no homem um sentimento de profunda nulidade ante algo grandioso e tremendo. (Idem., p. 12-13).

<sup>14</sup> A experiência geralmente designa uma forma peculiar de conhecimento. Diante da ambivalência de seu uso, aqui, trata-se de uma forma de conhecimento que se caracteriza por constituir a captação imediata de uma realidade interna ou externa; não uma “imediaticidade” absoluta, dado que o contato experiencial é mediado pela cultura, mas como algo vivido, algo que repercute o sujeito, implica-o, e transforma, de alguma forma, sua vida e sua realidade. (VELASCO, J. “Experiência religiosa”. In.: SAMANES, C. – ACOSTA, J. (orgs.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 279-280).

<sup>15</sup> ELIADE, M. op. cit., p. 13.17-18.

<sup>16</sup> Aqui, o significado de experiência religiosa se consolida, tal como é entendido na contemporaneidade. Ela é a “captação imediata ou pela afetividade de uma realidade sobrenatural (...) que inclui todos os sentimentos, percepções, sensações experimentadas pelo sujeito, ou definidos por um grupo religioso, implicando certa comunicação, por pouco que seja com uma essência divina, isto é, Deus, a realidade última ou uma autoridade transcendente.” (VELASCO, op. cit., p. 279).

<sup>17</sup> MARSILI, S. “A liturgia. Experiência espiritual cristã primária”. In.: GOFFI, T. – SECONDIN, B. (orgs.). *Problemas e perspectivas da espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 211-212.

Esta captação sensorial na experiência religiosa é moldada pela cultura, ou seja, a cultura, através de sua linguagem comunicadora, dimensiona a experiência nos sentidos manifestando-a em palavras, gestos e sinais concretos; esta linguagem é chamada de simbólica<sup>18</sup>. Aqui o rito começa a se formar, justamente porque a ritualização é o estabelecimento de uma situação comunicativa a partir da experiência. Na linguagem simbólica procura-se manter e transmitir o impacto da experiência com o mistério.

Deste modo, a cultura se torna o terreno de leitura, interpretação e compreensão do rito. Ela é um conjunto de valores, crenças, modelos e estruturas com que o homem exprime e comunica o modo próprio de aproximar-se das diversas realidades, capta seus múltiplos aspectos e estabelece os nexos. Aqui aparece a imediata relação entre cultura e rito, pois a cultura traduz as experiências sensíveis do homem, indicando perspectivas e abrindo os horizontes para a transcendência<sup>19</sup>.

O sistema cultural dimensiona o campo simbólico – gestos e movimentos, palavras e coisas – num todo coerente que permite ao homem situar-se diante do outro, do mundo e, inclusive, do mistério, reconhecendo valores. A trama simbólica da cultura permite ao homem expressar aquela ulterior experiência religiosa que passou pelos sentidos<sup>20</sup>.

Para tanto, é oportuno compreender aqui o significado do símbolo e, posteriormente, sua expressão dentro do rito. Etimologicamente, o termo símbolo é proveniente do verbo grego “*symbállo*” que significa lançar junto, colocar junto, confrontar. Ele, no nível etimológico-semântico, indica uma parte, um fragmento que exige ser completado por outra parte para formar uma realidade completa e funcional; ele une duas realidades. É, da mesma forma, o conjunto de elementos sensíveis em que os homens, seguindo o dinamismo das imagens numa cultura, captam significados que transcendem as realidades concretas<sup>21</sup>.

Neste sentido, o símbolo reconstrói uma situação anterior que ficou suspensa ou que se prolonga. A riqueza de seu significado semântico vai além de

---

<sup>18</sup> MAGGIANI, S. op. cit., p. 1023-1024.

<sup>19</sup> SANTE, C. op. cit., p. 277-278.

<sup>20</sup> MAGGIANI, S. op. cit., p. 1024.

<sup>21</sup> SARTORE, D. “Sinal/símbolo”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 1142-1143.

um simples sinal<sup>22</sup>, pois ele é um significante que remete, não a um significado preciso, mas a outro significante que de certo modo se faz presente, embora não de maneira total e clara. Unindo duas realidades, a característica do símbolo é a sua profundidade, a relação de comunhão e presença, de modo que a realidade que ele indica e ao mesmo tempo expressa é acessível só nele e através dele<sup>23</sup>.

O símbolo, em sua pertinência, começa justamente quando passa do significado primário da linguagem ordinária àquele ulterior, mais profundo, que expressa a experiência e a profundidade do encontro. Ele é fundamental para formação do rito a partir da experiência do homem com o mistério. No que concerne ao religioso, “o símbolo se refere tanto às formas concretas com as quais se explicita uma determinada religião como ao modo de conhecer e de representar próprios da experiência religiosa. Os símbolos religiosos fazem sempre referência ao sagrado, isto é, ao mistério como realidade transcendente<sup>24</sup>.”

Conscientizando-se de que os símbolos, a partir da hierofania, são elementos sagrados mediadores que o conectam com o mistério, o homem não permanece na esfera da simples emotividade. Esta mediação sensível garante a ele um marco de sua experiência religiosa. No símbolo está manifesta a relação, ou melhor, a possibilidade de continuidade da relação<sup>25</sup>. Fortemente marcado pela hierofania, o homem se põe num caminho de continuidade: sente-se provocado a constantemente vivenciar esta experiência sempre de modo mais concreto.

Assim, sendo o símbolo um marco do movimento descendente no qual o divino manifesta-se ao ser humano, do mesmo modo o símbolo se configura como o instrumento de interação para o movimento ascendente de atração do ser humano para a esfera divina. Articular ordenadamente este símbolo, ou seja,

---

<sup>22</sup> O sinal é “uma realidade sensível que revela em si mesma uma carência e remete a outra realidade ausente ou não presente de igual modo (...). Indica-se, muitas vezes, por meio do termo significante o próprio elemento sensível, com o termo significado a realidade evocada, mediante o termo significação a relação estabelecida e, portanto, concretamente, a capacidade efetiva que um significante tem de ser tal para determinadas pessoas: capacidade que pode depender não só do elemento sensível, porém bem mais de um ‘código’ comum aos dois comunicantes, do contexto, da experiência anterior, etc. Quando, entretanto, o termo sinal é usado em sentido mais específico (e sobretudo em relação a símbolo), com ele em geral se pretende indicar uma realidade sensível que remete a um significado preciso, mas de caráter convencional: mais bem determinado, porém mais limitado; não existe, pois, entre o significante e o significado, relação de comunhão e de presença.” (Idem., p. 1143).

<sup>23</sup> SÁNCHEZ, J. “Símbolo”. In.: SAMANES, C. – ACOSTA, J. (orgs.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 781.

<sup>24</sup> MARTIN, J. op. cit., p. 225.

<sup>25</sup> BONACCORSO, G. *Il rito e l'altro. La liturgia come tempo, linguaggio e azione*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2012, p. 283-284.

articular uma ação simbólica será, por razão, o modo específico de expressão e de comunicação dessa experiência do ser humano com o divino, experiência intensa e que toca profundamente a realidade do ser humano. Em cada religião, essa experiência está ligada a momentos-chave da vida do homem ou de um grupo e de sua relação com o mistério.

As ações simbólicas, deste modo, são definidas nessa direção: como símbolos, não produzem, mas dão sentido à realidade da experiência; e, como ações, elas têm uma profunda conaturalidade com o devir das coisas<sup>26</sup>. Elas ainda nos permitem ordenar e dinamizar a relação: remetem-nos a uma totalidade dinâmica, à realidade como evento.

É em razão da interação entre o ser humano e o divino que a religião se faz concretamente culto e celebração cultural utilizando-se das ações simbólicas. O culto religioso proporciona a continuidade da experiência entre a realidade transcendente de Deus para o nível de presença espiritual e interior ao homem<sup>27</sup>. Da articulação ordenada do símbolo em vista da continuidade da experiência no âmbito religioso estrutura-se, então, o rito.

O rito é a “expressão” de uma “impressão” recebida no mais profundo do homem, neste caso dentro da experiência religiosa. É um caminho de manifestação do “ser” íntimo do homem que aflora e se torna mais efetivo implicando toda a pessoa. O rito é a manifestação integral – ou seja corpóreo espiritual – da dimensão sagrada da existência pessoal. O rito é um *sacramentum* do pessoal-vivencial que se expressa eficazmente e se abre a si mesmo, graças a seu valor significativo e significativo da realidade última, meta-histórica e transcendente. É um símbolo em ação, um sinal dramatizado, diacrônico, em movimento<sup>28</sup>.

No homem religioso o rito se torna uma ação típica. Encontros banais e superficiais não o instigam a um retorno, a um desejo de voltar à relação. O sagrado, porém, atinge seu interior, afeta-o; provoca uma reação em toda sua existência pessoal. Movimenta-o a expressar as suas mais valiosas experiências, a recordá-las, a retornar a elas, a celebrá-las. Assim, o rito religioso estrutura-se como o lugar onde se estabelece uma situação comunicativa com a experiência transformadora fundante, com o mistério, através de ações simbólicas, a fim de mantê-la no centro de sua consciência e transformá-la em fonte para seu agir<sup>29</sup>.

<sup>26</sup> Idem., p. 285.

<sup>27</sup> MARSILI, S. op. cit., p. 213.

<sup>28</sup> MARTIN, J. *No espírito e na verdade. Introdução antropológica à liturgia*, p. 184.

<sup>29</sup> “Dentro dos ritos especificamente religiosos se encontram os ritos apotropaicos para afastar poderes perigosos, os ritos de purificação, de expiação, de oferecimento e de comunhão”. (MARTIN, J. *A liturgia da Igreja. Teologia, história, espiritualidade e pastoral*, p. 232). E dos ritos religiosos

É interessante e marcante, ao longo da história, perceber como o homem religioso, para estruturar o seu agir humano, busca sempre um modelo transcendente. Seja pela intensidade da experiência primeira ou pela transformação que ela causa no seu interior, é fato que o homem vai-se construindo a partir de seu contato com o sagrado<sup>30</sup>. Mesmo que as experiências do cotidiano sejam fundamentais, a que mais lhe interessa é aquela profunda feita com o mistério.

Por isso mesmo, na linguagem profana do helenismo, o termo “*mysterion*” já indicava as celebrações rituais de vários cultos que ofereciam salvação, um caminho iluminado através da iniciação aos deuses (míticos)<sup>31</sup>. Referir-se ao mito ou experiência fundante na relação com o sagrado é o específico do rito religioso.

Imergindo simbolicamente o grupo no tempo primordial em que nasceu, essa anamnese ritual opera verdadeira regeneração. A retomada das energias no *in illo tempore* mítico da gênese do grupo constitui obstáculo às forças da morte que, inevitavelmente e sem descanso, tentam prejudicar a sua identidade, portanto, ameaçam sua existência, bem como o esgotamento do significado do mundo<sup>32</sup>.

Antropólogos contemporâneos, como Radcliffe-Brown, ao tratar do lugar do rito na religião, afirmam que para se compreender uma religião deve-se concentrar a atenção nos ritos, mais do que nas crenças, pois eles possuem uma função social de regular, manter e transmitir, de geração em geração, os sentimentos em que se edifica uma comunidade, um grupo religioso<sup>33</sup>. A repetição periódica da ação simbólica articulada, ordenada, não só permite a continuidade da experiência com o sagrado, mas expressa, também, a marca profunda que a experiência primeira causou no ser humano, permitindo que outros, posteriormente, dela também participem. Deste caminho, temos um conceito mais preciso de rito, como “conjunto de ações ou gestos simbólicos que têm por objetivo assumir, expressar, celebrar, comunicar ou transmitir o acontecimento que motiva uma celebração, e

---

mais comuns, estão: os ritos de crise, de passagem e cíclicos. Ritos de crise são aqueles que surgem diante das crises individuais causadas por situações incontroláveis, nas quais o homem se vê totalmente incompetente, como enfermidades, incêndios, secas etc.; eles procuram resolver ou aliviar, procurando propiciar uma contra ação. Ritos de passagem ou trânsito são aqueles referentes ao nascimento, à iniciação, ao matrimônio e a morte, que se apresentam como grande hermenêutica da existência. Ritos cíclicos estão ligados ao curso do tempo, escandem pontos importantes de começo e fim das estações, regulam o tempo social, tempo de festa etc. (TERRIN, A. “Antropologia Cultural”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. (orgs.). *Dicionário de liturgia*, p. 73-76).

<sup>30</sup> ELIADE, M. op. cit., p. 52.

<sup>31</sup> NEUNHEUSER, B. “Mistério”. In.: SAMANES, C. – ACOSTA, J. (orgs.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 757.

<sup>32</sup> MAGGIANI, S. op. cit., p. 1025.

<sup>33</sup> TERRIN, A. op. cit., p. 73.

também as atitudes pessoais e comunitárias com as quais se representa, vive-se e se atualiza o que está sendo celebrado<sup>34</sup>.”

Emerge, aqui, a importância do termo “celebração”<sup>35</sup> por sua estreita relação com o rito religioso. Ela define bem o momento ritual. Celebrar é festejar, comemorar, tornar célebre um fato marcante. A profunda experiência com o sagrado faz com que o homem ou um grupo a festejem e, ao mesmo tempo, queiram torná-la conhecida e transmiti-la.

A celebração, assim, carrega em si uma motivação, um acontecimento pelo qual um grupo se reúne para recordá-lo, vivenciá-lo e compartilhá-lo. É um fazer público, ligado a uma comunidade religiosa, que é geralmente realizado com solenidade e que se destaca do cotidiano. Este acontecimento festejado é o coração do rito.

Próximo ao termo celebração, também está o termo “culto”, bem apropriado na sua relação com o rito. Do latim “*cultus*”, “*colere*” indica o ato de honrar, venerar algo. É uma expressão concreta do agir religioso, enquanto manifestação da relação fundamental do homem com Deus. Ele compreende atos internos e externos nos quais se realiza essa relação, dos quais o rito é o ato externo fundamental<sup>36</sup>.

Na celebração cultural o rito é o fio condutor de tudo. Como um marco da experiência religiosa, o rito na celebração cultural não só irá se referir ao sagrado, mas também ao ser humano, isto é, aos elementos que, a partir da experiência religiosa, dão “identidade” ao homem ou grupo religioso que fez a experiência primeira com o mistério. A profunda marca da experiência religiosa, como visto nas páginas anteriores, é envolvente a tal ponto que atinge o homem

<sup>34</sup> MARTIN, J. op. cit., p. 178.

<sup>35</sup> Proveniente do termo latino “*celeber*”, indica propriamente lugar frequentado. No sentido translado significa algo solene, magnífico, glorioso, referindo-se tanto aos homens quanto aos deuses. Conforme seu uso, a ação de “frequentar” proveniente do termo “*celeber*” assume o significado de honrar, cercar de cuidado e estima, exaltar. Assim, no âmbito religioso, encontramos o ápice da evolução semântica do termo, já que reúne em si a ideia de multidão, de solenidade, de culto e de louvor. Do mesmo modo, o termo também indica a ação de repetir, falar muitas vezes de alguma coisa, tornar conhecido, anunciar. (SODI, M. “Celebração”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 184-185).

<sup>36</sup> Recorda, ainda, Julián Lopes, que entre os elementos fundamentais do culto estão: a atitude de submissão (“*subjectio*”), a adoração (“*latria*”), a tendência para Deus (“*devotio*”), a dedicação ou entrega a ele (“*pietas*”) no serviço religioso (“*officium*”), e as reações emocionais diante do ‘tremendo’ e ‘fascinante’ do sagrado ou numinoso mistério (MARTIN, J. *A liturgia da Igreja. Teologia, história, espiritualidade e pastoral*, p. 84-85).

integralmente. A ação ritual do culto, da celebração, torna-se a expressão do desejo da anamnese da experiência.

A expressão externa do culto consiste em ações que tocam a esfera corpórea humana e ocupam tanto o tempo quanto o espaço. Toda expressão cultural, na verdade, é constituída de ritos que exigem tempos e lugares sagrados. A natureza do culto é tal que não pode ser reduzida, mesmo nas suas manifestações exteriores, à mera funcionalidade no sentido de que seu valor decorra somente do fato de favorecer e sustentar o relacionamento religioso com a divindade; pelo contrário, o próprio culto constitui e exprime a relação Deus-homem<sup>37</sup>.

A atividade cúlculo-celebrativa, que tem em seu cerne o rito, encontra enfim uma expressão que sintetiza e define bem todo processo até aqui manifesto: a liturgia<sup>38</sup>. Já utilizada na época helenística no espaço religioso-cultural, o termo “liturgia” designava o serviço que se deve prestar aos deuses – no que se refere aos cultos místéricos – por pessoas para isso designadas. Mesmo podendo indicar a ação ou valor “público” do rito religioso, o verbo “*leitourgéo*”, bem como o substantivo “*leitourgía*” apontam para um significado comum de “serviço ordenado” como cerimônia determinada ou relacionada a certa divindade no seu templo<sup>39</sup>.

Se o termo “*leitourgía*”, em sua originalidade, indica alguns elementos distintos, mesmo no uso religioso, ela se firmará no âmbito cultural, de modo que o termo indicará o serviço de culto que é devido a Deus. Nesta designação fundamental, a liturgia condensa e manifesta todo caminho percorrido entre a experiência religiosa primitiva e a formação da identidade religiosa. Isto é, a liturgia é uma atividade de tipo parabólica pois reúne, congrega e é metafórica, porque nos transporta para outro lugar. Ela é, ainda, alegórica, porque fala de outra realidade (divina, sagrada, misteriosa) e, enfim, é simbólica, ligando-nos a esta outra realidade<sup>40</sup>.

O potencial da liturgia está, justamente, em sua íntima relação com o rito, pois ele é o cerne da celebração litúrgica. O rito é a mediação ativa que possibilita, na liturgia, a profunda experiência com o sagrado. Justamente, porque

<sup>37</sup> BERGAMINI, A. “Culto”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 271.

<sup>38</sup> Etimologicamente, do grego clássico “*leitourgía*” (“*laós*” – povo; “*érgon*” – obra) com os mesmos correlativos “*leitourgein*” e “*leitourgós*”, usado em sentido absoluto, sem especificar o objeto, para indicar a origem ou destino popular de uma ação ou de uma iniciativa. (MARTIN, J. op. cit., p. 90).

<sup>39</sup> MARSILI, S. “A liturgia, momento histórico da salvação”. In: NEUNHEUSER, B. et alli. *A liturgia. Momento histórico da salvação*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 41.

<sup>40</sup> BRANDOLINI, L. “Animação”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 52.



a dinâmica ritual na liturgia é a concretização de um caminho que teve sua origem na experiência religiosa do ser humano com o divino. Neste caminho, em síntese, o ser humano captando pelos sentidos a manifestação do divino é auxiliado pelo processo cultural para fazer o intercâmbio dos estados subjetivos. Isto é, a cultura traduz em linguagem simbólica aquilo que foi captado pelos sentidos, dando ao ser humano os símbolos como instrumentos para retorno e continuidade da experiência com o divino. A profundidade da marca gerada pela experiência fez com que o ser humano desejasse retornar a ela articulando de forma celebrativa os símbolos, estruturando o rito e, com isso, concretizando a dinâmica ritual na liturgia que possibilita a outros participar da mesma experiência.

Assim, no que concerne à liturgia da Igreja, torna-se necessário, então, percorrer a dimensão bíblica do rito, detendo-nos nos elementos religiosos universais e particulares que a Sagrada Escritura fornece, especificamente os sinais sagrados fundamentais para formação do rito cristão.

## 2.2.

### O rito na Sagrada Escritura

O rito, na liturgia cristã, mesmo carregando em si toda uma equipagem antropológica e cultural, necessita também – como qualquer outra forma de culto – tomar consciência de sua origem. Como nenhuma religião carece de sinais e de símbolos, o cristianismo também possui seu próprio universo simbólico, não só para compreender e expressar sua relação com Deus – em seu mistério inefável – como também para celebrá-lo e viver, através de sua liturgia, sua relação com Ele.

Da genérica abordagem antropológica torna-se fundamental, agora, percorrer o caminho da Sagrada Escritura e, nela, os fundamentos do rito. Passa-se, desta forma, da abordagem da religião natural para o específico campo da religião revelada e seu culto. Por religião revelada se compreende a “relação que se estabelece entre o homem e Deus após o novo conhecimento de Deus comunicado ao homem pela revelação divina, conhecimento que supera aquele que se pode ter através de analogia”<sup>41</sup>.

Sobre esta revelação divina, pelos caminhos da Escritura, recorda-nos a *Sacrosanctum Concilium*: “Deus, que quer salvar e fazer chegar ao conhecimento

---

<sup>41</sup> MARSILI, S. “A liturgia. Experiência espiritual cristã primária.” In.: GOFFI, T. – SECONDIN, B. (orgs.). *Problemas e perspectivas da espiritualidade*, p. 213.

todos os homens (1Tm 2,4), havendo outrora falado muitas vezes e de muitos modos aos pais, pelos profetas (Hb 1,1), quando veio a plenitude dos tempos, enviou seu Filho, o Verbo feito carne<sup>42</sup>.”

Na revelação de Deus ao longo da história, expressa na Sagrada Escritura, captamos os sinais sagrados da comunicação de Deus sob a perspectiva da economia da salvação<sup>43</sup>. Esta economia é o projeto divino onde Deus comunica-se gradualmente com o homem – como na citação acima exposta – tornando-o capaz de conhece-Lo, responder-Lhe e amá-Lo, preparando o homem por etapas para acolher a revelação sobrenatural que Deus faz de si mesmo, que culminará na pessoa e missão do Verbo encarnado, Jesus Cristo<sup>44</sup>. Por isso, o projeto divino realiza-se ao mesmo tempo por ações e palavras, intimamente ligadas entre si que se iluminam mutuamente<sup>45</sup>.

São justamente as palavras e ações resultantes do agir revelador de Deus que dão fundamento à ação ritual na liturgia. As teofanias<sup>46</sup> – como o processo de comunicação entre Deus e o ser humano – concretizam-se em símbolos repletos de sentido e eficácia, compondo o agir ritual do culto. Por isso, aqui procuraremos

<sup>42</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. “Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia”. In: COSTA, L. (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, n. 5. (Doravante nos referiremos a este documento pela sigla “SC”).

<sup>43</sup> Para bem compreender a liturgia e, por conseguinte, para compreender os elementos do rito, torna-se necessário entender o mundo da revelação no horizonte do plano histórico da salvação. Pois a revelação, principalmente na Escritura, se apresenta como uma história em ato; história sagrada onde evidencia-se as intervenções de Deus no mundo, isto é, sua gradual revelação para atrair a si os homens e comunicar-lhes a vida divina e realizar, assim, seu reino. Ao mesmo tempo, é também história sempre em ato da resposta dos homens. As marcas deste gradual agir salvífico ordenado de Deus na história, no espaço e no tempo, é o quadro primário, o fundamento da ritualidade da liturgia eclesial. (VAGAGGINI, C. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 25-27).

<sup>44</sup> O entendimento acerca do lugar da liturgia na economia da salvação comporta, necessariamente, compreender o desenrolar do projeto divino. Como uma realidade misteriosa escondida no Pai, a economia da salvação começa a se desenrolar no tempo do seu anúncio e preparação. Este período, manifesto no Antigo Testamento, contempla uma série de pessoas, acontecimentos, instituições, realidades e sinais através dos quais a salvação foi anunciada. O segundo período, manifesto no Novo Testamento, é o tempo em que o anúncio se faz realidade, isto é, o Cristo – Palavra que se faz carne – realiza a obra da redenção humana e perfeita glorificação a Deus. Por fim, a economia da salvação tem sua atualização e permanência no tempo da Igreja ou tempo do Espírito, continuação e resultado do tempo de Cristo através da liturgia. (MARTIN, J. *A liturgia da Igreja. Teologia, história, espiritualidade e pastoral*, p. 71-73).

<sup>45</sup> CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000, n. 52-53. (Doravante nos referiremos a este documento pela sigla “CEC”).

<sup>46</sup> Teofania é um conceito de cunho teológico e um fenômeno característico em muitas passagens do Antigo Testamento. Este fenômeno indica uma aparição ou manifestação de Deus em algum lugar. O que difere a teofania da hierofania são as características da manifestação de Deus, isto é, no evento teofânico se evidenciam atribuições que revelam a divindade e poder de Deus. Proveniente da língua grega, a palavra “teofania” é composta pelos vocábulos “*théos*” (Deus) e “*phanei*”, (aparecer ou manifestar-se). (MCKENZIE, J. “Teofania”. In: MCKENZIE, J (org.). *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 923).

abordar os elementos centrais do Antigo e do Novo Testamento, que culminarão na ação ritual da liturgia da Igreja.

Na busca pelos expressivos sinais rituais do Antigo Testamento, passamos pelos primitivos sinais que apontam para a manifestação de Deus, isto é, para o seu agir relacional. O ser humano é o primeiro sinal, tal como visto nas páginas iniciais do livro do Gênesis: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança” (Gn 1,26). O ser humano é uma imagem, um sinal da criação de Deus; em si, implica a própria intervenção de Deus na existência<sup>47</sup>. E, por conseguinte, ele é o destinatário da constante intervenção salvífica de Deus. Cada teofania configura-se num estabelecimento de relação com este homem, de modo que a experiência proporcione uma contínua comunicação entre Deus e ele.

O segundo sinal primitivo é o sacrifício, já encontrado na história de Caim e Abel (Gn 4,3-8). Como um sinal ritual o sacrifício é uma oferta, uma entrega daquilo que se tem, uma primeira forma de culto que estabelece um colóquio, um diálogo, uma forma de comunhão entre o homem e Deus. É interessante que esta forma dialógica primitiva se torna um elemento fundamental da ação ritual ao longo da história, como veremos posteriormente. O terceiro sinal é o sinal-acontecimento, marcado pelo arco-íris após o dilúvio (Gn 9,11-17), o qual expressa uma aliança salvífica que Deus continuamente opera em favor dos homens<sup>48</sup>. Por fim, o quarto sinal é chamado de sinais-figuras, isto é, são aqueles sinais que colocam em relevo missões salvíficas que Deus opera através de determinados personagens, como reis, profetas, sacerdotes etc.<sup>49</sup>.

Os sinais – acima citados – que marcam as primitivas formas relacionais entre Deus e o homem foram se desenvolvendo, agregando outros elementos e estreitando sempre mais a dinâmica dialógica. Através destes sinais a revelação do amor de Deus ao seu povo torna-se cada vez mais clara e compreensível. Deus mostra-se fiel às promessas reveladas ao seu povo, faz aliança com Israel elegendo-o como seu povo, bem como manifesta o dom de sua palavra e

<sup>47</sup> MARSILI, S. *Sinais do mistério de Cristo. Teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 31-33.

<sup>48</sup> *Idem.*, p. 33-34.

<sup>49</sup> MARTIN, J. *No espírito e na verdade. Introdução antropológica à liturgia*, p. 157.

presença<sup>50</sup>. Os eventos originários se tornam viga mestra de uma história que se transformará no culto do povo de Israel.

O evento, no entanto, que baliza o centro e a identidade do culto de Israel é a Páscoa<sup>51</sup>. Ela confere uma profunda marca na história desse povo; não só é um evento libertador, mas é, também, transformador. A intensidade do evento pascal é tal que norteará a vida e a celebração. Sobre este evento, descreve S. Marsili:

A Páscoa judaica é o começo da conversão judaica: os hebreus, no Egito, tinham voltado para o paganismo propriamente dito. [...] Acontece uma revelação da parte de Deus a Moisés. Deus lhe revela seu nome, mas Moisés não sabe quem ele seja e então Deus lhe explica: “Eu sou aquele que os teus pais honravam com o nome de *El Shaddái* (...), mas o meu nome é *Iahweh* (‘eu sou aquele que sou’)”. E quando Moisés leva essa mensagem ao seu povo, este não o entende e não o aceita: “Não conhecemos *Iahweh*”. E Moisés precisa se esforçar muito para fazer esse nome entrar no meio do seu povo. Mas praticamente tudo lhe é contrário, porque a perseguição faraônica é endurecida (...). São páginas maravilhosas. Todas as páginas das pragas são uma espécie de fogos de artifício para colorir popularmente o fato da conversão. Só quando o povo de algum modo começa a dar-se conta desse ‘novo’ Deus é que Moisés recebe a ordem de falar com o faraó para obter permissão de sair do Egito. Mas a ideia de “sair para ir oferecer um sacrifício” nós a encontramos em todos os capítulos do Êxodo, do 3 ao 12 (...), porque esse é o fim da revelação: o culto a Deus. Ou seja, Israel deve se tornar o povo de Deus no sentido de povo libertado para ser consagrado ao serviço de Deus. Os hebreus saem depois de terem feito o sacrifício<sup>52</sup>.

A expressividade do evento da Páscoa – marcado tanto pela manifestação do Senhor que passou poupando as casas dos israelitas no Egito e ferindo os primogênitos egípcios, quanto na manifestação durante a passagem dos israelitas pelo Mar Vermelho – possibilita não só a formação do rito judaico, mas também a formação da identidade de um povo que se reconheceu como eleito, escolhido por Deus. Justamente porque, como toda teofania, no evento pascal o próprio Deus – em seu mistério – quis se manifestar, comunicar-se com aqueles que Ele elegeu. Esta teofania rica de gestos, palavras e ações proporcionou uma transformação na realidade do povo de Israel, de modo que eles ficaram motivados a retornar à

<sup>50</sup> MARSILI, S. “A liturgia. Experiência espiritual cristã primária”. In.: GOFFI, T. – SECONDIN, B. (orgs.). *Problemas e perspectivas da espiritualidade*, p. 214.

<sup>51</sup> Etimologicamente, “páscoa” tem o significado genérico de “passagem”. Possui, contudo, três possíveis raízes: uma acádia, que significa “passar”; uma egípcia, que significa “atingir”; e uma aramaica, que significa “proteger” ou “defender”. No texto de Ex 12,26, o redator expressa, assim, o termo: “É o sacrifício da Páscoa do Senhor, quando ele ‘passou’, poupando as casas dos israelitas no Egito, enquanto ‘feriu’ os primogênitos e ‘salvou’ as nossas casas.” (MARSILI, S. *Sinais do mistério de Cristo. Teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*, p. 40-42).

<sup>52</sup> Idem., p. 41-42.

experiência de forma celebrativa, ordenando elementos para estruturação de um rito.

No rito pascal judaico, alinha-se, especialmente, o rito primaveril realizado na noite da libertação. Oriundo de uma festa naturalístico-astral e pastoral de povos nômades anterior ao judaísmo, este rito contempla a celebração pelos nascimentos de ovelhas na primavera, onde era assado e comido um cordeiro de um ano, e seus restos queimados antes do dia seguinte. No caso dos povos sedentários, a oferta era do primeiro pão de cevada. Os comensais comiam em pé e vestidos para viagem. Atualmente, a compreensão sobre este rito indica que ele rito foi a festa mencionada em Ex 5,1 que, posteriormente, se tornou uma celebração do êxodo, simbolizado na refeição<sup>53</sup>. Todos estes elementos colaboraram, a partir da intensidade do evento, para a composição do rito, especialmente pelos símbolos que manifestam: cordeiro, refeição, pão, sacrifício etc.

É, pois, importante frisar que o culto de Israel gerado a partir deste rito é sinal sempre do lugar de encontro com o Deus que se revelou como amigo e pai do seu povo, guia e pastor, amante e esposo; por isso, é celebrado com fervor, intensidade, júbilo. Essa e outras intervenções históricas, interpretadas constantemente à luz da Palavra de Deus como momentos de salvação, não se perderão no tempo, mas serão compreendidas como contínua realização do desígnio salvífico de Deus através dos tempos<sup>54</sup>.

A celebração memorial é o modo da permanência no culto das intervenções de Deus na história e sua profunda marca no seio do povo. O conceito de memorial, aqui, é fundamental, pois está presente em todo culto do Antigo Testamento. Seu sentido provém do campo semântico da raiz “zkr” que indica representação ou “re-atualização” do passado que jamais permanece simplesmente passado, mas que se torna eficazmente presente. Não é um simples recordar-se das intervenções de Deus no culto, mas antes é um comportamento de Deus que leva o próprio Deus a intervir “de novo”, isto é, continuamente na realidade histórica<sup>55</sup>.

Precisamente, na Sagrada Escritura o memorial aparece como uma realidade que une em si passado e presente, com uma função rememorativa e atualizadora

<sup>53</sup> MCKENZIE, J. “Páscoa”. In: MCKENZIE, J. (org.). *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 696.

<sup>54</sup> MARSILI, S. “A liturgia. Experiência espiritual cristã primária”. In.: GOFFI, T. – SECONDIN, B. (orgs.). *Problemas e perspectivas da espiritualidade*, p. 214.

<sup>55</sup> NEUNHEUSER, B. “Memorial”. In.: SAMANES, C. – ACOSTA, J. (orgs.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 727.

ao mesmo tempo, garantindo, profeticamente, a esperança no futuro. O memorial é o eixo para realização do rito. Assim,

o valor de experiência espiritual – que cada ano revivia nessas festas e em seus ritos os eventos “sagrados” da história – era de tal maneira forte, que no rito se sentia anular-se a distância de tempo e de lugar que ocorria entre o evento salvífico e a celebração. A fé na indestrutível fidelidade de Deus, que jamais volta atrás na sua obra, fazia com que o antigo fato de salvação fosse experimentado como história presente<sup>56</sup>.

Outro elemento, igualmente importante, é a palavra. Sua expressividade simbólica perpassa a história da salvação, inclusive através da configuração da própria Escritura Sagrada. Os israelitas acreditavam que a palavra falada era uma realidade especial, como uma entidade dinâmica. Em uma cultura onde pouco se escreve, a permanência que a escrita dá à palavra se une à crença que a realidade apresentada pela palavra falada permanecerá. Observamos com clareza a crença na força das palavras especialmente nos pronunciamentos solenes, tais como: as palavras de uma aliança, de um matrimônio ou de promessas feitas, ou ainda nas bênçãos e maldições<sup>57</sup>.

Neste sentido, na economia da salvação, o instrumento primordial da comunicação de Deus com os homens é a sua palavra. Nos acontecimentos da vida do povo de Israel, a manifestação de Deus através de sua palavra prepara a chegada dos tempos messiânicos. Esta palavra dinâmica cria e dá vida a todas as coisas, convoca e congrega o povo, de modo que Deus comunica seu amor salvador<sup>58</sup>. Guardá-la é a resposta de Israel à ação de Deus. Assim, vemos: “Fica em silêncio e ouve, ó Israel: hoje te tornaste o povo de *Iahweh* teu Deus. Portanto, obedecerás à voz de *Iahweh* teu Deus e porás em prática os mandamentos e os estatutos que hoje te ordeno” (Dt 27,9-10).

A experiência com a Palavra reveladora, com o passar do tempo, vai se concretizando em forma de lei. E, com efeito, ela fornece a Israel um projeto de vida espiritual. Ela ainda tem a função simbólica de unir, de colocar junto o povo e seu Deus. A Palavra anunciada vai se tornando Escritura Sagrada, de modo que sua força simbólica encontra seu lugar no rito<sup>59</sup>. De fato, o mistério da Palavra de

<sup>56</sup> MARSILI, S. op. cit., p. 214.

<sup>57</sup> MCKENZIE, J. “Palavra”. In: MCKENZIE, J. (org.). *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 682.

<sup>58</sup> MARTIN, J. *A liturgia da Igreja. Teologia, história, espiritualidade e pastoral*, p. 154.

<sup>59</sup> RAVASI, G. “Linhas bíblicas da experiência espiritual”. In.: SECONDIN, B. – GOFFI, T. (orgs.). *Curso de espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 54-64.

Deus atravessa a existência do povo de Israel, encontra sua realização no culto prestado a Ele.

Por fim, outra realidade expressiva no Antigo Testamento é a bênção. Através do termo “*beraká*”<sup>60</sup>, a bênção expressa uma ação constante na relação entre Deus e o homem. A bênção manifesta comunicação de vida e eficácia quando é pronunciada por quem tem autoridade, como: Deus abençoa o homem ao longo da história de diversas formas, como na criação (Gn 1,22-28), aos patriarcas (Gn 12,2-3; 26,3-4) etc.; ou como alguém que representa a Deus, como Noé que abençoa seus filhos (Gn 9,26-27). A vertente ascendente da *beraká* parte da certeza de que toda vida do homem está nas mãos de Deus; é uma expressão de fé, gratidão e esperança através do louvor, como no cântico dos três jovens (Dn 3,52-90)<sup>61</sup>.

Ritualmente, dois elementos contribuem para a realização da bênção: o primeiro é a palavra, cheia de força divina; o outro é o gesto. No caso da bênção descendente, simbolizada pela imposição de mãos, expressa a transmissão de uma força salvífica. Na bênção ascendente, a expressão “Sê bendito (ou louvado), Senhor” é acompanhada com um gesto de oferecimento<sup>62</sup>. É interessante que na oração da *beraká* tanto a dimensão descendente quanto a ascendente estão bem articuladas. O rito manifesta a comunicação entre Deus, o homem e o mundo, ou seja, o louvor que é elevado a Deus é acompanhado pela certeza da bênção anteriormente derramada.

Feito este percurso, podemos verificar que, de fato, o Antigo Testamento não somente nos dá a palavra com valor de anúncio, prefiguração, comunicação, mas também nos apresenta ritos com valor de representação cultural de uma experiência comunicadora com o mistério de Deus. A conexão entre a teofania e o rito expressa, em toda sua simbologia, a atualidade do evento salvífico em nível

<sup>60</sup> O termo “*beraká*”, comumente traduzido pelo termo “bênção”, pode ser qualificado com os adjetivos descendente e ascendente. A bênção descendente indica uma comunicação de vida por parte de Deus, isto é, é uma ação onde Deus dota alguém de virtude salvífica. Nesta bênção descendente o ser humano é abençoado. A bênção ascendente, por sua vez, exprime admiração, louvor, agradecimento. Como Deus abençoa o homem, o homem abençoa, isto é, “bendiz” a Deus. (MCKENZIE, J. “Benção, abençoar”. In: MCKENZIE, J. (org.). *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 114-115).

<sup>61</sup> SODI, M., “Bênção”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004, p.124-125.

<sup>62</sup> Idem., p.125.

cultural. Este elemento não estará só presente no Novo Testamento, mas é também fundamental para compreender toda ritualidade cristã que brota nele.

Os sinais e símbolos do Antigo Testamento aparecem no Novo Testamento aplicados às relações entre Cristo e a comunidade de seus discípulos. Em Cristo se concentram todo sinal, símbolo e toda figura que aparecem na história salvífica anterior. Ele não só se serviu dos sinais da criação para dar a conhecer o Reino de Deus, mas cumpriu o que anunciavam os sinais-acontecimento e os sinais rituais, concentrando em sua pessoa os fatos da salvação da Antiga Aliança, especialmente a Páscoa (cf. Lc 22,7-20 e par.), e realizando curas por meio de gestos simbólicos que manifestavam claramente seu poder de salvação (cf. Mc 7,33-35; 8,22-25; Jo 9,6; etc.)<sup>63</sup>.

O Novo Testamento, por sua vez, apresenta Cristo como o evento salvífico, o mediador entre Deus e os homens (1Tm 2,5) e a realização da salvação anunciada no Antigo Testamento. São Paulo exprime esta realidade ao dizer: “Tudo isso (o culto judaico do AT) é apenas sombra do que há de vir, porque a ‘realidade’ (literalmente ‘o corpo’) é Cristo” (Cl 2,17). Nesta afirmação, Paulo entende que sendo o Antigo Testamento o tempo da promessa e da profecia, os sinais provenientes dele que compõem o culto judaico são sombra porque não têm real consistência, isto é, eles apontam para uma realidade, mas não são a realidade. Por outro lado, Cristo, Palavra encarnada, é entendido como a realidade não porque realiza as promessas e profecias, mas porque Ele mesmo é a realização. No mistério de sua encarnação não há caducidade ou imperfeição, de modo que sua vida é a realidade do novo culto<sup>64</sup>. É o mistério que revela o próprio mistério insondável de Deus, porque é um ato de Deus mesmo<sup>65</sup>.

Esta passagem da sombra para a realidade dentro da economia da salvação se dá, como recorda a carta aos Hebreus (Hb 1,1), porque Deus, que de muitos modos falou a seu povo ao longo da história, agora revela seu mistério falando diretamente pelo seu Filho. A encarnação de Cristo é a revelação última e definitiva de Deus diante do mundo<sup>66</sup>. O mistério da encarnação (“*kénosis*”)<sup>67</sup> de

<sup>63</sup> MARTIN, J. *No espírito e na verdade. Introdução antropológica à liturgia*, p. 158-159.

<sup>64</sup> MARSILI, S. *Sinais do mistério de Cristo. Teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*, p. 53-55.

<sup>65</sup> BOSELLI, G. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2014, p. 19.

<sup>66</sup> CASEL, O. *O mistério do culto no cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 22.

<sup>67</sup> Presente na Carta de Paulo aos Filipenses 2,7, a expressão “*kenose*” ou “*kenosis*” traduzida por “aniquilar-se a si próprio” ou “despojar-se” refere-se à encarnação de Cristo. Nela, o mistério do amor de Deus se revela através de um aniquilamento ou despojamento amoroso que é, concretamente, o assumir a natureza humana pelo Verbo Eterno. Este gesto é a realização da expectativa do tempo das promessas, a entrada da presença de Deus “no país do esquecimento” (Sl 88,13), da graça que nasce em nossa humanidade. (CORBON, J. *A fonte da liturgia*, p. 22-27).



Cristo é a suprema teofania, é o profundo gesto de comunicação e revelação do mistério de Deus à humanidade.

A intensidade deste evento é tal que o Novo Testamento utiliza o termo “epifania”<sup>68</sup> para tratar da profunda irrupção do mistério de Deus na história. A epifania não é uma manifestação semelhante ou comparável à hierofania ou à teofania pois não tem a mesma tonalidade. Enquanto estas últimas estão carregadas de distância, de aparências e de sombras, a epifania implica clareza e proximidade. Partindo, então, do sentido do termo epifania, a encarnação de Cristo é a manifestação mais clara, brilhante, luminosa e próxima de Deus para aqueles que andavam nas trevas, que habitavam em uma terra sombria (Is 9,1).

Dentre os “sinais-realidade” do NT, o primeiro e fundamental “sinal” é Cristo em si mesmo, enquanto sacramento da realidade eterna, que é a relação de amor de Deus ao ser humano. Em outras palavras: o amor de Deus pelo ser humano é a realidade da qual Cristo, na sua existência humano-divina, é o “sinal”. [...] Em Jo 6,28, Cristo se proclama pessoalmente como aquele que exerce o papel de “sinal de Deus”. O termo grego usado nos leva à “*sphragis*” (“sinal”), que é por excelência o “sinal” sacramental cristão<sup>69</sup>.

Para a Igreja, tudo na vida terrestre de Jesus Cristo é “sinal”<sup>70</sup> do mistério da salvação, pois Ele é a Palavra encarnada, é o mistério de Deus comunicado aos homens, é o plano da história da salvação que entrou no plano da história humana. A partir da encarnação e nascimento, cada traço da vida de Jesus servirá de fundamento para o culto da nova e eterna aliança, oferecendo elementos para a ação ritual. Dos panos de sua natividade ao sudário de sua paixão, dos seus gestos, dos seus milagres e de suas palavras captamos os sinais que revelam que em Jesus habita corporalmente a plenitude da divindade (Cl 2,9)<sup>71</sup>.

<sup>68</sup> Epifania é uma palavra que deriva do grego “*epi*” e “*phaneĩ*” que significam, sucessivamente, brilhar e aparecer ou manifestar-se. Na Antiguidade, ela indicava o aparecimento de uma divindade ou a entrada triunfante de um governante adorado como Deus, o qual era recebido como “salvador” (redentor, “*sotér*”). No Novo Testamento, vemos o uso do termo, por exemplo, quando São Paulo diz a Tito que “a graça de Deus se manifestou (“*epiphane*”) para a salvação de todos os homens. Ela nos ensina a abandonar a impiedade e as paixões mundanas (...) aguardando a nossa bendita esperança, a manifestação (“*epiphaneia*”) da glória do nosso grande Deus e Salvador, Cristo Jesus” (Tt 2,11-12<sup>a</sup>.13). (BERGER, R. “Epifania”. In: BERGER, R. (org.). *Dicionário de liturgia pastoral*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 149).

<sup>69</sup> MARSILI, S. op. cit., p. 56-57.

<sup>70</sup> A aplicação do termo “sinal” aqui difere daquela apresentada na primeira parte deste capítulo, na qual “sinal” é apontado como uma realidade sensível que revela em si mesma uma carência e remete a uma outra realidade (SARTORE, D. op. cit., p. 1143). Nesta reflexão, particularmente, o termo “sinal” é apresentado não como algo puramente intencional, mas como algo consistente de realidade, algo que não indica um futuro, mas depende, em seu ser, de um fato ou acontecimento que se realizou. (MARSILI, S. op. cit., p. 54).

<sup>71</sup> CEC, n. 515.

Os acontecimentos históricos da vida de Cristo vistos como sinais – especialmente sua Páscoa – são o centro ou acontecimento-cume da história da salvação e se transformarão em símbolos para o novo culto. Como recapitulador – revelador e realizador – da salvação, Cristo é mediador tanto do passado (tempo das promessas e das figuras) quanto do futuro (tempo da Igreja e da imagem). Deste modo, as promessas e sinais-figuras do Antigo Testamento encontram nos sinais da vida de Cristo sua concretização e sua realidade. Por sua vez, o Novo Testamento parte dos sinais da vida de Cristo, permitindo que os sinais-imagem do tempo da Igreja sejam uma realidade continuada de Cristo<sup>72</sup>.

Em Cristo, o culto do Antigo Testamento encontra seu fim, não o abolindo, mas levando-o a pleno cumprimento (Mt 5,17), purificando-o, superando a forma imperfeita, as sombras, as figuras, devido não somente à imperfeição das coisas humanas em relação à Deus, mas em vista de uma melhor liturgia (Hb 8,6), de um culto em espírito e verdade (Jo 4,7-26). Cristo, deste modo, faz a passagem do culto vivenciado na dimensão figurativo-profética para a dimensão da realidade, isto é, da promessa realizada<sup>73</sup>. Ele não se colocou de fora daquilo que constituía o rito da liturgia judaica, mas foi ao mesmo tempo realização da salvação anunciada nesse rito e “sinal” sagrado de um novo culto no qual Deus iria incluir a salvação mais perfeita.

Esta nova dimensão do culto pode ser lida nas palavras de Cristo sobre a destruição do Templo de Jerusalém (Mt 24,1-2; Mc 13,1-2; Lc 21,5-6), a qual tem o seu anúncio mais característico e próximo no evangelho de João: “Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei” (Jo 2,19). Com essas palavras, Cristo questionava todo ordenamento material e sacrificial do culto, passando a um culto em um templo que “não é obra de mãos humanas, isto é, não pertence a esta criação” (Hb 9,11). Com efeito, Jesus “falava do templo do seu corpo” (Jo 2,21), sede do novo culto imaterial “em espírito e verdade” (Jo 4,23)<sup>74</sup>.

O corpo de Jesus, ou seja, a sua vida será o espaço relacional entre o ser humano e Deus, pois Ele é a epifania do mistério, o lugar onde Deus se revela, se deixa encontrar pelo ser humano e se relacionar. Por isso, toda vida de Jesus será

<sup>72</sup> Os sinais do Antigo Testamento também chamados tipos ou figuras somente apontam para a realidade salvação, mas não tem consistência ou a realidade em si mesmos. Já a imagem, no tempo da Igreja, é o sinal ou configuração cheia de realidade. (MARSILI, S. op. cit., p. 66-67).

<sup>73</sup> MARSILI, S. “Das origens da liturgia cristã às caracterizações rituais”. In: MARSILI, S. et alli. *Panorama histórico geral da liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 15-17.

<sup>74</sup> Idem., p. 16.

o fundamento da ação ritual da Igreja, será o eixo do culto da nova e eterna aliança. Disto, comenta O. Casel:

Cristo é o mistério em pessoa (...). Suas ações humanas, sobretudo sua morte e seu sacrifício na cruz são um mistério porque aí Deus se revela de um modo que ultrapassa o entendimento humano. Sua ressurreição e ascensão são um mistério porque a glória divina se manifesta no homem Jesus. Mas tudo isso se reveste de maneira escondida ao mundo e conhecida apenas pela fé. Os apóstolos anunciaram este ‘mistério de Cristo’, e a Igreja o transmite a todas as gerações. Contudo, da mesma forma que a economia da salvação não compreende apenas um ensinamento, mas acima de tudo a obra redentora de Cristo, assim a Igreja não conduz a humanidade à salvação apenas com a palavra, mas também com ações sagradas. É pela fé e pelos mistérios que o Cristo vive sempre na Igreja<sup>75</sup>.

Em Cristo, deste modo, reconhecemos a realização do projeto salvífico de Deus anunciado e ritualizado no culto do Antigo Testamento. Em sua vida, toda carga simbólica da economia da salvação manifesta é captada pela comunidade dos seus discípulos, os quais estruturam a ação ritual da liturgia da Igreja, celebrando o memorial de sua Páscoa redentora.

A compreensão da liturgia é mais completa e coerente quando é situada na perspectiva que lhe é conatural, isto é, dentro da economia salvífica projetada e revelada pelo Pai, realizada pelo Filho e Senhor nosso Jesus Cristo e levada a termo pelo Espírito Santo na etapa da Igreja, que vai desde Pentecostes até o retorno glorioso de Cristo. Mas o centro desta economia é ocupado pelo mistério pascal de Jesus Cristo que, por sua vez, é o núcleo de toda celebração litúrgica. Nesse mistério, realizou-se a salvação que a Igreja anuncia e atualiza na liturgia<sup>76</sup>.

Por isso, torna-se necessário, agora, percorrer o caminho tomado pela Igreja, a qual, partindo da vida de Cristo e unindo progressivamente outros sinais e símbolos procedentes da matriz bíblica, estruturou a ação ritual da liturgia. Nesta liturgia é igualmente necessário reconhecer como o rito manifesta o projeto salvífico de Deus realizado em Cristo e o faz realidade permanente na vida da Igreja.

### 2.3.

#### **Os Padres da Igreja e a teologia do rito**

A irrupção de Deus na história, através da encarnação e ação redentora de seu Filho, é a epifania de seu mistério. Nela, além de tornar realidade todas as promessas anunciadas no Antigo Testamento, também proporciona ao ser humano a maior e mais profunda experiência com Ele. Deste modo, a reflexão presente nas

<sup>75</sup> CASEL, O. op. cit, p. 19.

<sup>76</sup> MARTIN, J. *A liturgia da Igreja. Teologia, história, espiritualidade e pastoral*, p. 68.

páginas anteriores nos permitiu compreender que o novo culto inaugurado por Jesus Cristo no Novo Testamento carrega a realidade do plano histórico da salvação. Neste novo culto, o próprio Senhor perpetua sua presença e sua ação salvadora no tempo da Igreja, pois Ele mesmo é a realidade da salvação celebrada. A liturgia da Igreja, então, inserida neste plano salvífico, expressa essa realidade dinâmica.

A liturgia, na história da salvação, é sempre um dom divino para a Igreja e obra de toda a Santíssima Trindade na existência dos homens. No culto religioso, expressão do desejo do homem de se aproximar de Deus, a liturgia cristã faz parte da automanifestação do Pai e de seu amor infinito para com o homem, por Jesus Cristo no Espírito Santo. A dimensão trinitária da liturgia é o princípio teológico fundamental de sua natureza e a primeira lei de toda celebração<sup>77</sup>.

Coube à Igreja, deste modo, estruturar sua liturgia captando da vida de Cristo os elementos que compõem a ação ritual deste novo culto. Cristo é, desta forma a realidade íntima e perene da celebração litúrgica e a liturgia, em consequência, é o exercício da fé e a epifania de Cristo na fé<sup>78</sup>. Cristo, desse modo, não só recapitulou em si todos os sinais e figuras do Antigo Testamento, mas para perpetuar sua ação salvadora instituiu e confiou à Igreja ações simbólicas e rituais.

Dessas ações destacam-se os sacramentos nos quais renasce e se edifica continuamente a Igreja, como o Batismo (Jo 3,3-5; Mc 16,16; etc.) e a Eucaristia (Mt 26,26-29 e paralelos)<sup>79</sup>. Os sacramentos, por conseguinte, apresentam e carregam em si mesmos o mistério de Cristo porque são imagens reais de sua ação salvífica no tempo da Igreja. Eles revelam e atualizam a presença redentora, isto é, a presença de uma ação divina de salvação<sup>80</sup>.

Na época apostólica foram desenvolvidas, então, as formas fundamentais do rito para a liturgia da Igreja. Seguindo os ensinamentos do Senhor e assimilando os sinais que proclamam o acontecimento salvífico, a Igreja paulatinamente estrutura a sua ação ritual<sup>81</sup>. Nesse processo, as formas próprias da vida religiosa

<sup>77</sup> MARSILI, S. *Sinais do mistério de Cristo. Teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*, p. 74.

<sup>78</sup> BASURKO, X. – GOENAGA, J. “A vida litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica”. In: BORÓBIO, D. (org.). *A celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental*. v. 1. São Paulo: Loyola, 2002, p. 47.

<sup>79</sup> MARTIN, J. *No espírito e na verdade. Introdução antropológica à liturgia*, p. 159.

<sup>80</sup> MARSILI, S. op. cit., p. 71.

<sup>81</sup> Entre os textos mais antigos, além das Escrituras, que se encontra uma fórmula ritual para uma celebração está a “Didaqué”, também chamada “Ensino dos Doze Apóstolos”. Ela, composta provavelmente nos últimos decênios do século I, mais em particular em torno dos anos 80-90 d.C. Em sua segunda parte, entre os artigos 7 e 10, encontram-se instruções litúrgicas a respeito do modo de administrar o batismo, sobre o jejum, a oração e a eucaristia. (FRANGIOTTI, R.

cotidiana da qual primeiros discípulos provinham e na qual permaneceram por muito tempo foi essencial<sup>82</sup>. Especificamente, a liturgia cristã se desenvolve carregando a herança bíblica, compreendendo o ensino e a obra salvadora de Cristo. Com o tempo, a liturgia também sofreu outras influências em seu desenvolvimento.

A primeira e mais importante influência na liturgia eclesial reside no fato de que a epifania do mistério salvífico ocorre no ambiente da cultura judaica. Por isso, suas formas culturais são o primeiro instrumento para a linguagem ritual da liturgia cristã<sup>83</sup>. Em seguida, recordamos que a mensagem cristã ultrapassa os muros da cultura judaica, chegando a outros povos com suas mais variadas culturas. Cada povo, também dotado de uma linguagem proveniente de seu ambiente cultural, fará a tradução de sua experiência com o mistério. Particularmente, a grande influência que o cristianismo sofre em seus primeiros séculos, a partir da expansão da mensagem cristã, é do helenismo<sup>84</sup>. Os cristãos se espalham entre os anos 70 e 140 por diversas regiões do mundo greco-romano –

---

“Introdução à Didaqué”. In: PADRES APOSTÓLICOS. *Clemente Romano. Inácio de Antioquia. Policarpo de Esmirna. O pastor de Hermas. Carta de Barnabé. Pápias. Didaqué*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 336-338).

<sup>82</sup> É necessário destacar que tanto Jesus quanto seus primeiros discípulos eram provenientes de um povo herdeiro de uma riquíssima liturgia, uma vida de oração bem definida e ordenada e de um culto rico, tanto público quanto privado. Esta herança do culto do Antigo Testamento – bem articulado em suas formas – reconhecemos nas práticas de Jesus no Novo Testamento. Jesus e os seus discípulos estavam mergulhados nesse ambiente cultural tão expressivo, praticaram suas várias formas e, por outro lado, também delas se afastaram progressivamente. (NEUNHEUSER, B. *História da liturgia através das épocas culturais*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 39-40).

<sup>83</sup> “Sobre isso se pode ver como são interpretados os componentes essenciais do culto, isto é, o templo, o altar e o sacrifício, embora na novidade evangélica o centro do novo culto seja Cristo, que, depois de sua morte e ressurreição, aparece como sacrifício, templo, altar, Páscoa: Sacrifício de Cristo + sacrifício dos cristãos, Templo Cristo + os cristãos (pedras vivas lapidadas pelo Espírito), Altar: Cristo que se oferece como vítima de expiação + os cristãos são altar, a exemplo de Cristo, Páscoa: Cristo é nossa Páscoa (ressurreição) + os cristãos também são Páscoa, Sacerdócio: Cristo é o único e sumo sacerdote + os cristãos são sacerdotes (dimensão real + dimensão ministerial).” (FLORES, J. *Introdução à teologia litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 23).

<sup>84</sup> A Igreja, progressivamente, vai adentrando o mundo greco-latino, promovendo um dos eventos históricos decisivos na conformação da têmpera espiritual própria do mundo ocidental. Há uma confluência entre a tradição cultural grega – já então transformada em modelo universal para a formação do homem culto antigo – e a nova mensagem religiosa difundida com a afirmação gradual cristã, que nesse mesmo movimento passa do estatuto de simples seita judaica ao de religião universal com identidade própria. Nessa confluência, a ideia de uma “recriação de sentidos” é de fundamental importância para se conceber a natureza da inserção do Cristianismo na cultura antiga. Essa recriação, contudo, não pode ser restringida ao encontro com o helenismo, pois, já dentro do Judaísmo, a novidade representada pelo Cristianismo impunha uma espécie de “terremoto semântico” nas ideias religiosas partilhadas com a matriz judaica. Por exemplo: a nomeação da divindade de Jesus – quando a comunidade cristã primitiva começa a chamá-lo “Senhor” – já é testemunho eloquente dessa novidade e da ruptura que se lhe seguiria. (BARRETO, M. “Razão e fé no encontro entre helenismo e cristianismo”. In: *Síntese* 96 (2003), p. 263-264.

marcado pelo helenismo – e se firmam em sua própria originalidade, especialmente no desenvolvimento interno da vida das comunidades cristãs<sup>85</sup>.

Entretanto, os conflitos que surgem nas fronteiras entre o cristianismo, o judaísmo e o helenismo são decisivos para a originalidade, desenvolvimento e configuração do rito cristão. Nesse meio, surgem as seitas gnósticas que praticam um dualismo religioso, articulando formas rituais que tomam elementos tanto da revelação cristã quanto dos cultos místéricos pagãos. O passo do desenvolvimento da literatura teológica diante da problemática gnóstica e alguns períodos de paz entre perseguições possibilitaram tanto uma firmeza na organização interna da Igreja, quanto uma evolução semelhante no âmbito da liturgia<sup>86</sup>.

Os Padres da Igreja<sup>87</sup>, neste período, contribuíram largamente para essa formação e configuração do rito na liturgia cristã. Eles compreendiam muito bem a perenidade e a presença do mistério de Cristo na história da salvação, bem como as culturas em que as comunidades cristãs estavam inseridas, de modo que fizeram habilmente uma ponte entre estas realidades. Por isso, não é estranho que na liturgia cristã, na pregação e ensino dos Padres aparecessem vocábulos, expressões, gestos e ações simbólicas procedentes do âmbito cultural e religioso do helenismo

Com isso, a comunidade dos discípulos, incorporada na vida do Cristo pelo batismo, a cada dia procura viver com mais intensidade a participação no mistério através da liturgia e compreendê-la.

“Que significa esse rito?” é a pergunta que também a Igreja antiga ouviu dirigida a si por parte dos seus filhos mais jovens, os catecúmenos e os neófitos. A resposta são as catequeses mistagógicas dos Padres. Os Padres mostram aos cristãos que, em toda ação litúrgica, estão presentes os eventos da salvação narrados pelo Antigo e o Novo Testamento. Além disso, atrás do rito litúrgico, está aquilo que de mais histórico possa haver: todo mistério da existência terrestre de um homem, Jesus Cristo, sua morte de cruz e sua ressurreição, toda a sua vida. O rito litúrgico, se não é constantemente mantido unido ao evento histórico do qual nasceu e do qual é memorial, torna-se “mudo”, “inexpressivo”, ou seja, torna-se uma imagem que não coloca mais em contato com o Senhor que salva na história, com o Senhor vivente. Assim como na liturgia hebraica, do mesmo modo na cristã, quando não se

<sup>85</sup> Cf. BASURKO, X. – GOENAGA, J. op. cit., p. 56.

<sup>86</sup> Cf. Idem., p. 56-58.

<sup>87</sup> A expressão “Santos Padres” ou “Pais da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunho particularmente autorizado da fé. Convencionou-se conceber como “Pai da Igreja” quem tivesse as qualificações de ortodoxia na doutrina, santidade de vida, aprovação eclesial e antiguidade. Assim, são aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes, e os dogmas cristãos, decidindo, deste modo, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda tradição posterior. (OLIVAR, A. “Patrística”. In.: SAMANES, C. – ACOSTA, J. (orgs.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 575-576).

conhece o sentido do rito se rompe contato entre a liturgia e a história da salvação<sup>88</sup>.

É possível perceber que, entre os Padres, é comum o pensamento segundo o qual o rito tem um valor propedêutico, isto é, ele prepara o fiel para um ensinamento mais profundo em relação ao mistério de Cristo. Nas apologias, muitas vezes, eles se utilizam dos ritos em suas formas e conteúdo doutrinal para fazer uma larga e profunda defesa da fé diante das controvérsias existentes. Nas catequeses mistagógicas, por sua vez, estruturam um ensinamento através do qual a pessoa é convidada a deixar-se envolver pelo rito, de tal modo que o próprio rito lhe ensine o que é por ele celebrado<sup>89</sup>.

Como exemplo, podemos ver na obra “I Apologia” de São Justino (um leigo da segunda metade do século II), na qual ele apresenta o emblema central da celebração eucarística, estruturado pelas palavras e gestos do Senhor na Ceia Pascal, bem como pelos sinais que a acompanham, definindo claramente o movimento da ação simbólica do rito.

Esse alimento se chama entre nós Eucaristia, da qual ninguém pode participar, a não ser que creia serem verdadeiros nossos ensinamentos e se lavou no banho que traz a remissão dos pecados e a regeneração e vive conforme o Cristo nos ensinou. De fato, não tomamos essas coisas como pão comum ou bebida ordinária, mas da maneira como Jesus Cristo, nosso Salvador, feito carne por força do Verbo de Deus, teve carne e sangue por nossa salvação, assim nos ensinou que, por virtude da oração ao Verbo que procede de Deus, o alimento sobre o qual foi dita a ação de graças – alimento com o qual, por transformação, se nutrem nosso sangue e nossa carne – é a carne e sangue daquele mesmo Jesus encarnado. Foi isso que os Apóstolos nas memórias por eles escritas, que se chamam Evangelhos, nos transmitiram que assim foi mandado a eles, quando Jesus, tomando o pão e dando graças disse: “Fazei isto em memória de mim, este é o meu corpo”. E igualmente, tomando o cálice e dando graças, disse: “Este é o meu sangue”, e só participou disso a eles<sup>90</sup>.

Na apologia, nota-se a dinâmica entre o dado revelado e transmitido, tomado como norma da fé e celebrado, perfazendo o elemento ritual como “*modus operandi*” da dinâmica cultural, primeiramente transmitida, depois transformada em um rito

<sup>88</sup> BOSELLI, G. op. cit., p. 29.

<sup>89</sup> Nas apologias ou nas catequeses mistagógicas dos Padres da Igreja se percebe claramente o desenvolvimento de uma teologia litúrgica a partir de dois aspectos presentes em toda teologia. O primeiro é aspecto irênico, que trata simplesmente do elemento expositivo da fé aos fiéis, e o outro é aspecto polêmico, que se manifesta a partir da defesa e prova da mesma fé contra os não fiéis reais ou metodológicos. No primeiro aspecto se expõe ao fiel a riqueza da teologia da liturgia. Já no segundo aspecto, se faz recurso à liturgia para provar o fundamento e a obrigatoriedade de um ponto da fé contra as negações ou objeções reais ou metodológicas que contra ele se movem. (VAGAGGINI, C. op. cit., p. 507).

<sup>90</sup> JUSTINO DE ROMA. “I Apologia”. In: JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologias. Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 82.

consolidado. Mais claramente, Justino demonstra que o rito vivenciado na liturgia da Igreja não provém de sinais aleatórios, mas são reflexos da manifestação do Mistério de Cristo em sua ação redentora através de palavras, gestos e sinais. Por isso, seu conteúdo e sua forma vêm do próprio Cristo.

Contudo, mais que uma simples recordação das ações de Cristo, o rito é resultado de uma experiência profunda que os apóstolos fizeram com Ele e a qual transmitiram. A ação ritual da liturgia da Igreja, então, carregando os símbolos dessa experiência epifânica do mistério, possibilita-nos também fazer esta experiência, na qual o Cristo se manifesta e nos torna partícipes de sua presença.

Tertuliano de Cartago, convertido ao cristianismo final do segundo século, também se utiliza de toda sua cultura a serviço da fé cristã. Em suas apologias, utilizando uma linguagem forte e incisiva, expõe a claridade da ação do plano salvífico de Deus atuante na história e no tempo da Igreja. Sobre isso, na apologia sobre o Batismo, ele diz:

Em rigor poderia comparar-se o batismo a um ato banal: os pecados mancham-nos, a água lava-nos... O espírito é lavado na água por intermédio do corpo, a carne é purificada pelo espírito. [...] Uma vez que o testemunho da fé e a garantia da salvação têm por caução as Três pessoas, necessariamente aí se encontra acrescentada a menção da Igreja, pois, onde estão os Três, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, também está a Igreja, que é corpo dos Três. [...] Ao sair do banho do batismo, somos ungidos com o óleo benzido, de acordo com a disciplina antiga. O nosso nome “cristão” provém de *crisma*, que significa unção e dá também o seu nome ao Senhor, pois foi esta unção, transposta para o plano espiritual, que, no Espírito, Ele recebeu de Deus Pai... Do mesmo modo, em nós, a unção realiza-se no corpo, mas aproveita-nos espiritualmente, tal como o rito do batismo é uma ação corporal, que consiste em sermos mergulhados na água, mas o seu efeito é espiritual, porque nos liberta dos nossos pecados<sup>91</sup>.

Nessa apologia, Tertuliano recorda que os sinais presentes na ação ritual da liturgia não são sinais vazios, mas são resultado do testemunho da fé da Igreja. Neles, profundos de sentido, atua e se manifesta a Trindade. O que se pode perceber nessa descrição do rito é que a mesma experiência salvífica realizada por Deus na história é, ainda, uma realidade atuante na liturgia justamente porque Ele fez da Igreja seu corpo. Incorporando a Igreja a si, a Trindade – através do Batismo – continua atuando, transformando e marcando os membros do corpo eclesial. Dessa forma, a manifestação do plano salvífico é uma realidade

---

<sup>91</sup> TERTULIANO. “O Baptismo”. In: CORDEIRO, J. (org.). *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 212.



permanente na vida da Igreja, a qual experimenta a manifestação próxima de Deus em sua caminhada.

No século III, destaca-se a figura de Santo Hipólito. Em uma época de extremada contenda doutrinal em Roma, com discussões ásperas e defesas violentas, ele se coloca em meio às disputas com a força de sua ciência, o ardor de sua oratória e o zelo do seu temperamento<sup>92</sup>. Em sua obra “Tradição Apostólica”, sua catequese é dividida em três partes, nas quais ele trata da constituição da comunidade, da iniciação cristã e faz uma série de observâncias sobre as celebrações da comunidade. Nas três partes, ao expor a doutrina, ele sempre se utiliza dos sinais e orações rituais, permitindo ao destinatário de sua catequese uma clara compreensão daquilo que ele deseja ensinar. Como exemplo, lemos na oração eucarística presente na primeira parte da obra, dedicada à celebração de eleição e consagração dos bispos:

Graças te damos, Deus, pelo teu Filho querido, Jesus Cristo, que nos últimos tempos nos enviaste, Salvador e Redentor, mensageiro de tua vontade, que é o teu Verbo inseparável, por meio do qual fizeste todas as coisas e que, porque foi do teu agrado, enviaste do Céu ao seio de uma Virgem; que, aí encerrado, tomou um corpo e revelou-se teu Filho, nascido do Espírito Santo e da Virgem. Que, cumprindo a tua vontade – e obtendo para ti um povo santo – ergueu as mãos enquanto sofria para salvar do sofrimento os que confiaram em ti. Que, enquanto era entregue à voluntária Paixão para destruir a morte, fazer em pedaços as cadeias do demônio, esmagar os poderes do mal, iluminar os justos, estabelecer a Lei e dar a conhecer a Ressurreição, tomou o pão e deu graças a ti, dizendo: Tomai, comei, isto é o meu Corpo que por vós será destruído; tomou, igualmente, o cálice, dizendo: Este é o meu Sangue, que por vós será derramado. Quando fizerdes isto, fá-lo-eis em minha memória. Por isso, nós que nos lembramos da sua morte e Ressurreição, oferecemos-te o pão e o cálice, dando-te graças porque nos consideraste dignos de estar diante de ti e de servir-te. E te pedimos que envies o teu Espírito Santo à Oblação da santa Igreja: reunindo em um só rebanho todos os fiéis que recebemos a Eucaristia na plenitude do Espírito Santo para o fortalecimento da nossa fé na Verdade, concede que te louvemos e te glorifiquemos, pelo teu Filho Jesus Cristo, pelo qual a ti a glória e a honra – ao Pai e ao Filho, com o Espírito Santo na tua santa Igreja, agora e pelos séculos dos séculos. Amém<sup>93</sup>.

Nesse texto da catequese, Hipólito estrutura um modelo de oração eucarística, uma literatura singular para a ação ritual, que em suas partes apresenta uma ação de graças, a narrativa, a anamnese, a oblação, a intercessão pela Igreja e a doxologia. Em seu conteúdo, iniciando com a dinâmica típica da *beraká*,

<sup>92</sup> GIBIN, M. “Prefácio”. In: HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição apostólica. Liturgia e catequese em Roma no século III*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 11-12.

<sup>93</sup> HIPÓLITO DE ROMA. op. cit., p. 49-50.

Hipólito apresenta a realidade do plano histórico da salvação com a encarnação de Cristo e o mistério de sua Páscoa redentora, e N'Ele o cumprimento das profecias.

Para tanto, Hipólito insere na oração as palavras, gestos e sinais da vida de Cristo. Hipólito também apresenta a eucaristia como memorial da Páscoa redentora, na qual a Igreja se põe diante da obra da Trindade que na celebração realiza sua epifania. Na intercessão, a oração ainda recorda que a Igreja experimenta a proximidade com o Deus que se revela e reúne o rebanho que a Ele pertence.

O século IV, por sua vez, tem como expoente São Cirilo, bispo da cidade de Jerusalém. Tendo sofrido muito por causa da fé, expôs admiravelmente aos fiéis em suas catequeses mistagógicas a doutrina, a Escritura e os santos mistérios. Em sua quarta catequese sobre o Corpo e o Sangue de Cristo, ele explana sobre o rito da celebração eucarística e suas consequências na vida do cristão. Ele diz:

Este ensinamento do bem-aventurado Paulo foi estabelecido como suficiente para vos assegurar acerca dos divinos mistérios, dos quais, tendo sido julgados dignos, vos tornastes concorpóreos e consanguíneos com Cristo. O próprio Paulo proclama precisamente: “Na noite em que foi entregue, Nosso Senhor Jesus Cristo, tomando o pão e depois de ter dado graças, partiu-o e o deu a seus discípulos, dizendo: Tomai, comei, isto é o meu corpo. E tomando o cálice e tendo dado graças, disse: Tomai, bebei, isto é o meu sangue”. Se ele em pessoa declarou e disse do pão: “Isto é o meu corpo”, quem se atreveria a duvidar doravante? E quando ele afirma categoricamente e diz: Isto é o meu sangue”, quem duvidaria dizendo não ser o seu sangue? [...] Portanto, com toda certeza recebemo-los como corpo e sangue de Cristo. Em forma de pão te é dado o corpo, e em forma de vinho o sangue, para que te tornes, tomando o corpo e sangue de Cristo, concorpóreo e consanguíneo com Cristo. Assim nos tornamos portadores de Cristo (crístóforos), sendo nossos membros penetrados por seu corpo e sangue. Desse modo, como diz o bem-aventurado Pedro, “tornamo-nos partícipes da natureza divina”. Também no Antigo Testamento havia pães de proposição. Mas esses pães, por pertencerem à antiga aliança, tiveram fim. Na nova aliança o pão celeste e o cálice de salvação santificam a alma e o corpo. Pois, como o pão se adequa ao corpo, assim o Verbo se harmoniza com a alma<sup>94</sup>.

Na catequese, São Cirilo começa recordando que a ação ritual celebrada pela comunidade dos discípulos é proveniente da Tradição Apostólica, isto é, é resultado da experiência que os primeiros discípulos fizeram com o próprio Jesus Cristo, que se manifestou como Senhor e Redentor. Por isso, os sinais, palavras e gestos não são vazios da realidade da salvação. Proveniente de Cristo, a ação simbólica do rito manifesta a presença do próprio Cristo.

<sup>94</sup> FIGUEIREDO, F. (org.). *São Cirilo de Jerusalém. Catequeses mistagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 42-43.

Além disso, a catequese também recorda que a realidade da presença de Cristo em Corpo e Sangue permite à Igreja experimentar sua proximidade. Por isso, o cristão ao receber o pão e o vinho consagrados une-se Àquele que se manifesta em Corpo e Sangue, tornando-se com Ele um só corpo.

Ainda no século IV, surge o bispo de Milão, Santo Ambrósio. Apesar de intensa atividade pastoral, Ambrósio deixa obras sobre exegese, ética, oratória, epistolar e hinoológica de relevante amplitude. Nas obras “Sobre os mistérios” e “Sobre os sacramentos”, ele trata dos sacramentos de iniciação cristã, frutos de seus sermões dominicais aos neófitos, desenvolvendo uma catequese pascal sobre a simbologia dos ritos e da Eucaristia. Nestas obras, Cristo é apresentado como sacramento primordial e sinal da ação salvífica de Deus<sup>95</sup>. Na catequese “Sobre os sacramentos”, ele diz:

Tudo isso não faz com que entendas o que a palavra celeste realiza? Se a palavra celeste age na fonte terrena, se age em outras coisas, não agirá nos sacramentos? Aprendeste, portanto, que o pão se transforma em corpo de Cristo, e que é o vinho, que é a água que se derrama no cálice, mas que pela consagração celeste se transforma em sangue. Talvez digas: “Não vejo a aparência de sangue”. Mas há o símbolo. [...] Queres saber mediante quais palavras celestes se consagra? Escuta quais são as palavras. O sacerdote diz: Faze para nós com que esta oferta seja aprovada, espiritual, aceitável, porque é a figura do corpo e do sangue de nosso Senhor Jesus Cristo. O qual, antes de sua paixão, tomou o pão em suas santas mãos, olhou para o céu, para ti, Pai santo, Deus todo-poderoso e eterno, deu graças, o abençoou, o partiu, e partindo o deu a seus apóstolos e discípulos, dizendo: “Tomai e comei disso todos, porque isto é o meu corpo que será partido para muitos”. [...] Vede, portanto, de quais maneiras a palavra de Cristo tem poder para transformar tudo. [...] Por acaso, devemos duvidar da fidelidade do seu testemunho<sup>96</sup>?

Ambrósio, na catequese, descreve detalhadamente o rito da Eucaristia destacando os sinais, os gestos e as palavras que, provenientes da ação do próprio Cristo, foram-nos transmitidos pela tradição apostólica. Estes símbolos, inseridos no Mistério Pascal de Cristo, são lugar e espaço de relação dos partícipes da Eucaristia com o Senhor. A estrutura desse ensinamento de Ambrósio é um convite direto para que a pessoa se deixe envolver pelo rito de tal modo que o próprio rito lhe ensine o que é por ele celebrado.

Por fim, entre os séculos IV e V desponta Santo Agostinho, bispo de Hipona, grande defensor da fé católica contra todas as situações que a

<sup>95</sup> FRANGIOTTI, R. “Introdução”. In: AMBRÓSIO DE MILÃO. *Explicação do símbolo. Sobre os Sacramentos. Sobre os mistérios. Sobre a penitência*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 10-17.

<sup>96</sup> AMBRÓSIO DE MILÃO. “Sobre os sacramentos”. In: AMBRÓSIO DE MILÃO. op. cit., p. 58-59.

impugnavam. Com um pastoreio fecundo, Agostinho deixa inúmeras obras dos mais variados temas. Na obra “A instrução dos catecúmenos”, ele expõe a arte de catequizar e seus preceitos, como se instrísse alguém que desejasse tornar-se cristão. Nela, lê-se:

O povo eleito levado para o Egito serviu a um rei duríssimo. Acabrunhado por trabalhos penosíssimos, procurou em Deus seu Libertador. Foi-lhe enviado do seu próprio povo um libertador, Moisés, santo servo de Deus, que pela força de Deus aterrorizou com grandes milagres a gente ímpia do Egito e dali retirou o povo de Deus atravessando o Mar Vermelho: separando as águas, ofereceu passagem aos caminhantes. E os egípcios que os perseguiram foram mortos, afogados pelas ondas que voltavam. Assim como a terra foi purgada da maldade dos pecadores pelo dilúvio das águas, perecendo aqueles na inundação enquanto os justos escaparam graças ao lenho, assim também, saindo do Egito, o povo de Deus encontrou um caminho por entre as águas pelas quais foram destruídos os seus inimigos. Nem aí faltou o símbolo do lenho, pois Moisés bateu com força uma vara para conseguir o milagre. Os dois fatos são o símbolo do santo Batismo, pelo qual os fiéis passam para uma nova vida: seus pecados, tal como os inimigos, são destruídos e morrem. Ainda mais claramente foi a Paixão de Cristo representada naquele povo quando se lhes ordenou que matassem e comessem um cordeiro, e com o seu sangue marcassem os umbrais das portas; e celebrassem isso cada ano e o chamassem de Páscoa do Senhor. De fato, a profecia diz a respeito do Senhor Jesus Cristo – de maneira evidentíssima – que *como um cordeiro foi conduzido à imolação*. É com o sinal de sua Paixão e Cruz que hoje és marcado como um umbral, e são marcados todos os cristãos<sup>97</sup>.

Na instrução, tendo como pano de fundo o plano histórico da salvação, Agostinho se utiliza de uma dinâmica comparativa entre a Páscoa do Antigo Testamento e a Páscoa de Cristo. Escolhendo este formato para sua catequese, Agostinho apresenta Cristo como o recapitulador de todas as coisas, recordando os sinais prefigurativos no Antigo Testamento que formaram o culto da antiga aliança. Estes sinais são sombras da realidade salvífica que é Cristo, no mistério de sua Páscoa.

O caminho que Agostinho percorre tem como objetivo apontar para os sacramentos nos quais renasce e se edifica continuamente a Igreja: o Batismo e a Eucaristia. Para tanto, ele destaca os símbolos da água e do lenho, além de outros sinais que compõem a ação ritual da liturgia da Igreja, a qual insere cada cristão na realidade da salvação.

Por meio dessas breves alusões, podemos perceber, em primeiro lugar, que as apologias e as catequese mistagógicas dos Padres da Igreja estão permeadas do uso da dinâmica ritual da liturgia. Através desta dinâmica, tanto os catecúmenos

---

<sup>97</sup> AGOSTINHO DE HIPONA. *Instrução dos catecúmenos. Teoria e prática da catequese*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 93-94.

quanto os neófitos do caminho da iniciação cristã ao aprofundamento da fé podiam compreender a profundidade e a largueza do mistério celebrado. Fica evidente o valor propedêutico do rito.

Em segundo lugar, na teologia dos Padres da Igreja, podemos perceber que o rito na liturgia se apresenta constantemente inserido no plano histórico da salvação. Expressão perfeita e única do culto espiritual inaugurado por Jesus, o rito cristão é um “sinal-síntese” porque condensa a presença santificadora do Mistério Pascal de Cristo e a presença santificada dos fiéis; é o lugar da experiência próxima e luminosa do mistério que é atuante e se manifesta<sup>98</sup>. Isto é possível porque por detrás do rito está a vida de Jesus, isto é, a ação ritual sendo formada por toda carga simbólica da revelação do mistério na vida de Cristo captada pela comunidade dos discípulos. O rito na teologia dos Padres é, deste modo, o lugar da atuação de Cristo no tempo da Igreja, no qual Ele se faz presença, manifesta-se e une a si todos os membros da Igreja.

Tendo, pois, percorrido o caminho dos fundamentos do rito na liturgia da Igreja, é importante notar que o rito não é algo simplesmente regulado, normativo e diacrônico. O rito é para os cristãos uma realidade que supera o tempo e o espaço porque os conecta ao mesmo tempo ao corpo eclesial e ao mistério que se revela e se deixa encontrar. O rito é, resumidamente, o lugar do encontro. Deste modo, cabe-nos agora, a partir dos fundamentos, compreender as características e o lugar do rito para a Igreja a partir da teologia litúrgica do Concílio Vaticano II.

---

<sup>98</sup> MARSILI, S. “A liturgia, momento histórico da salvação”. In.: NEUNHEUSER, B. et alli. *A liturgia. Momento histórico da salvação*, p. 57-58.

### 3. O rito na teologia litúrgica do Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II foi pensado, convocado e realizado para que a Igreja, entrando no íntimo de si própria e assistindo a realidade do novo tempo em que a humanidade está inserida, ponha em contato o mundo moderno, marcado por um profundo estado de indigência espiritual, com as energias vivificadoras e perenes do Evangelho. Apesar de nunca se colocar como uma espectadora inerte, a Igreja, acompanhando a evolução dos povos, o progresso científico e as revoluções sociais, viu brotar e desprender-se de seu seio imensas energias de apostolado para falar a essa nova realidade<sup>99</sup>.

A atenção que a Igreja dedica ao mundo, em cada tempo e lugar, como exercício de sua missão pastoral, permite que ela, de modo mais vivo, fortifique sua fé e olhe para si própria, especialmente voltando-se sempre às suas raízes bíblico-patristicas. A consequência disto é que o Concílio produz uma reflexão, tanto no aspecto doutrinário quanto nas premissas práticas, isto é, pastorais que, correspondendo à doutrina cristã, auxiliam na edificação do Corpo místico de Cristo e na sua missão.

No discurso de inauguração do Concílio, João XXIII recorda ainda que para o Concílio Ecumênico o que mais importa é que o depósito da doutrina cristã seja guardado e ao mesmo tempo ensinado de forma mais eficaz<sup>100</sup>. Essas palavras ressoam fortemente nos trabalhos conciliares, proporcionando uma reflexão profunda aberta a novos horizontes teológicos e pastorais, especialmente auxiliados por um processo de volta às fontes da vida cristã.

Neste contexto, a liturgia recebe grande atenção, sendo examinada como primeiro grande tema, sinal do reconhecimento de sua maturidade e de sua importância para a vida eclesial. Os critérios diretivos aprovados para reflexão da congregação geral no Concílio Vaticano II desejavam, de modo perspicaz e compreensivo, dar forma mais vital e eficaz às várias partes da liturgia,

---

<sup>99</sup> JOÃO XXIII. “Constituição apostólica com a qual é convocado o Concílio Ecumênico Vaticano II”. In: COSTA, L. (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 9-11.

<sup>100</sup> JOÃO XXIII. “Discurso na abertura solene do Concílio”. In: COSTA, L. (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 26.

conforme as necessidades pastorais hodiernas<sup>101</sup>. Isto porque, para a fé cristã, a celebração litúrgica se constitui como o coração, o motivo e o fundamento do encontro amoroso festivo entre o ser humano e Deus. Nesse encontro, que hospeda o mistério da paixão, morte e ressurreição de Cristo, a liturgia é a linguagem da fé. Ela manifesta a experiência do encontro que toma forma nos sentidos do ser humano e traz a necessidade de se encontrar com o desejo divino, no corpo eclesial<sup>102</sup>.

Para que a liturgia se explicita como uma realidade cheia de vitalidade e eficácia, possibilitando à humanidade, que vive sua indigência espiritual, uma experiência com o divino, os trabalhos conciliares precisam optar por um esquema que atinja estes objetivos. Basicamente, a dinâmica pastoral desejada nesse esquema conta com duas atitudes essenciais: trazer à tona a atualidade da liturgia e superar a visão estático-jurídica na qual ela era compreendida.

A primeira atitude passa pela distinção na liturgia da “Tradição”, que faz dela um elemento de contato vivo com o Cristo, superando aquilo que ao longo do tempo nela foi acrescentado e lhe deformava. A segunda atitude é apresentar a liturgia numa perspectiva “dinâmico-teológica” na qual a validade da celebração não reside simplesmente no cumprimento exterior do rito, mas na presença de Cristo que age no rito e com o rito<sup>103</sup>.

Essas duas atitudes, portanto, abrem uma nova perspectiva para a compreensão do rito na teologia do Concílio Vaticano II, compreensão, esta, que é o coração deste trabalho. Por isso, devemos percorrer os fundamentos da teologia litúrgica conciliar, bem como seu desdobramento na Constituição sobre a Sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium*. Nela, precisamos captar o sentido da ação ritual na liturgia e, deste modo, as características do rito como lugar de experiência com o mistério na liturgia.

---

<sup>101</sup> BUGNINI, A. *A reforma litúrgica. 1948-1975*. São Paulo: Paulus, Paulinas e Loyola, 2018, p. 57-59.

<sup>102</sup> TOMATIS, P. *La festa dei sensi. Riflessioni sulla festa cristiana*. Assisi: Cittadella Editrice, 2010, p. 46-47.

<sup>103</sup> MARSILI, S. “A liturgia, momento histórico da salvação”. In.: NEUNHEUSER, B. et al. *A liturgia. Momento histórico da salvação*, p. 106-107.

### 3.1. Os fundamentos teologia litúrgica conciliar

O trabalho do Concílio Ecumênico Vaticano II não foi simples, pois teve de superar posições controversas e, até mesmo, contraditórias. Dentre elas, por exemplo, a liturgia. Vista, frequentemente, como uma mera cerimônia tradicional, ela era reduzida quase que somente pelo seu valor jurídico-estático<sup>104</sup>. O complexo desenvolvimento das discussões conciliares possibilitou alguns elementos para superação dessa visão.

Contudo, a reflexão conciliar sobre a liturgia não estava destituída de suporte. O caminho tomado desde meados do século XIX pelo Movimento Litúrgico<sup>105</sup>, num processo de volta às fontes da vida cristã, auxiliou largamente o trabalho da comissão litúrgica preparatória do Concílio. Basicamente, através de um suceder de semanas, de encontros e de congressos litúrgicos, o Movimento Litúrgico se articulou no plano da reflexão teológica a respeito da natureza e significado da liturgia. Isto possibilitou à comissão conciliar um esquema preparatório avançado, exprimindo tanto a dimensão teológica da

---

<sup>104</sup> No período pós Concílio de Trento, a Igreja concentra sua atenção sobre a sua organização exterior e sobre os aspectos institucionais. Esta situação tem influência direta sobre a liturgia, a qual aparece dominada por uma visão estático-jurídica. Esta visão apresenta os atos sacramentais como fenômenos isolados, o que tem como consequência: a perda de seu contexto teológico geral com ações dentro da história salvífica; a perda do seu contexto eclesial, sendo propostos em coordenadas individualistas; e a perda do seu contexto antropológico, sendo tratados como “instituições” estranhas à história humana (BASURKO, X. – GOENAGA, J. op. cit., p. 124-125). A consequência da visão estático-jurídica sobre a liturgia é o rubricismo, isto é, a concepção de liturgia baseada na rubrica como norma meramente formal, ressaltando os aspectos externos da liturgia (ALDAZÁBAL, J. “Rubrica”. In: ALDAZÁBAL, J. (org.). *Vocabulário básico de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 324).

<sup>105</sup> Nos primórdios do movimento litúrgico encontramos D. Próspero Guéranger (1805-1897), abade de Solesme, e em Beuron (Alemanha), com os irmãos monges Mauro e Plácido Wolter. Porém, o movimento encontra seus decisivos passos no ambiente monástico de Maredsous e de Mont’César (Louvaina), na Bélgica, com o monge Lambert Beauduin, e percorre um caminho frutuoso até encontrar seu ápice na reforma litúrgica do Concílio Vaticano II. Ele surge como uma resposta aos leigos católicos do século XIX que deixam de lado a visão jurídico-organizadora que tinham da Igreja, passando para uma visão mais orgânica. Neste ponto, o movimento litúrgico apresenta um rosto de Igreja que ficara muito tempo na sombra, procurando aproximar os leigos daquilo que a Igreja era na sua natureza mais profunda, isto é, do seu ser sacramental e das suas celebrações litúrgicas, ao passo que ensinava que a Igreja é o Mistério de Cristo que prolonga sua existência humana. Assim, o movimento desenvolveu-se a partir de um copioso trabalho literário e histórico, e uma desejosa necessidade de renovação espiritual. Buscou-se, no que se refere à natureza e ao conteúdo mais íntimo e profundo da liturgia, a sua centralidade com finalidade e a sua universalidade espiritual; iniciando-se em ambientes monásticos, passando aos centros universitários e litúrgicos com estudos e publicações importantes. (NEUNHEUSER, B. “O movimento litúrgico: panorama histórico e linhas teológicas”. In: NEUNHEUSER, B. et alli. *A liturgia. Momento histórico da salvação*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 12-24).



liturgia quanto as realizações práticas com vistas à reforma, que refletia bem as ideias fundamentais, como era desejada pelos padres conciliares<sup>106</sup>.

O Movimento Litúrgico encontrou em seu caminho duas forças que deram impulso ao seu trabalho. A primeira força foi a repercussão do moto próprio *Tra le sollecitudini* do Papa Pio X – sobre a música e o canto na Igreja – marcando a questão da participação litúrgica. Nela, o papa recorda que cabe ao verdadeiro espírito cristão uma participação ativa nos santos mistérios e na oração pública e solene da Igreja<sup>107</sup>. A segunda força foi a Encíclica *Mediator Dei* de Pio XII, a qual faz uma apresentação doutrinal daquilo que é liturgia, considerando os avanços importantes do Movimento Litúrgico, preparando, assim, o caminho para a renovação litúrgica do Concílio Vaticano II. No texto da Encíclica, o papa procura afirmar o valor teológico da liturgia, apresentando-a como exercício sacerdotal de Cristo e inserida na economia da salvação. Sua posição doutrinal é extremamente nítida, rejeitando como não verdadeira e não exata uma noção de liturgia que a reduza somente aos elementos externos e decorativos do culto ou como mera soma de leis e preceitos<sup>108</sup>.

As reflexões feitas pelo Movimento Litúrgico e pelos documentos magisteriais sobre a liturgia possibilitaram o amadurecimento de uma nova teologia litúrgica. Isso foi oportuno porque o desejo de reforma não poderia sustentar-se sem uma base teológica. Dessa forma, o sentido teológico da liturgia apresentado pela reflexão articulada nas décadas que precedem o Concílio Vaticano II torna-se fundamento teológico para a reflexão conciliar e suas desejadas reformas, especialmente porque ele não partiu de uma simples “pesquisa ‘a priori’, mas foi orientado por uma nova leitura e por uma reflexão da Liturgia em explicação ‘pastoral’, a tal ponto que seria mais certo se se falasse (...) de uma ‘teologia da celebração litúrgica’<sup>109</sup>.”

Para este trabalho, enfim, nos serviremos das reflexões dos teólogos do Movimento Litúrgico L. Baeudin, O. Casel, C. Vagaggini e S. Marsili para compreender os fundamentos da teologia litúrgica conciliar.

<sup>106</sup> Idem., p. 34-35.

<sup>107</sup> PIO X. “Motu próprio *Tra le sollecitudini*. Sobre a música sacra”. In: *Documentos sobre a música litúrgica*. São Paulo: Paulus, 2005, n. 1-3.

<sup>108</sup> PIO XII. “Carta encíclica *Mediator Dei*. Sobre a Sagrada Liturgia”. In: COSTA, L. (org.). *Documentos de Pio XII*. São Paulo: Paulus: 1999, n.15-19.

<sup>109</sup> MARSILI, S. “A liturgia, momento histórico da salvação”. In.: NEUNHEUSER, B. et al. *A liturgia. Momento histórico da salvação*, p. 106.

Assim, o primeiro fundamento da teologia litúrgica conciliar está na abordagem da Revelação como história da salvação, através do método bíblico, e nela integrar a liturgia. Neste sentido, C. Vagaggini recorda:

A revelação cristã se apresenta principalmente como grandeza ordenada aos acontecimentos históricos: a história da irrupção, sempre em ato, de uma pessoa concreta, Deus, no espaço e no tempo, para realizar sua aproximação a pessoas concretas, a homens por ele mesmo criados e mantidos no ser, mas dos quais deseja a livre dedicação em vista da realização de seu desígnio de reino cósmico<sup>110</sup>.

Esta história, relacionando intimamente Deus e o homem, torna-se uma história sagrada. Por isso, nela se faz compreender o valor do ato das intervenções de Deus no mundo para redimir a humanidade por Ele criada, fazendo desta história, uma história da salvação. Deve-se notar que, na própria Tradição dogmática e no Magistério ordinário da Igreja, a Revelação é apresentada, antes de tudo, como uma história salvífica, segundo a concepção da Sagrada Escritura. Neste ponto, a revelação que se manifesta nesta história salvífica está em estreita conexão com a liturgia<sup>111</sup>.

Uma pertinente relação entre a Revelação e a história encontramos em L. Beauduin, um dos primeiros teólogos do Movimento Litúrgico. Ele se utiliza do conceito bíblico de Igreja, especialmente aquele enfatizado na teologia paulina<sup>112</sup>. Tomando, exemplo, a referência da perícopete de Ef 1,5-9, o nosso autor recorda que, na pessoa de Cristo, Deus constituiu a Igreja para nos fazer partícipes de seu plano salvífico, dando-nos a conhecer o mistério de sua vontade, concebido desde a eternidade<sup>113</sup>.

Dessa forma, fundamentando-se na teologia paulina, L. Beauduin compreende “mistério” como o plano salvífico, do qual Igreja se torna destinatária, pois é uma realidade vivificada pela humanidade gloriosa de Cristo, tornando-se, deste modo, seu corpo místico. Essa visão eclesiológica ilumina toda

<sup>110</sup> VAGAGGINI, C. op. cit., p. 27.

<sup>111</sup> Idem., p. 25.

<sup>112</sup> No início de 1 e 2 Coríntios (1Cor 1,1; 2Cor 1,1; cf. 1Cor 10,32; 11,22; Rm 16,16) a Igreja é descrita como pertencente àquele que lhe deu existência, ou seja, Deus, ou àquele por intermédio de quem isso aconteceu, a saber, Cristo. Essa *ekklesia* não era apenas uma associação humana, mas uma entidade criada divinamente. Em Efésios, posteriormente, ao falar da relação entre Igreja e Cristo ressalta a imagem da relação entre Cabeça e Corpo. Por isso, a Igreja como Corpo de Cristo desempenha um papel significativo nos propósitos de Deus. Isso é revelado em Ef 1,23, que afirma ser para a Igreja ou em nome dela o domínio de Cristo sobre todas as coisas, e em Ef 3,10, Paulo argumenta que graças a Igreja a sabedoria de Deus tornou-se conhecida. (O'BRIEN, P. “Igreja”. In: HAWTHORNE, G. – MARTIN, R. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Vida Nova; Paulus e Loyola, 2008, p. 656-660).

<sup>113</sup> BEAUDUIN, L. “A piedade da Igreja”, citado por FLORES. In: op cit., p. 106-107.

dimensão litúrgica da Igreja. Pois, ao se reunir para celebrar a liturgia, a Igreja experimenta a participação na vida divina e no plano histórico da salvação através do culto. Como povo que se reúne para celebrar e viver a liturgia, no culto a Igreja se abastece dos tesouros ocultos de vida sobrenatural e de renovação cristã, bebendo do manancial primeiro e indispensável que é o próprio Cristo<sup>114</sup>.

Um outro autor do Movimento Litúrgico que também trata da relação entre história da salvação e liturgia na perspectiva do mistério é O. Casel. Ele, percorrendo os caminhos da patrística e tendo como pano de fundo a teologia bíblica, apresenta a liturgia inserida na história da salvação com grande precisão e clareza. Ele diz:

Para o apóstolo São Paulo, o mistério é a maravilhosa revelação de Deus em Cristo. O Deus que permanecia escondido no eterno silêncio, aquele que habita uma luz inacessível, que nenhum homem não viu e nem pode ver, é aquele que apareceu em natureza humana. Seu Filho, o Verbo, se fez homem, e de modo incompreensível revelou sobre a cruz todo o amor infinito que o Pai testemunha aos homens. [...] No Filho de Deus, encarnado e crucificado, nós contemplamos o mistério divino, escondido desde séculos, mas que agora foi manifestado pelo Cristo na Igreja. [...] Os apóstolos anunciaram esse “mistério de Cristo”, e a Igreja o transmite a todas as gerações. Contudo, da mesma forma que a economia da salvação não compreende apenas um ensinamento, mas acima de tudo a obra redentora de Cristo, assim a Igreja não conduz a humanidade à salvação apenas com a palavra, mas também com ações sagradas. [...] A pessoa do Senhor, sua obra redentora, a operação de sua graça, tudo isso possuímos nos mistérios do culto, segundo a palavra que Santo Ambrósio dirige a Cristo: “É em vossos mistérios que eu vos encontro”<sup>115</sup>.

A reflexão de O. Casel sobre o “mistério”, baseada na teologia paulina, foi profundamente oportuna para os fundamentos da teologia litúrgica conciliar. Em sua reflexão, ele reúne no termo “mistério” duas realidades: a história da salvação e a liturgia. No centro dessas duas realidades está o próprio Cristo, o qual é apontado como o mistério em pessoa. Em Cristo se condensa a realidade da salvação realizada e sua manifestação; nele também está a Igreja, que é seu Corpo, no qual se perpetua sua obra redentora na ação litúrgica. Precisamente, o que O. Casel faz é apontar a liturgia como a ação salvífica de Cristo no tempo da Igreja, inserindo-a no plano histórico da salvação, reunindo essa realidade da liturgia no termo “mistério”.

Sobre isso, comenta C. Vagaggini:

---

<sup>114</sup> Idem., p.118-120.

<sup>115</sup> CASEL, O. op. cit., p. 19-20.

Compreender que toda história é mistério de Cristo, que nessa história anterior a ele tudo tende a ele, mais precisamente à sua morte e ressurreição, e que depois dele tudo dele deriva; compreender que depois de sua morte e ressurreição não se deve esperar nada de radicalmente novo, mas que se vai apenas reproduzir nas criaturas, até o final dos tempos, o mistério do Filho de Deus encarnado, morto e ressuscitado, contanto que esses participem e se saciem na sua plenitude; compreender tudo isso é essencial para adentrar no mundo da liturgia. A liturgia, na verdade, não é senão um certo modo pelo qual Cristo, no tempo presente, que acontece entre o Pentecostes e a parusia, nesse tempo escatológico já em ato, comunica a plenitude da sua vida divina às almas singulares, nelas reproduzindo o seu mistério, atraindo-as para o seu mistério<sup>116</sup>.

Efetivamente, o entendimento e aplicação do termo “mistério” na relação entre economia da salvação e liturgia será oportuno no Concílio, possibilitando, inclusive, o desenvolvimento de uma teologia do mistério. O fundamento que a linguagem bíblica e patrística dá ao termo, levará a uma compreensão mais completa e coerente de liturgia situada na perspectiva da economia da salvação, justamente porque no centro dessa economia está o “Mistério Pascal de Cristo”<sup>117</sup>. Esse mistério é o núcleo de toda celebração litúrgica; pois é nele que se realizou a salvação que a Igreja anuncia e atualiza na liturgia<sup>118</sup>.

A relação entre economia da salvação e liturgia, enfim, será a base teológica fundamental para apontar a liturgia como uma realidade sempre atual. Isso fará com que se supere a visão estático-jurídica, como era desejado pelos Padres conciliares. Dessa forma, na qualidade de “momento da história da salvação”, a liturgia retoma seu lugar de verdadeira “Tradição”, isto é, de lugar de transmissão do mistério de Cristo através do rito, o qual é, ao mesmo tempo, realização e revelação do mesmo mistério<sup>119</sup>.

A noção de mistério de Cristo, que compreende ao mesmo tempo a pessoa de Cristo e sua obra redentora, introduz o segundo fundamento para a teologia litúrgica conciliar: a liturgia como ação de Cristo. A partir dessa ótica podemos

<sup>116</sup> VAGAGGINI, C. op. cit., p. 36.

<sup>117</sup> A expressão “Mistério Pascal” indica o evento em que a economia da salvação alcançou seu maior grau. Com efeito, para a epifania da presença divina no tempo, isto é, para a encarnação de Cristo, confluem todas as intervenções divinas. Dela – da encarnação do Verbo – partem novos sinais portadores da salvação, os quais tem na paixão, morte, ressurreição e ascensão do Senhor o seu centro. Isto fica claro na afirmação em Ef 1,10, que recorda que toda economia da salvação está recapitulada em Cristo. O evento da encarnação, deste modo, indica que Deus quis se unir para sempre à história humana e que a salvação deve realizar-se no tempo. É a grande epifania do Mistério, porque de Cristo brota toda luz que ilumina e dá sentido a toda história humana inserida na economia da salvação. (MARTÍN, J. *A liturgia da Igreja. Teologia, história, espiritualidade e pastoral*, p. 78-80).

<sup>118</sup> Idem., p. 68.

<sup>119</sup> Cf. MARSILI, op. cit., p. 106.

compreender a realidade litúrgica em sua perspectiva dinâmico-teológica. Dessa maneira torna-se possível superar a concepção meramente estática da celebração litúrgica. A compreensão desta passagem fica bem clara quando recordamos que a liturgia é ação, o que pressupõe sair da passividade através da dinâmica do movimento e, fundamentalmente, com atuação de alguém. Cristo é o ator principal do mistério da liturgia.

Nos primórdios do Movimento Litúrgico, L. Beauduin trata da relação entre ação redentora de Cristo e liturgia partindo de uma visão eclesiológica. Nessa reflexão, ele recorda que, por seu mistério redentor, Cristo forma a Igreja, que é seu Corpo místico. Ela, por sua vez, recebe de seu fundador a missão de transmitir a vida divina, transformando-se em grande sacramento de Cristo. Como Corpo místico de Cristo, a Igreja participa da vida divina; e, através do sacerdócio ministerial, Cristo glorioso, invisível e Cabeça do Corpo místico atua concretamente em sua Igreja. Desse modo, Cristo transmite a vida divina por meio dos sacramentos, fonte de todas as graças<sup>120</sup>.

A temática da ação de Cristo na liturgia encontrará também um significativo desenvolvimento em O. Casel. Segundo ele,

Se Cristo é o “Salvador”, aquele que opera a salvação, então a Igreja deve tomar parte na ação de Cristo; ela deve receber essa ação, mas de maneira ativa, pois os membros sadios participam dos movimentos que partem da cabeça. Mais ainda, não é senão tomando parte ativa nas ações de Cristo que a Igreja torna-se um corpo vivo. [...] Devemos tomar parte na obra redentora de Cristo de maneira viva e ativa, parte que será passiva naquilo que o Senhor age em nós, mas também realmente ativa quando a ela nos associamos por uma ação. [...] Como é possível realizar uma obra tão elevada, em que Deus e o homem cooperam realmente e cada um segundo seu modo, Deus como agente principal, o homem como agente passivo, recebendo a ação divina e aí colaborando pela virtude de Deus? A resposta é dada pelo Senhor, que instituiu para nós os mistérios do culto, isto é, as ações sagradas que nós cumprimos, mas que o Senhor (pelo ministério dos sacerdotes da Igreja) realiza simultaneamente em nós. Por essas ações, podemos participar dos atos redentores de Cristo<sup>121</sup>.

A reflexão de O. Casel complementa e enriquece a perspectiva eclesiológica apresentada por L. Beauduin. Com efeito, segundo o pensamento caseliano, a dinâmica existente entre Cristo e a Igreja, através da relação entre Cabeça e Corpo, exprime com clareza o “*modus operandi*” da ação de Cristo em virtude do seu Mistério Pascal. Além disso, O. Casel situa essa dinâmica relacional no âmbito da economia da salvação. Isso significa que é precisamente em virtude do

<sup>120</sup> FLORES, J. op. cit., p. 112-121.

<sup>121</sup> CASEL, O. op. cit., p. 26-27.

Mistério Pascal de Cristo que a Igreja nasce como seu Corpo místico. E é também na potência desse mesmo mistério que Cristo institui as ações sacramentais, por meio das quais a Igreja se une a ele e as cumpre, ao mesmo tempo que ele, unindo-se à Igreja, as realiza<sup>122</sup>.

Para O. Casel, portanto, o mistério do culto é a síntese da mística relação entre Cristo e sua Esposa. Ele reconhece o papel da ação litúrgica como lugar de universalização da salvação alcançado por Cristo em benefício da humanidade. À luz do teólogo de Maria Laach, a mesma força salvífica que brota do Mistério Pascal de Cristo está presente, com a mesma intensidade, em todo tempo e lugar, na ação litúrgica, sempre em benefício do homem. Em síntese, a liturgia é o lugar privilegiado do encontro com Cristo sempre vivo em sua Igreja<sup>123</sup>.

C. Vagaggini, posteriormente, reforça essa ideia ao tratar da natureza da liturgia. Ele afirma:

O culto que a Igreja na liturgia presta a Deus não pode ser senão o ato no qual Cristo Senhor, sumo sacerdote, une a si a Igreja assumindo-a no culto que ele presta a Deus, e a Igreja livremente deixando-se assumir nesse processo presta culto à sua Cabeça e esposo, unindo-se ao culto que ele presta a Deus.[...] Assim, na realidade litúrgica, a ação sacerdotal atual de Cristo, que começou com a encarnação, se cumpriu no Gólgota e se prolonga junto ao Pai, torna-se uma realidade que nos investe realmente e presencialmente<sup>124</sup>.

Nesse sentido, esse autor está em consonância com o pensamento teológico de O. Casel, ao afirmar que a ação de Cristo na liturgia implica na sua união com a Igreja, que é seu Corpo. Através da Igreja, Cristo continua atuando no mundo e tornando uma realidade o acesso dos homens a Deus; graças à condição sacramental da Igreja é que isso é possível. Ele ainda ressalta que na dinâmica da ação litúrgica não é o ser humano que se reporta ao tempo de Cristo buscando-o, mas é Cristo, que está sempre vivo e presente, que atrai todo homem a si através de sua ação sacerdotal, sacrificial e mediadora que transcende todo espaço e tempo, uma ação que se realiza na Igreja, por meio dela e a favor dela<sup>125</sup>.

S. Marsili, por sua vez – ao tratar da liturgia como ação de Cristo no seu Corpo, que é a Igreja –, nos lembra que a liturgia deve ser compreendida a partir

<sup>122</sup> BOZZOLO, A. *Mistero, símbolo e rito in Odo Casel. L'effettività sacramentale della fede*. Libreria Editrice Vaticana: Città del Vaticano, 2003, p. 168.

<sup>123</sup> Idem., p. 165-166.

<sup>124</sup> VAGAGGINI, C. op. cit., p. 242-243.

<sup>125</sup> Idem., p. 243.

da perspectiva da “presença”<sup>126</sup> de Cristo. O mistério do Cristo sempre “presente-agente” no rito litúrgico manifesta e expressa de forma eloquente a sua ação sempre atual, em sua Igreja, “no” e “com” o rito<sup>127</sup>.

Dessa forma, a perspectiva de S. Marsili reflete muito bem o pensamento de outros teólogos da liturgia que trabalharam ao longo das cinco décadas do grande Movimento Litúrgico. Em sua reflexão, ele recorda que a liturgia é construída fundamentalmente na tessitura da economia da salvação; ela é “sacramento” do mistério de Cristo, o qual encontra o seu cumprimento e centro no evento salvífico da Páscoa. Os ritos litúrgicos são sempre sinais desse mistério<sup>128</sup>.

O caminho teológico percorrido pelo Movimento Litúrgico, no que tange à ação de Cristo na liturgia, tornou-se vital para o início da superação da visão meramente estático-jurídica do rito litúrgico, tão marcante na vida da Igreja ao longo dos últimos séculos que precederam o Concílio Vaticano II. Segundo essa visão, o valor e a importância do rito, com frequência, se reduziam a uma mentalidade marcadamente rubricista. Voltar a enquadrar a liturgia em uma

---

<sup>126</sup> O tema da “presença de Cristo” é recorrente em vários teóricos da liturgia e se desenvolve como uma profunda e específica teologia. S. Marsili trata da questão ao tratar da presença contínua de Cristo em sua Igreja, conforme vemos registrado em Mt 28,20. Aqui verificamos o Senhor que envia ao mundo os seus discípulos e lhes confere a missão do anúncio (profética), da santificação (sacerdotal), e do ensino (real). Tal presença se verifica de modo privilegiado na dinâmica santificadora na liturgia. O desenvolvimento dessa temática aparecerá com bastante clareza na Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium*. Segundo ela, a presença de Cristo acontece na pessoa do ministro, nas espécies eucarísticas, nos sacramentos, na Palavra e na Igreja que ora e salmodia (n. 7). O mesmo se dá na encíclica *Mysterium Fidei* (n. 35-41). A teologia da presença de Cristo diz respeito à ação dinâmica do Senhor em seu Corpo Místico. Por essa razão, a liturgia é tida como o exercício da função sacerdotal de Cristo e, como tão bem expressa S. Marsili, como um momento síntese da história da salvação. (MARSILI, S. op. cit, p. 106. 112-115).

<sup>127</sup> Idem., p. 106. Sobre esta presença atuante de Cristo na ação ritual, dizia S. Leão Magno que Deus estabeleceu uma única e idêntica fonte de salvação desde a criação do mundo, e este grande sacramento do seu amor (Cristo) foi tão válido, inclusive nos seus sinais simbólicos, que agiu sobre aqueles que creram nele quando ele estava prometido tanto quanto agiu naqueles que o acolheram quando ele foi realmente doado. (LEÃO MAGNO. “Sermões para o Natal”. In: CORDEIRO, J. (org.). *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 1196). Posteriormente, na *Sacrosanctum Concilium*, a presença atuante de Cristo na ação ritual da liturgia será afirmada no artigo sétimo da constituição, o qual recorda que é mediante os sinais sensíveis que Cristo age e realiza a santificação dos homens (SC, n. 7). Do mesmo modo, o Catecismo da Igreja Católica afirma que, como único “liturgo”, Cristo age na celebração litúrgica dos sacramentos para comunicar a sua graça. Esses sacramentos são sinais sensíveis (palavras e ações, isto é, ritos), acessíveis à nossa humanidade atual. Eles realizam eficazmente a graça em virtude da ação de Cristo e pelo poder do Espírito Santo (CEC, n. 1070.1084).

<sup>128</sup> Cristo é o sacramental fontal, ele é o sinal realizado por Deus como síntese de toda salvação. Dele derivam todos os sinais, os quais devem ser tomados em sentido concreto: os sinais rituais (isto é, os sacramentos), são concretizações parciais da realidade essencial que é a vontade da salvação, existente no Pai e realizada em Cristo. (MARSILI, S. *Sinais do mistério de Cristo. Teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*, p. 87-88).

perspectiva dinâmico-teológica, isto é, como ação de Cristo em sua Igreja foi uma das principais conquistas do Movimento Litúrgico.

Por fim, não se pode esquecer da importância da encíclica *Mediator Dei*, viva voz do Magistério, no que se refere a uma autêntica redescoberta da liturgia em sua essência teológica<sup>129</sup>. Essa encíclica, bastante influenciada pelas reflexões do Movimento Litúrgico, estrutura-se em uma perspectiva cristológica e eclesial que trará suas contribuições para a Constituição conciliar sobre a Sagrada Liturgia:

Em toda ação litúrgica, junto com a Igreja está presente o seu divino Fundador (...). A sagrada liturgia é, portanto, o culto público que nosso Redentor rende ao Pai como cabeça da Igreja, e é o culto que a sociedade dos fiéis rende à sua cabeça, e, por meio dela, ao Eterno Pai. É, em uma palavra, o culto integral do corpo místico de Jesus Cristo, ou seja, da cabeça e de seus membros<sup>130</sup>.

Por tudo aquilo que até aqui consideramos, não se pode ignorar a capital importância do Movimento Litúrgico, certamente confirmado pelo Magistério da Igreja – bastaria pensar na mencionada encíclica *Mediator Dei* – no sentido de lançar as bases sólidas para a teologia litúrgica do Concílio Vaticano II. Dessa maneira, estamos em condições de explorar alguns aspectos da Constituição conciliar sobre a Sagrada Liturgia no que se refere, particularmente, ao rito litúrgico.

### 3.2

#### **O rito na Constituição *Sacrosanctum Concilium***

O importante processo reflexivo sobre a liturgia ao longo das décadas que precederam o Concílio possibilitou que, dentre alguns esquemas que foram apresentados para o exame dos Padres conciliares, o texto sobre a sagrada liturgia fosse o primeiro a ser escolhido. A opção pelo tema não foi aleatória, pois além da maturidade do texto preparado pela comissão, ele possibilitava

<sup>129</sup> Na introdução da encíclica, Pio XII já apresenta a liturgia como uma continuação do ofício sacerdotal de Cristo na Igreja, e esta continuidade é possível justamente porque Cristo faz da Igreja seu corpo místico e nela Ele perpetua sua presença redentora. Ao mesmo tempo, o papa mostra que esta continuidade está inserida na economia da salvação, porque o sacrifício salvífico de Cristo sobre a cruz é o mesmo que está presente na sagrada liturgia. Posteriormente, ele combate a visão estático-jurídica da liturgia, a qual era tratada somente em seu aspecto exterior e cerimonial. Ele diz: “Não têm, pois, noção exata da sagrada liturgia aqueles que a consideram como parte somente externa e sensível do culto divino ou como cerimonial decorativo; nem se enganam menos aqueles que a consideram como mero conjunto de leis e preceitos com que a hierarquia eclesiástica ordena a realização dos ritos”. (PIO XII. op. cit., n. 2-3.22).

<sup>130</sup> Idem., n. 17.



também a marca essencialmente pastoral a qual o papa João XXIII queria dar às sessões conciliares<sup>131</sup>. O papa, no discurso de encerramento da primeira sessão, recorda o quão oportuno foi para o concílio ter como primeiro esquema a sagrada liturgia. Ela é reflexo da dinâmica relacional entre o ser humano e Deus; isto é, resultado proveniente da ação de Deus de revelar-se, deixar-se conhecer e se relacionar, o que é princípio de toda reflexão<sup>132</sup>.

A Constituição *Sacrosanctum Concilium*, solenemente promulgada no dia 4 de dezembro de 1963, data do encerramento da segunda sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II, é o primeiro fruto dos trabalhos conciliares e versa sobre a Sagrada Liturgia<sup>133</sup>. A partir do texto da constituição, no que concerne a este trabalho, procuraremos a função do rito na liturgia da Igreja, bem como sua doutrina e a práxis<sup>134</sup>. Entretanto, para se captar o sentido do rito, é necessário, também, compreender o espírito da Constituição conciliar do Vaticano II.

O objetivo preciso da Constituição está nitidamente formulado em seu Proêmio, o qual afirma que “o sagrado Concílio julga oportuno relembrar os princípios referentes ao incremento e à reforma da liturgia e estabelecer algumas normas práticas<sup>135</sup>.” Estes princípios e normas estão indicados na definição de liturgia expressa no artigo segundo<sup>136</sup> que, ao inserir a liturgia no contexto da

---

<sup>131</sup> “Embora a *Sacrosanctum Concilium* tenha sido a primeira Constituição conciliar promulgada, insere-se bem no coração da mensagem conciliar. Ela constitui ponto de chegada, como expressão da vocação fundamental do homem, tornado filho de Deus na Igreja, e ponto de partida em sua missão no mundo. Os demais documentos conciliares desdobram apenas os diversos serviços decorrentes da vocação e missão da Igreja.” (BECKHÄUSER, A. *Concílio Vaticano II. Liturgia 25 anos depois*. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 11).

<sup>132</sup> BUGNINI, A. op. cit., p. 57-60.

<sup>133</sup> O texto da constituição foi apresentado ao concílio em outubro de 1962, debatido da 3ª à 18ª congregação geral, corrigido pela comissão litúrgica, sujeito por capítulos à votação, modificado segundo as propostas dos Padres conciliares. Foi votado pela última vez em 22 de novembro de 1963 na 73ª Congregação Geral, sendo promulgado em 4 de dezembro de 1963. (Idem, p. 57-59).

<sup>134</sup> A estrutura externa do texto da constituição aprovada pela sessão conciliar conta com um proêmio e sete capítulos, dos quais o primeiro – o mais longo e de maior importância – aponta os princípios orientadores do plano litúrgico. Os capítulos subsequentes desenvolvem temas específicos, como: a eucaristia, os outros sacramentos e sacramentais, o ofício divino, o ano litúrgico, a música e a arte sacra. Já a estrutura interna é formada por princípios doutrinários e normas pastorais, de modo que este entrelaçamento corresponde ao binômio teologia-celebração, o qual é a essência da teologia litúrgica. (BASURKO, X. – GOENAGA, J. op. cit., p. 137).

<sup>135</sup> SC, n. 3.

<sup>136</sup> “A liturgia, com efeito, mediante a qual, especialmente no divino sacrifício da eucaristia, “se atua a obra da nossa redenção” contribui sumamente para que os fiéis expressem em suas vidas e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja, que tem a característica de ser ao mesmo tempo humana e divina, visível, mas dotada de realidade invisíveis, operosa na ação e devotada à contemplação, a realidade presente à futura cidade para a qual estamos encaminados.” (SC, n. 2).

história da salvação, apresenta-a como presença sacramental da obra redentora e lugar da íntima relação entre Cristo e a Igreja<sup>137</sup>.

Ainda no Proêmio, a Constituição sobre a Sagrada Liturgia indicará a necessidade da revisão dos ritos, tanto o romano quanto os demais, a partir dos princípios e normas expostos<sup>138</sup>. A aplicação destes princípios e normas possibilitará que os ritos visibilizem sua condição como um elemento de contato vivo com o Cristo, manifestando a natureza da sagrada liturgia e sua importância na vida da Igreja<sup>139</sup>.

Em síntese, a compreensão sobre o rito encontra no Proêmio da Constituição Litúrgica uma relação fundamental, que manifesta o espírito do texto: a conexão íntima e indissolúvel entre Cristo, a Igreja e a liturgia. Esta relação não é, absolutamente, extrínseca, casual ou aleatória; ela, ao invés, é profundamente íntima e visceral. Com efeito, o Proêmio da *Sacrosanctum Concilium* concebe a relação Cristo-Igreja-liturgia em plena sintonia e unidade, além de enfatizar a natureza estrutural entre essa tríade. Segundo o pensamento conciliar, assim como Cristo é sacramento do Pai, a Igreja é sacramento de Cristo, a liturgia, em sua potência e ação ritual, reflete e concretiza a sacramentalidade dessa relação<sup>140</sup>.

Passemos agora a considerar alguns artigos da *Sacrosanctum Concilium* referentes à teologia do rito. Começando pelo capítulo primeiro do Documento – aquele que versa sobre a natureza da liturgia – pretendemos considerar a teologia

<sup>137</sup> “O conceito de Liturgia vem abertamente derivado da noção de *sacramentum*, qual se verifica em Cristo, na Igreja em geral e na sua aplicação à Liturgia. *Sacramentum* na acepção explanada: algo sensível que de uma forma ou outra contém, manifesta, comunica aos bem-dispostos uma realidade divina invisível, ocultando-a simultaneamente aos que não estão imbuídos de boas disposições.” (VAGAGGINI, C. “Vista panorâmica sobre a constituição litúrgica”. In: BARAÚNA, G. (org.). *A sagrada liturgia renovada pelo concílio. Estudos e comentários em torno da constituição litúrgica do Concílio Vaticano Segundo*. Petrópolis: Vozes, 1964, p. 137).

<sup>138</sup> SC, n. 3-4.

<sup>139</sup> O percurso feito pelos teólogos do Movimento Litúrgico indicava a necessidade de uma concepção adequada de culto ritual e, por isso, esta revisão comportaria uma (re)visão profunda da fé cristã. Só se pode compreender o que é o culto ritual cristão se se compreende o que é o cristianismo. Pois, para compreender a Cristo não são suficientes as estratégias doutrinárias, é também necessária a estratégia ritual, por meio da qual experimentamos o que é Cristo – enquanto mistério – a envolver radicalmente em si a Igreja, realizando assim a redenção. O mistério de Cristo não é, somente, o fato de sua Páscoa redentora, mas é também e sempre o rito com o qual o ser humano faz experiência de comunhão com o mistério. (GRILLO, A. *Os ritos que educam. Os sete sacramentos*. Brasília: Edições CNBB, 2017, p. 44-45).

<sup>140</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. “Puebla”. In: BAZAGLIA, P. (org.). *Documentos Celam. Conclusões das conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2004, n. 921-922. (Doravante nos referiremos a este documento pelo termo “Puebla”). Conferir também VAGAGGINI, C. op. cit., p. 134.

e a expressão ritual a partir da natureza da liturgia e vice-versa. Particularmente, os três primeiros artigos deste capítulo (quinto, sexto e sétimo) se destacam porque apresentam a revelação como história da salvação em sua eloquência ritual. Com efeito, neles, a *historia salutis* atinge o seu ápice no Mistério Pascal, o qual se perpetua como realidade salvífica de Cristo na Igreja através de sua presença na ação ritual da liturgia<sup>141</sup>.

O quinto artigo da Constituição, após apresentar uma rica síntese do plano divino da salvação, afirma que em Cristo “ocorreu a perfeita satisfação de nossa reconciliação e nos foi comunicada a plenitude do culto divino<sup>142</sup>.” Esta afirmação nos leva a concluir que existe uma estreita conexão entre o evento salvífico e a ação ritual na liturgia (é no “culto divino” que se manifesta e se celebra, de forma privilegiada, o mistério da salvação operada por Cristo). No final desse mesmo artigo é dito que “do lado de Cristo dormindo na cruz nasceu o admirável sacramento de toda Igreja”. A Igreja aqui é chamada de “sacramento” que nasce do Cristo pascal. É na qualidade de sacramento que ela se torna capaz de celebrar a ação ritual nas suas várias expressões sacramentais.

Prosseguindo nosso itinerário, consideremos agora o sexto artigo do nosso Documento. Ele se preocupa em mostrar que a obra de Cristo continua na Igreja e se atualiza no mistério da liturgia, através dos ritos sacramentais. É certo que o Documento tem como escopo afirmar que o Mistério Pascal é o núcleo em torno do qual gravita toda vida sacramental da Igreja. Assim, ele afirma:

Como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também ele enviou os apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só porque, pregando o Evangelho a todos os homens anunciassem que o Filho de Deus com a sua morte e ressurreição nos livrou do poder de satanás e da morte e nos transferiu para o reino do Pai, mas também para que levassem a efeito, por meio do sacrifício e dos sacramentos, sobre os quais gira toda vida litúrgica, a obra de salvação que anunciavam<sup>143</sup>.

O texto apresenta a realidade da salvação inserida no plano sacramental do culto. Através da celebração ritual, a salvação realizada pelo Mistério Pascal de Cristo não só é anunciada, mas também é uma realidade continuamente presente na vida da Igreja por meio do mistério do rito. De fato, é no plano ritual-

<sup>141</sup> SC, n. 5-7.

<sup>142</sup> SC, n. 5.

<sup>143</sup> SC, n. 6. Este parágrafo da constituição conciliar, além de afirmar que na liturgia nós temos acesso à história da salvação, que é obra da Santíssima Trindade, também afirma que a eficácia da celebração edifica a personalidade do cristão, unindo-o a Cristo, o Filho de Deus, ungido pelo Espírito Santo e capaz de manifestá-lo ao mundo. (SORCI, P. *Paschale mysterium. Studi di liturgia*. Roma: Città Nuova Editrice, 2014, p. 57-58).

sacramental, conforme comenta S. Marsili, que o mistério de Cristo como evento salvífico se torna realidade salvífica para todos os homens. Pois, quando os homens se aproximam de Cristo pelo anúncio do evento de salvação, através da ação ritual, eles participam do mistério de Cristo realizando em si a salvação<sup>144</sup>.

O sexto artigo da Constituição Litúrgica afirma ainda que o rito celebrado goza de uma eficácia, pois nele atua a própria ação salvífica. Essa eficácia da ação ritual é uma realidade que atinge toda a Igreja e cada um de seus membros sempre que o mistério de Cristo é recordado e celebrado. Devemos sempre salientar que o mistério de Cristo atinge e transforma a Igreja e as realidades do ser humano e isso sob o véu dos sinais rituais<sup>145</sup>. A liturgia, na dinâmica da sua ação ritual, é, portanto, apresentada como realização do Mistério Pascal de Cristo.

Considerando agora o sétimo artigo do nosso Documento, a ênfase passa ser a ser dada à presença de Cristo na liturgia. Nesse sentido, esse artigo completa o anterior.

Para realizar tão grande obra, Cristo está presente em sua Igreja, e especialmente nas ações litúrgicas. Está presente no sacrifício da missa, tanto na pessoa do ministro, pois aquele que agora se oferece pelo ministério sacerdotal é o “mesmo que, outrora, se ofereceu na cruz”, sobretudo nas espécies eucarísticas. Ele está presente pela sua virtude nos sacramentos, de tal modo que, quando alguém batiza, é o próprio Cristo que batiza. Está presente na sua palavra, pois é ele quem fala quando na Igreja se leem as Sagradas Escrituras. Está presente, por fim, quando a Igreja ora e salmodia, ele que prometeu: “onde se acharem dois ou três reunidos em meu nome, aí eu estou no meio deles” (Mt 18,20)<sup>146</sup>.

A eficácia da ação ritual se dá, justamente, como assegura o nosso texto, por causa da presença de Cristo em sua Igreja por meio da ação litúrgico-ritual<sup>147</sup>. Como realidade vital, a presença de Cristo na Igreja – na dinâmica

<sup>144</sup> MARSILI, S. “A liturgia, momento histórico da salvação”. In.: NEUNHEUSER, B. et alli. *A liturgia. Momento histórico da salvação*, p. 111-112. O princípio da participação ativa da comunidade na sagrada liturgia tratado no n. 14 da *Sacrosanctum Concilium* justamente afirma que é na ação ritual da celebração litúrgica que os fiéis podem captar e fazer a experiência com aquilo que é genuinamente cristão: o culto e adoração a Deus que opera a santificação dos homens, isto é, a salvação. (BUGNINI, A. op. cit., p. 66).

<sup>145</sup> VAGAGINI, C. *O sentido teológico da liturgia*, p. 110.

<sup>146</sup> SC, n. 7.

<sup>147</sup> Na obra de O. Casel, refletida na primeira parte deste capítulo, a “presença de Cristo” na liturgia já havia sido mencionada a partir da reflexão sobre o “mistério”. Ele define como “mistério” a pessoa do Cristo, sua obra redentora, a operação de sua graça, e estas realidades estão presentes na ação ritual da liturgia. (CASEL, O. op. cit., p. 19-20). No mesmo certame, recorrendo à concepção de “mistério”, Pio XII ao falar da natureza da liturgia no n. 17 da *Mediator Dei*, afirma que a liturgia é a continuação do sacerdócio de Cristo e, por isso, na liturgia atua presença

relacional entre Cabeça e Corpo – já aparece delineada no Evangelho e, por consequência, na liturgia em sua celebração ritual. É válido ainda recordar que os sinais rituais<sup>148</sup>, que compõem a liturgia, não são aleatórios, mas provém, em sua essência, da vida de Jesus, ou seja, seus gestos, palavras e obras<sup>149</sup>:

Uma celebração sacramental é tecida de sinais e de símbolos. Segundo a pedagogia divina da salvação, o significado dos sinais e símbolos deita suas raízes na obra da criação e na cultura humana, adquire precisão nos eventos da antiga aliança e se revela plenamente na pessoa e na obra de Cristo. [...] Em sua pregação, o Senhor Jesus serve-se muitas vezes dos sinais da criação para dar a conhecer os mistérios do Reino de Deus. Realiza suas curas ou sublinha sua pregação com sinais materiais ou gestos simbólicos. Dá um sentido novo aos fatos e aos sinais da antiga aliança, particularmente ao Êxodo e a Páscoa, por ser ele mesmo o sentido de todos esses sinais. [...] Os sacramentos da Igreja não abolem, antes purificam e integram toda riqueza dos sinais e dos símbolos do cosmos e da vida social. Além disso, realizam os tipos e as figuras da antiga aliança, significam e realizam a salvação operada por Cristo, e prefiguram e antecipam a glória do céu<sup>150</sup>.

A presença de Cristo na celebração ritual é eficaz e operante. O próprio Senhor quis perpetuar sua presença na Igreja por meio dos ritos sacramentais<sup>151</sup>. Em virtude disso, o número sete da Constituição Litúrgica enumera os lugares da presença atuante de Cristo na liturgia, a saber: no ministro, que preside o culto; no sacramento da Eucaristia, particularmente nas espécies eucarísticas; nos demais sacramentos, porque neles é Cristo que age; na Palavra proclamada, pois é Cristo mesmo que fala quando as Escrituras são lidas na Igreja; e, por fim,

---

de Cristo. Este mesmo número servirá de fundamento para o artigo 7º da *Sacrosanctum Concilium*. (PIO XII. op. cit., n. 17).

<sup>148</sup> “O conjunto dos sinais eficazes que constitui a liturgia não é senão a expressão dessa mútua comunicação entre Cristo e a sua Igreja. Palavra, oração, ação, sinais e coisas, objetos, gestos, atitudes, lugares, tempos que fazem parte da liturgia devem ser percebidos como expressão sensível, em sua rica polivalência de símbolos, da autocomunicação de Cristo e a Igreja no mútuo encontro santificante e cultural da liturgia.” (CASTELLANO, J. *Liturgia e vida espiritual. Teologia, celebração, experiência*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 43).

<sup>149</sup> “A salvação – tomada como realidade única e universal, pois ‘Deus quer que todos os seres humanos sejam salvos’ – é historicizada pelos sinais. Ora, os sinais, embora distintos em momentos sucessivos, formam uma unidade substancial entre si, enquanto são sempre, de forma distinta, revelação e realização do único desígnio divino que é a salvação. Portanto, da unidade da salvação os sinais extraem, mesmo em sua sucessão temporal, um denominador comum: a unicidade do desígnio divino. [...] A realidade desses sinais, dessas intervenções divinas, é o Mistério de Cristo, que apresenta: como presença invisível na religião natural; como presença prometida (já sentida, de certa forma) no judaísmo; como presença revelada e atuada no Cristo histórico.” (MARSILI, S. *Sinais do mistério de Cristo. Teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*, p. 74-75).

<sup>150</sup> CEC, n. 1145, 1151-1152.

<sup>151</sup> VAGAGGINI, C. “Vista panorâmica sobre a constituição litúrgica”. In: BARAÚNA, G. (org.). *A sagrada liturgia renovada pelo concílio. Estudos e comentários em torno da constituição litúrgica do Concílio Vaticano Segundo*, p. 136.

na oração eclesial, como presença naqueles que estão unidos no seu nome<sup>152</sup>. Cada uma dessas presenças aponta, de forma bem específica, a dinâmica da atuação eficaz de Cristo na ação ritual.

Na segunda parte do mesmo artigo, a relação entre a ação de Cristo e o rito fica mais evidente. Primeiramente, o artigo define a liturgia como exercício da função sacerdotal de Cristo realizada pelo corpo místico de Cristo e onde se realiza a obra salvífica de santificação dos homens e culto público integral a Deus<sup>153</sup>. Em seguida, o texto da Constituição recorda que esta ação é realizada efetivamente nos sinais sensíveis da liturgia, isto é, no rito<sup>154</sup>. Especificamente:

O rito litúrgico cristão tem enfim, como elemento diferenciador de toda outra forma ritual, aquele de fazer sempre referência a uma “realidade” plena, isto é em nível de evento que já se efetuou, e ele é apropriadamente “a imagem” daquele evento, na própria “semelhança”, que o liga a ele, traz o “sinal” da “realidade” a que se refere. [...] O rito tem como objetivo que o homem nele leia e veja algo, que está fora dele (*mito*); no rito cristão, este “algo” é a realidade de Cristo que se tornou presente nele<sup>155</sup>.

O rito litúrgico, por sua natureza, é eficaz e operante. Por meio dele, o Ressuscitado sempre estará presente de forma dinâmica na *ecclesia orans*. Ao colocar em comunicação a realidade do evento com os seus destinatários, isto é, a Igreja, o rito litúrgico mostra sua autenticidade e eficácia<sup>156</sup>. Ação ritual, dessa forma, é apresentada – entre os artigos quinto e sétimo da constituição – como o conjunto dos sinais sensíveis e significativos do Mistério Pascal de Cristo que anuncia e torna presente, perpetuamente na vida dos homens, a realidade da salvação.

Além do que foi visto, não podemos deixar de considerar o artigo décimo da *Sacrosanctum Concilium*. Ele, de fato, recorda que a celebração litúrgica, em sua ação ritual, é a ação sagrada da Igreja por excelência e nenhuma outra atividade contém a mesma eficácia<sup>157</sup>. Em virtude disso, a Constituição

<sup>152</sup> MARSILI, S. “A liturgia, momento histórico da salvação”. In.: NEUNHEUSER, B. et alli. *A liturgia. Momento histórico da salvação*, p. 112-113.

<sup>153</sup> O Cristo é, desde sua encarnação, o verdadeiro e único sacerdote e mediador entre Deus e os homens. Como único acesso ao Pai, Cristo possibilita a íntima relação entre a humanidade e Deus, tornando presente sua obra redentora e fazendo-nos partícipes da mesma, associando-nos a sua ação sacerdotal e redentora. A ação sacerdotal mediadora de Cristo se faz presente em toda liturgia, tornando-o o “Liturgo” por antonomásia, centro e mediação de toda liturgia (BOROBIO, D. *Celebrar para viver. Liturgia y sacramentos de la Iglesia*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003, p. 42).

<sup>154</sup> SC, n. 7.

<sup>155</sup> MARSILI, S. op. cit., p. 116.

<sup>156</sup> GRILLO, A. op. cit., p. 46.

<sup>157</sup> SC, n. 10.

Litúrgica afirma categoricamente que a liturgia é “o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda sua força<sup>158</sup>.” Destarte, o artigo, ao fazer uma profunda meditação sobre o mistério da Igreja, apresenta a liturgia como o seu sinal, porque ela exerce uma função centralizadora e unificadora de todas as atividades da Igreja. Precisamente, a liturgia – como fonte e cume – oferece uma imagem verdadeira e plena da Igreja como comunidade de culto, isto é, como *ecclesia orans*<sup>159</sup>.

Portanto, a ação ritual, ou seja, a celebração da liturgia tem como escopo fundamental manifestar a Igreja em sua identidade, bem como em sua missão.

O rito não é uma expressão segunda ou secundária da vida de fé; não é uma manifestação acessória ou, como diziam os escolásticos, uma simples *protestatio fidei*; ele é experiência primeira, ação originária, comunhão radical, ato de identidade profunda. Pelo rito, a Igreja e o cristão recebem-se a si mesmos, e nele encontram, no modo mais íntimo, o Senhor Jesus. O rito, por isso, não é, antes de tudo, uma função ou uma expressão eclesial, não é o lugar em que a Igreja exerce um poder, mas é, justamente e essencialmente, um testemunho ou uma experiência eclesial, é o lugar em que a Igreja recebe a própria identidade. No seu “agir ritual”, a Igreja é reconduzida à sua origem de graça, à sua raiz de dom, à sua natureza gerada pela graça e justificada<sup>160</sup>.

Por isso mesmo, a Constituição Litúrgica afirma que é necessário, através de uma profunda formação e iniciação ao mistério da liturgia e de suas expressões rituais, “penetrar no sentido os ritos sagrados e participar perfeitamente neles, mediante a celebração dos sagrados mistérios<sup>161</sup>.” O conhecimento do rito não reside simplesmente na compreensão estrutural do seu *ordo*, mas no entendimento de sua ação na celebração da Igreja, a qual possibilita a participação profunda no mistério. Com isso, queremos nos referir à urgente formação mistagógica no que concerne à realidade dos ritos sacramentais. Não sem razão, o Concílio Vaticano II insiste na formação mistagógica da celebração litúrgica e de suas expressões rituais<sup>162</sup>.

<sup>158</sup> SC, n. 10.

<sup>159</sup> BUGNINI, A. op. cit., p. 66.

<sup>160</sup> GRILO, A. op. cit., p. 47-48.

<sup>161</sup> SC, n. 17.

<sup>162</sup> “No sínodo extraordinário de 1985, celebrando os 20 anos de encerramento do Concílio Vaticano II, os padres sinodais, ao indicar algumas urgências para a recepção da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, pediam que ‘as catequese, como já acontecia no início da Igreja, [voltassem] a ser um caminho que introduza à vida litúrgica’, ou seja, que fossem ‘catequese mistagógicas’. Em vista disso, os padres sinodais enfatizaram e exigiram fortemente (...) a comunicação mistagógica, vale dizer, aquela comunicação que tem a característica de iniciar, guiar, conduzir ao mistério – tal como diz o termo grego *mystagoghía*. Partindo dessa simples observação de caráter etimológico, compreende-se que o sentido e o valor da mistagogia não se limitam à catequese, mas informam também todas as operações teológicas; ademais, é entendido –

É oportuno lembrar ainda que a *Sacrosanctum Concilium* destaca alguns elementos fundamentais para a reforma da Sagrada Liturgia, no que concerne ao rito, de modo que fique em evidência a centralidade do mistério de Cristo celebrado. Em primeiro lugar, naquilo que é passível de mudança, a Constituição ordena uma “reestruturação” dos textos litúrgicos, de modo que o rito exprima claramente a sacralidade do mistério<sup>163</sup>. Nesse sentido, a proposta do Concílio Vaticano II é que o rito seja o elemento unificador entre o mistério do Cristo ressuscitado e o seu Corpo místico, a Igreja. Para que isso aconteça, o rito precisa assumir a riqueza e a clareza próprias da linguagem e dos sinais que o compõem, manifestando o essencial à liturgia<sup>164</sup>.

Em segundo lugar, levando em conta a estrutura e o espírito da liturgia, o Concílio propõe que, por um lado, se mantenha a “sã tradição”, e, ao mesmo tempo, “se abra caminho para um legítimo progresso”<sup>165</sup>. Por isso, sempre que houver uma reforma litúrgica, diz o Concílio, também deve haver uma “cuidadosa investigação teológica, histórica e pastoral”<sup>166</sup>. Sendo assim, segundo o pensamento conciliar, é necessário um profundo equilíbrio entre a inculturação do rito – sempre legítima e necessária – nos diversos ambientes e a fidelidade absoluta à tradição bíblico-patristica do rito.

Em terceiro lugar, a proposta da reforma litúrgica conciliar e pós-conciliar recomenda vivamente a valorização da Sagrada Escritura na celebração

---

e isso é de primordial importância – que a própria liturgia é mistagogia, porquanto ela é comunicação através de gestos, ações, sinais; é comunicação que quer introduzir ao *mysterion*.” (PARANHOS, W. “Catequese e liturgia”. In: RIVAS, E. – GODOY, M. (orgs.). *Memória e caminho. Liturgia e vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2018, p. 225). O papa Bento XVI também alude à questão da mistagogia na Exortação pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*. Ele afirma que, por sua natureza, a liturgia possui uma eficácia pedagógica para introduzir os fiéis no conhecimento do mistério celebrado. Para que esse conhecimento seja captado pelos fiéis, é necessário percorrer um itinerário mistagógico em três passos. O primeiro passo é interpretar os ritos à luz dos acontecimentos salvíficos, em conformidade com a tradição viva da Igreja. O segundo, é introduzir os fiéis no sentido dos sinais contidos nos ritos. O terceiro, por fim, implica em mostrar o significado dos ritos para a vida cristã em todas as suas dimensões. A introdução pedagógica aos mistérios, isto é, a mistagogia, é um caminho oportuno para Igreja difundir a fé e educá-la até a sua maturidade. (BENTO XVI. “Exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*. Sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida da Igreja”. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA (org.). *Enquirídio dos documentos da reforma litúrgica*. Fátima: Gráfica de Coimbra, 2014, n. 64).

<sup>163</sup> SC, n. 21.

<sup>164</sup> GRILLO, A. op. cit., p. 51-52. Quanto à clareza da linguagem e dos símbolos recordamos, destarte, que a Constituição determina que nas ações rituais da Sagrada liturgia “resplandecem a nobre simplicidade, sejam claras na brevidade e evitem as repetições inúteis; devem adaptar-se à capacidade de compreensão dos fiéis e não precisar, em geral, de muitas explicações.” (SC, n. 34).

<sup>165</sup> SC, n. 23.

<sup>166</sup> Idem.



litúrgica, pois ela em conexão com o rito manifesta a essência da liturgia<sup>167</sup>. Na liturgia, há uma íntima relação entre a Palavra e rito, na qual se desenvolve toda dinâmica da ação sacramental. Isto acontece porque:

A ação litúrgico-sacramental concentra em si palavra e ação, anúncio e testemunho, proclamação e expressão simbólica. A ação sacramental (sacramento) é palavra, pois também é memorial do mistério pascal do Senhor e anuncia a tríplice dimensão do mistério de Cristo. Ele veio e pôs sua tenda entre nós (Jo 1,14), virá um dia cercado de glória e vem constantemente mediante a ação celebrativa (SC 7). [...] A ação litúrgica atualiza o mistério da salvação por intermédio da unidade da palavra e acontecimento. A palavra acompanha o rito sacramental, e este realiza-se por meio não só de gestos e objetos sagrados, mas também, sobretudo, da palavra proclamada<sup>168</sup>.

Nesta mesma linha – relação entre a palavra proclamada e o rito litúrgico – o artigo trinta e cinco da Constituição Litúrgica recorda que a leitura mais abundante, variada e apropriada da Escritura na liturgia proporcionará uma clareza sempre maior da conexão entre a palavra proclamada e o rito<sup>169</sup>. Somente a Palavra de Deus é capaz de expressar o conteúdo e a grandeza daquilo que a ação ritual da liturgia torna presente. Por isso, há uma integração tão profunda entre a Palavra de Deus e o rito litúrgico, de tal forma a constituir o núcleo estrutural de toda ação litúrgica cristã<sup>170</sup>. Além disso, a Constituição recorda que a sagrada liturgia, além de ser um ato culto, é, também, fonte de instrução, de modo que, tanto a Palavra como os sinais sensíveis da ação ritual, se constituem num verdadeiro anúncio e condução para o mistério de Cristo<sup>171</sup>.

O que se pode notar no caminho percorrido até aqui é que a intenção da Constituição conciliar sobre a Sagrada Liturgia, no que se refere à renovação litúrgica desejada pelo Concílio, é superar uma visão estático-jurídica. Isso, segundo a mentalidade conciliar, haverá de acontecer a partir de uma autêntica formação litúrgica, sobretudo de timbre mistagógico. Certamente, por essa via, os cristãos poderão, através da ação litúrgico-ritual, nutrir-se, efetiva e permanentemente, do mistério de Cristo. Assim, nós vemos:

Por isso, a Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos não assistam a este mistério de fé como estranhos ou espectadores mudos, mas participem na ação sagrada, consciente, piedosa e ativamente, por meio de uma boa compreensão

<sup>167</sup> SC, n. 24.

<sup>168</sup> PALUDO, F. – D’ANNIBALE, M. “A Palavra de Deus na celebração”. In: CELAM. *Manual de liturgia 2. A celebração do Mistério Pascal: fundamentos teológicos e elementos constitutivos*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 162-163.

<sup>169</sup> SC, n. 35.

<sup>170</sup> PALUDO, F. – D’ANNIBALE, M. op. cit, p. 164.

<sup>171</sup> SC, n. 33.

dos ritos e orações; sejam instruídos na Palavra de Deus; alimentem-se na mesa do Corpo do Senhor; deem graças a Deus; aprendam a oferecer-se a si mesmos, ao oferecer juntamente com o sacerdote, não só pelas mãos dele, a hóstia imaculada; que dia após dia por meio de Cristo mediador progridam na união com Deus e entre si, para que finalmente Deus seja tudo em todos<sup>172</sup>.

Por conseguinte, podemos considerar que é de fundamental importância a relação existente entre Escritura e liturgia sob o prisma do mistério do rito. À luz dessa relação, descobrimos o rito como um sinal eficaz da realidade da salvação, comemorada e atualizada no *hic et nunc* da vida da Igreja e de cada batizado. Os sinais litúrgicos do culto cristão, expressos no rito, apontam e conduzem diretamente para aquele que é o centro de toda celebração: o Cristo pascal – eis, portanto, a eloquência querigmática e mistagógica do rito litúrgico. O rito celebrado, desse modo, se converterá, de fato, numa realidade de salvação sempre dinâmica, operante e atual<sup>173</sup>.

É do nosso interesse abordar no item seguinte, sempre a partir do pensamento do Vaticano II, a temática do rito litúrgico na sua precípua função de anunciar e realizar o mistério de Cristo. Desse pressuposto, teremos condições de captar, sempre com maior clareza, o rito em seu papel de instrumento a fim de possibilitar à comunidade dos fieis fazer a profunda experiência de encontro com o Mistério Pascal de Cristo.

### 3.3.

#### **O rito como anúncio e realização do mistério de Cristo**

Anteriormente, ao considerarmos o rito litúrgico na Constituição conciliar sobre a Sagrada Liturgia, pudemos constatar que ele possui uma eficácia na dinâmica da celebração<sup>174</sup>. A presença de Cristo, que atua de diversas formas, como afirma o artigo sétimo da Constituição, permite que a celebração seja eficaz e operante, de modo que o próprio Senhor perpetue sua presença na Igreja por meio dos ritos sacramentais<sup>175</sup>.

Em decorrência disso, o Mistério Pascal celebrado pela comunidade dos discípulos de Cristo possui uma dupla dimensão na ação ritual, a saber: a

<sup>172</sup> SC, n. 48.

<sup>173</sup> FLORES, J. op. cit., p. 339.

<sup>174</sup> SC, n. 6.

<sup>175</sup> VAGAGGINI, C. “Vista panorâmica sobre a constituição litúrgica”. In: BARAÚNA, G. (org.). *A sagrada liturgia renovada pelo concílio. Estudos e comentários em torno da constituição litúrgica do Concílio Vaticano Segundo*, p. 136.

dimensão do anúncio e da realização<sup>176</sup>. Estas dimensões conferem ao rito litúrgico seu dinamismo mais característico, no qual residem a força e a potência da celebração cristã. Agora, portanto, refletiremos a respeito dessas dimensões da celebração litúrgica, de modo a compreendermos, posteriormente, como rito celebrado possibilita à Igreja uma profunda experiência com o Mistério Pascal de Cristo.

Para se chegar à compreensão desejada sobre a dimensão do anúncio e realização, presentes no rito litúrgico, voltamo-nos à *Sacrosanctum Concilium*, no seu artigo sexto. O Documento recorda que a Igreja perpetua a sua missão apostólica de pregar o Evangelho a todos os homens anunciando o glorioso mistério da páscoa de Cristo e, também, levando-o a efeito, por meio do sacrifício e dos sacramentos<sup>177</sup>.

A estreita relação entre o anúncio e a ação ritual fica evidente nesse artigo sexto da Constituição Litúrgica. Ela nos leva a compreender que a pregação apostólica no seio da Igreja e o mistério do culto são duas realidades convergentes. Isso confirmamos, no *Ordo Lectionum Missae*, quando lemos:

A Igreja cresce e se constrói ao escutar a Palavra de Deus, e os prodígios que de muitas formas Deus realizou na história da salvação fazem-se presentes, de novo, nos sinais da celebração litúrgica, de um modo misterioso, mas real; Deus, por sua vez, vale-se da comunidade dos fiéis que celebra a liturgia, para que a sua Palavra se propague e seja conhecida, e seu nome seja louvado por todas as nações. Portanto, sempre que a Igreja, congregada pelo Espírito Santo na celebração litúrgica, anuncia e proclama a Palavra de Deus, reconhece-se a si mesma como novo povo. [...] Esta Palavra de Deus, que é proclamada na celebração dos divinos mistérios, não só se refere às circunstâncias atuais, mas também olha para o passado e penetra o futuro, e nos faz ver quão desejáveis são as coisas que esperamos<sup>178</sup>.

O que podemos captar na afirmação supracitada é que o mistério de Cristo – como o evento culminante da economia da salvação – torna-se acessível à Igreja quando nele se entra (isto é, se faz experiência) por meio da narração (anúncio) e da celebração (rito sacramental)<sup>179</sup>. Na convergência entre Palavra e

<sup>176</sup> ROSAS, G. “O que celebramos”? In: CELAM. *Manual de liturgia I. A celebração do Mistério Pascal: introdução à celebração litúrgica*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 98.

<sup>177</sup> SC, n. 6.

<sup>178</sup> ELENCO das Leituras da Missa. In: ALDAZÁBAL, J. (org.). *A mesa da Palavra I. Elenco das leituras da missa*. São Paulo: Paulinas, 2007, n. 7.

<sup>179</sup> GRILLO, A. op. cit, p. 51.

ação ritual, tal como afirmado no *Ordo Lectionum*, o mistério da economia da salvação atua eficazmente de forma dinâmica na comunidade dos discípulos<sup>180</sup>.

Destarte, a celebração litúrgica, como ação eclesial, desponta como o espaço primordial do anúncio no qual a Palavra de Deus ressoa com particular eficácia<sup>181</sup>.

Na Constituição *Sacrosanctum Concilium*, podemos destacar alguns elementos que nos permitem compreender com mais finura a expressividade do anúncio da Palavra no rito litúrgico.

O primeiro elemento sobre essa expressividade, encontra-se no artigo sétimo da Constituição Litúrgica, o qual afirma que Cristo “está presente na sua palavra, pois é ele quem fala quando na Igreja se leem as Sagradas Escrituras<sup>182</sup>.” Essa presença de Cristo não é uma simples presença como mera recordação dos acontecimentos de sua vida preservados na Sagrada Escritura e lidos para conhecimento da comunidade. É, antes de tudo, a presença misteriosa do Senhor que, no rito celebrado, fala diretamente ao seu povo anunciando a salvação<sup>183</sup>. Posteriormente, a mesma Constituição completa esta afirmação dizendo que na ação ritual da liturgia “Deus fala ao seu povo, e Cristo continua a anunciar o Evangelho<sup>184</sup>.”

<sup>180</sup> Sustenta essa afirmação a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, quando diz: “Aprove a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério de sua vontade (Ef 1,9), mediante o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso no Espírito Santo ao Pai e se tornam participantes da natureza divina (Ef 2,18; 2Pd, 1,4). [...] Esta ‘economia’ da Revelação executa-se por meio de ações e de palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e corroboram a doutrina e as realidades significadas pelas palavras, enquanto as palavras declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido.” (CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. “Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina”. In: COSTA, L. (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, n. 2). (Doravante nos referiremos a este documento pela sigla “DV”).

<sup>181</sup> “Considerando a Igreja como ‘casa da Palavra’, deve-se antes de tudo dar atenção à Liturgia Sagrada. Esta constitui, efetivamente, o âmbito privilegiado onde Deus nos fala no momento presente de nossa vida: fala hoje ao seu povo, que escuta e responde. Cada ação litúrgica está, por sua natureza, impregnada da Sagrada Escritura. [...] Por isso, constantemente anunciada na liturgia, a Palavra de Deus permanece viva e eficaz pela força do Espírito Santo, e manifesta aquele amor operante do Pai que não cessa jamais de agir em favor de todos os homens.” (BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal Verbum Domini. Sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2015, n. 52).

<sup>182</sup> SC, n. 7.

<sup>183</sup> ROSAS, G. op. cit, p. 101.

<sup>184</sup> SC, n. 33. Sobre afirmação da presença de Cristo nos números sete e trinta e três da Constituição Litúrgica, é justo recordar que Concílio Vaticano II teve “fê” na eficácia da Palavra proclamada na celebração litúrgica. Este entendimento do Concílio se concretizou de tal forma que a Palavra “retornou” para o contexto dos ritos litúrgicos de forma viva e vivificante. Ao conferir à Sagrada Escritura um lugar de máxima importância na celebração litúrgica, o Concílio determinou que nenhuma ação litúrgica ocorra sem a Palavra. (BUGNINI, A. op. cit., p. 70).

O segundo elemento pertinente na relação entre Palavra e rito é apresentado pela Constituição Litúrgica quando ela recorda que da Sagrada Escritura “se extraem os textos para a leitura e explicação na homilia e os salmos para cantar; do seu espírito e da sua inspiração nasceram orações, preces e hinos litúrgicos; dela tiram o seu significado os sinais e ações<sup>185</sup>.” O conteúdo desse artigo da Constituição mostra que a Palavra de Deus se torna fundamento de toda ação litúrgica<sup>186</sup>. Pois a presença da Palavra na ação ritual não reside somente em sua proclamação solene na celebração, mas, também, dá sentido e fundamento aos ritos litúrgicos.

O terceiro elemento, por fim, que mostra a profunda relação entre a Palavra de Deus e rito litúrgico, é apresentado pelo Documento conciliar quando diz que “embora a sagrada liturgia seja principalmente culto da majestade divina, é também grande fonte de instrução para o povo fiel<sup>187</sup>.” O teólogo S. Marsili nos explica essa função “anunciático-instrutiva” do rito celebrado, ao dizer:

O evento que se lê na Sagrada Escritura, é o mesmo que se realiza na Liturgia, e desta forma, a Sagrada Escritura encontra na Liturgia sua interpretação naturalmente concreta, isto é, sempre no plano de história da salvação e não de elucubração intelectual. Cristo é a “realidade anunciada” pela Sagrada Escritura, e Cristo se torna a “realidade confirmada-comunicada” pela Liturgia. Desta maneira, será precisamente a Liturgia que, através da “experiência” direta do mistério de Cristo (experiência de salvação interior), nos comunicará aquele “conhecimento” e “revelação” do mesmo mistério, que não poderá nunca permanecer apenas intelectual, mas que tenderá sempre a apresentar-se de novo, com o crescimento do “conhecimento-revelação”, numa maior “experiência” íntima e existencial. Portanto, a Sagrada Escritura, também como “revelação” de salvação, se completa na Liturgia<sup>188</sup>.

Considerando esta precisa explicação de S. Marsili, podemos compreender que a dinâmica do anúncio no rito presente na celebração litúrgica permite à

<sup>185</sup> SC, n. 24.

<sup>186</sup> “A Constituição *Sacrosanctum Concilium* determina (...) que seja restaurada ‘a leitura mais abundante, mais variada e mais bem adaptada da Sagrada Escritura’. A razão dessa restauração encontra-se expressa na mesma Constituição litúrgica: ‘para se poder ver claramente que na Liturgia o rito e a palavra estão intimamente unidos’; e de modo análogo, na Constituição Dogmática sobre a Divina Revelação: ‘A Igreja venerou sempre as divinas Escrituras como venera o próprio Corpo do Senhor, não deixando jamais, sobretudo na sagrada Liturgia, de se alimentar com o pão da vida e de o distribuir aos fiéis tanto da mesa da Palavra de Deus como da do Corpo de Cristo’.” (JOÃO PAULO II. “Carta apostólica *Vicesimus Quintus Annus*. No 25º aniversário da Constituição sobre a Sagrada Liturgia”. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA (org.). *Enquirídio dos documentos da reforma litúrgica*. Fátima: Gráfica de Coimbra, 2014, n. 8). (Doravante nos referiremos a este documento pela sigla “VQA”).

<sup>187</sup> SC, n. 33.

<sup>188</sup> MARSILI, S. op. cit., p. 124.

Igreja haurir o Mistério de Cristo com toda sua força e eficácia. Isto é possível porque o rito litúrgico celebrado tem em sua estrutura o anúncio solene da realidade de salvação operada por Cristo, através da proclamação da Palavra e dos sinais rituais.

Diante destes elementos expostos acima, é oportuno afirmar que Palavra presente no rito celebrado nunca é mera palavra vazia, oca ou esquecida pelo tempo, como tantas vezes acontece com a palavra humana. Ao contrário, ela é dotada de uma realidade dinâmica, vivificadora; ela é uma força que torna presente os desígnios de Deus.

Na perspectiva bíblica, a Palavra é mais que uma simples representação abstrata. É *dabar*: palavra que atua, intervém, para moldar a vida das pessoas e ilumina o caminho do povo através da história. [...] A Palavra (*dabar*) de Deus (...) é entendida como um princípio ativo que realiza o que enuncia e, por isso, é realmente “fato” e não “significado”. Assim, a palavra bíblica tem um conteúdo dinâmico, além de noético. Isso é particularmente certo no que se refere à palavra sagrada: “a Palavra de Deus enuncia o que realiza e realiza o que enuncia. No momento em que é proferida, a Palavra de Deus transforma-se em acontecimento<sup>189</sup>”.

Ponderando esta perspectiva, é oportuno recordar que, historicamente, a estrutura do culto hebraico se baseava nos “eventos” de salvação operados por Deus no Antigo Testamento em favor do seu povo. Por isso, a redação da Sagrada Escritura realizou-se, principalmente, em vista de uma leitura e, também, de uma reflexão desses eventos no culto. Assim sendo, a Palavra proclamada se manifesta como anúncio perene do projeto divino da salvação, e a liturgia é a sua realização ritual. A liturgia cristã compartilha esta mesma estrutura. Porém, enquanto na liturgia hebraica a realização ritual do acontecimento de salvação não ia além do valor de símbolo, a liturgia cristã, ao contrário, será realização ritual do evento real da salvação, que tem seu fundamento no Mistério Pascal de Cristo. Nesse sentido, o que podemos captar é que a ação ritual da liturgia cristã está para a Sagrada Escritura, como a “realidade” de Cristo está para seu “anúncio”<sup>190</sup>.

A realidade-novidade que se refere a Cristo passou para a liturgia e, como a Sagrada Escritura e todas as suas fases é sempre o anúncio da salvação (querigma), do mesmo modo a liturgia, em todos os seus momentos, é sempre realização no plano ritual. Tudo isso comporta três consequências: a liturgia exige a leitura da Sagrada Escritura não somente de modo edificante, mas também, e sobretudo, porque é componente indispensável da liturgia cristã; a liturgia é sempre “revelação” em ato enquanto constitui o momento no qual a

<sup>189</sup> PALUDO, F. – D’ANNIBALE, M. op. cit., p. 151.

<sup>190</sup> MARSILI, S. op. cit., p. 123.

Palavra se faz carne e habita entre nós; a liturgia interpreta hermeneuticamente a Escritura na vida da Igreja. Uma vez considerando tudo isso, assiste-se a um fato importante: a Sagrada Escritura, na liturgia, abandona seu papel de palavra morta ou escrita para adotar, cada vez mais, o papel de anúncio-proclamação de um acontecimento de salvação presente<sup>191</sup>.

Observamos, pelas afirmações acima elencadas, que a Palavra tem um papel fundamental na dinâmica da ação ritual. O rito celebrado, como lugar basilar de anúncio da Palavra, tem a função querigmática de proclamar o Mistério Pascal como evento salvífico à Igreja. Porém, além trazer consigo a função de anunciar o mistério, o rito, pela potência da Palavra unida a ele, se torna um princípio ativo, carregando, também, a missão de realizar o mistério que anuncia<sup>192</sup>.

Corroborar com essa reflexão o Catecismo da Igreja Católica. Ele, ao nos lembrar que a liturgia cristã possui a função de recordar os acontecimentos do mistério salvífico de Cristo, afirma, também, que a liturgia atualiza este mesmo mistério<sup>193</sup>. Por esta afirmação, concebemos que o rito, na celebração litúrgica, carrega a função de realização do mistério de Cristo. Essa concepção é expressa pela interdependência profunda entre a Palavra de Deus e as ações rituais, o que indica e revela a realidade do Mistério Pascal de Cristo na liturgia da Igreja.

As palavras e as ações rituais da liturgia são eficazes: realizam aquilo que proclamam. Não se trata de uma eficácia mágica, de um efeito mecânico e autônomo da ação celebrativa. A eficácia da liturgia é a da revelação: quando encontra um coração disposto, a Palavra de Deus pode nele plantar sua tenda e fincar raízes. A liturgia celebrada por um cristão é sempre fonte de compromisso e força de consequência na vida concreta<sup>194</sup>.

O texto acima, ao afirmar que a eficácia da liturgia é a da revelação, naturalmente nos leva a recordar que a Palavra de Deus e as ações rituais têm sua origem nos acontecimentos da salvação, ou seja, nas intervenções de Deus na história. De fato, Deus se revelou “com atos e palavras” intimamente unidos, pelos quais ele atua e manifesta seu desígnio de salvação<sup>195</sup>. Estes atos e

<sup>191</sup> FLORES, J. op. cit., p. 337.

<sup>192</sup> Nos versículos finais dos evangelhos Mateus e Marcos, nos deparamos com a missão que Cristo confiou à Igreja. Nestes versículos, nós lemos: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.” (Mt 28,19-20. Conferir também Mc 16,15-16). Nesse texto, compreendemos a íntima relação entre o anúncio e a atualização sacramental do mistério da salvação na vida da Igreja. No que concerne ao rito celebrado, a dimensão do anúncio e da realização do mistério estão profundamente relacionados.

<sup>193</sup> CEC, n. 1104.

<sup>194</sup> ROSAS, G. op. cit., p. 98.

<sup>195</sup> DV, n. 2.

palavras com os quais Deus se manifestou não só indicam uma intervenção divina na história, mas se transformam, na ação ritual da liturgia, em elemento de diálogo eficaz entre Deus e o ser humano; mais precisamente, entre Cristo e sua Esposa, a Igreja<sup>196</sup>.

Para entender melhor a eficácia do rito celebrado como anúncio e realização do mistério de Cristo nos utilizamos, agora, da categoria teológica “memorial”<sup>197</sup>.

Memorial significa presença e eficácia atuais do comemorado, de maneira que acontecimentos que historicamente pertencem ao passado se tornam de fato presentes na vida de hoje do povo de Deus que celebra a sua fé. Foi a categoria memorial que permitiu considerar a liturgia como “momento histórico da salvação”. [...] A liturgia é uma ação ritual temporal na qual se atualiza um evento salvífico do passado, por meio de sinais e símbolos, apresentando-se com toda sua força libertadora no hoje da assembleia celebrante<sup>198</sup>.

Quando no rito litúrgico reunimos tanto as palavras como os sinais do evento revelador de Deus e o celebramos, fazemos experiência atualizada desse evento. Ao celebrar, os fatos do evento deixam de ser simplesmente recordações de uma experiência feita noutra tempo e lugar e se tornam uma realidade presente e atuante. Esta memória do evento sagrado celebrado, na ação ritual da liturgia, exprime a realidade atualizada da experiência com o mistério<sup>199</sup>.

A categoria teológica “memorial”, portanto, indica que a celebração litúrgica não é uma mera lembrança histórica do Senhor. Ao contrário, o memorial faz da celebração o mesmo e único acontecimento de salvação, que se produz e se manifesta no rito celebrado. Assim, a ação ritual objetiviza a realidade celebrada e a torna presente. Nesse sentido, celebrar é viver e sentir a eficácia de um fato

<sup>196</sup> MARSILI, S. *Sinais do mistério de Cristo. Teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*, p. 72.

<sup>197</sup> O memorial é “uma realidade de grande importância na liturgia, a ponto de constituir uma das categorias que mais contribuem para defini-la enquanto presença e realização da obra da salvação. [...] É uma ação sagrada ou conjunto de ritos e inclusive um dia festivo em honra do Senhor, mediante os quais Deus mesmo se reconcilia com seu povo e com suas ações salvíficas e o povo se volta para seu Deus recordando suas obras. [...] Isso explica que o memorial apareça sempre na Bíblia como um sinal que reúne em si o passado (função rememorativa), e o presente (função manifestativa ou atualizadora) e garante a esperança no futuro (função profética). [...] A diferença entre o novo memorial e o antigo não está na ação comemorativa (...), mas sim nos novos sinais e no novo conteúdo que se faz presente. [...] Na nova aliança é o mistério pascal de Jesus Cristo e todos os outros fatos e palavras de salvação realizados por ele que agora se tornam presentes e operantes na celebração.” (MARTIN, J. *No espírito e na verdade. Introdução antropológica à liturgia*, p. 65-68).

<sup>198</sup> ROSAS, G. op. cit., p. 95.

<sup>199</sup> GRILLO, A. op. cit., p. 45.



salvífico irrepitível e pertencente ao passado, mas, que pela celebração litúrgica, se torna presente e contém em promessa o futuro<sup>200</sup>.

Querendo considerar ainda mais essa questão, entendemos que o memorial do Mistério Pascal de Cristo está ligado intimamente à ação ritual em sua dimensão de anúncio e realização. Exatamente por essas dimensões, a ação ritual na celebração litúrgica garante a participação plena e atual no mistério. O rito litúrgico, desse modo, é autêntico somente se mantiver estruturalmente esta dupla dimensão, colocando em comunicação o evento salvífico de Cristo e a realidade da Igreja<sup>201</sup>.

Esta ação comunicadora entre o mistério de Cristo e a Igreja proporcionada pelo rito celebrado, através de sua dupla dimensão é, realmente, uma ação mistagógica.

A mistagogia é, conseqüentemente, o conhecimento do mistério narrado pelas Escrituras e celebrado na liturgia. Assim, como a exegese espiritual das Escrituras é conhecimento de Cristo, do mesmo modo a mistagogia, enquanto exegese espiritual da liturgia, é também conhecimento e entendimento espiritual de Cristo. A mistagogia é, portanto, a real possibilidade de atribuir à liturgia a conhecida frase de São Jerônimo: “*Ignoratio Scripturarum, ignoratio Christi est*”, “não conhecer as Escrituras significa não conhecer Cristo”. Do mesmo modo, “*ignoratio liturgiae, ignoratio Christi est*”: “não conhecer a liturgia significa não conhecer Cristo”<sup>202</sup>.

Considerar a mistagogia na celebração litúrgica não se trata, simplesmente, de descrever ou analisar racionalmente a ação ritual e, muito menos, o mistério celebrado como se fosse algo aquém da nossa realidade. Apesar do termo “mistagogia” derivar do verbo “*myéō*”, que significa “ensinar uma doutrina”, “iniciar nos mistérios”, a ação mistagógica na celebração litúrgica indica o ato de conduzir para dentro do mistério<sup>203</sup>.

A mistagogia é um caminho espiritual pelo qual o rito litúrgico, em sua dimensão de anúncio e realização, conduz a Igreja ao encontro com o mistério de Cristo<sup>204</sup>. Contudo, é de salutar importância ressaltar que a mistagogia cristã:

<sup>200</sup> MARTIN, J. *A liturgia da Igreja. Teologia, história, espiritualidade e pastoral*, p. 70.

<sup>201</sup> GRILLO, A. op. cit., p. 46.

<sup>202</sup> BOSELLI, G. op. cit., p. 32.

<sup>203</sup> PARANHOS, W. op. cit., p. 233.

<sup>204</sup> “Pelo rito, a Igreja e o cristão recebem-se a si mesmos, e nele encontram, no modo mais íntimo, o Senhor Jesus. O rito, por isso, (...) é, justamente e essencialmente, um testemunho ou uma experiência eclesial, é o lugar em que a Igreja recebe a própria identidade. No seu “agir ritual”, a Igreja é reconduzida à sua origem de graça e justificada. O seu agir está aqui, antes de tudo, e ser habilitada para agir. Ela é e permanece ‘*ecclesia*’ apenas enquanto pode viver de ‘*eucharistia*’.” (GRILLO, A. op. cit., p. 47-48).

Como uma ação eminentemente cristológica significa, antes de tudo, afirmar que só o mistério pode desvelar plenamente o mistério: o mistério se revela por si mesmo. Afirmar este princípio significa reconhecer uma verdade essencial da experiência de fé (...): o homem conhece o nome de Deus, porque foi Deus que, gratuitamente, revelou seu nome ao homem. Sim, a revelação do mistério de Deus é um ato de Deus mesmo<sup>205</sup>.

Tendo considerado tudo isto, vamos, agora, percorrer este caminho mistagógico pelo qual Deus nos conduz para dentro de seu mistério na liturgia. Em nossa reflexão, desejamos compreender como o rito litúrgico, com sua função de anúncio e realização, torna-se o lugar onde o mistério de Cristo se manifesta de forma clara e luminosa, proporcionando à Igreja uma profunda experiência.

---

<sup>205</sup> BOSELLI, G. op. cit, p. 19.

#### 4. O rito: lugar da epifania do mistério de Cristo

No capítulo anterior, ao percorrermos a reflexão da teologia litúrgica do Concílio Vaticano II, tivemos a possibilidade de perceber uma concepção renovada de liturgia que floresce para a vida da Igreja. Já no primeiro artigo da Constituição sobre a Sagrada Liturgia, compreendem-se as motivações deste intento<sup>206</sup>:

O sagrado Concílio, propondo-se fomentar sempre mais a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às exigências do nosso tempo aquelas instituições que são suscetíveis de mudanças, favorecer tudo o que pode contribuir à união dos que creem em Cristo, e revigorar tudo o que contribui para chamar a todos ao seio da Igreja, julga ser sua obrigação ocupar-se de modo particular também da reforma e do incremento da liturgia<sup>207</sup>.

Para o Concílio, não basta somente um simples conceito para descrever positivamente a essência da liturgia, de modo que ela manifeste todo seu vigor e a sua função. No caminho que percorremos ao longo deste trabalho, percebemos que, ao retomar os fundamentos bíblico-patristicos da celebração litúrgica, a Constituição Litúrgica apresenta uma concepção de liturgia que procura fomentar sempre mais a vida cristã. Segundo o Documento, “a liturgia, enquanto edifica aqueles que estão na Igreja em templo santo no Senhor, em habitação de Deus no Espírito, até atingir a medida da plenitude de Cristo, ao mesmo tempo e de modo admirável robustece suas forças para que preguem a Cristo<sup>208</sup>.”

Assim, a partir da Constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium*, a liturgia é concebida como presença sacramental da obra redentora de Cristo na Igreja, lugar da manifestação do mistério de Cristo e expressão da genuína natureza da

<sup>206</sup> No tocante à liturgia percebe-se, nas décadas precedentes ao Concílio Vaticano II, uma crise em relação à dinâmica das celebrações litúrgicas; um estranhamento, severo e agudo, diante da realidade dos sacramentos, dentro do cristianismo. Esta crise foi motivada, especialmente, pelo materialismo intenso na realidade cotidiana. Como a ideia de sacramento pressupõe uma compreensão simbólica de mundo, percebia-se, por outro lado, que a compreensão atual do mundo é funcional, vendo as coisas somente como coisas, em função do trabalho e do rendimento humano. Partindo dessa compreensão, era impossível, naquele momento, entender como pode um sacramento possibilitar uma nova realidade, uma nova experiência. Por isso, uma renovação litúrgica era necessária, contanto que refletisse sobre os questionamentos daquele tempo. Caso não o fizesse, tornar-se-ia uma reflexão superficial ou se reduziria a um assunto puramente estético. (RATZINGER, J. *Teología de la liturgia. La fundamentación sacramental de la existencia cristiana*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2012, p. 139-140).

<sup>207</sup> SC, n. 1.

<sup>208</sup> SC, n. 2.

Igreja<sup>209</sup>. Essa concepção manifesta pelo Documento conciliar, como refletimos no capítulo anterior, apresenta uma relação fundamental entre o mistério de Cristo, o mistério da Igreja e o mistério da liturgia. Ainda, esta mesma afirmação da Constituição evidencia que o mistério da liturgia é o lugar da relação mais íntima e profunda entre Cristo e a Igreja<sup>210</sup>.

A dinâmica dessa relação é apresentada pelo Novo Testamento através da expressão “culto espiritual”<sup>211</sup>. Este culto, em sua expressão litúrgica, não reside num ritualismo externo, convencional ou em mero cumprimento de cerimônias. O culto espiritual, vivenciado pela Igreja, consiste na transformação da própria existência, por meio da caridade divina, de forma que o cristão participa do mistério de Cristo, vivendo em comunhão com o seu Senhor<sup>212</sup>.

A liturgia, como celebração de santificação e de culto, permanece aberta à existência do cristão, no lugar onde ele tem que viver sua própria vocação. Seus sentimentos devem estar impregnados daquele dom que teve sua fonte na liturgia, mas que exige uma continuidade existencial. Com efeito, a liturgia é dinâmica, já que impele os fiéis a que “exprimam em suas vidas e aos outros manifestem o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja” (SC 2), segundo aquela límpida frase da liturgia romana, síntese de uma autêntica espiritualidade litúrgica: “*ut sacramentum vivendo teneant quod fide perceperunt*” (conservem em sua vida o que receberam pela fé) (SC 10)<sup>213</sup>.

Nessa relação supracitada, a teologia litúrgica conciliar concebe, então, a celebração litúrgica como um acontecimento de aliança. A liturgia é a ação em que se realiza o mistério das núpcias entre Cristo e a Igreja. Expressivamente, podemos dizer que a liturgia é a consumação das núpcias, é a chegada do Esposo

<sup>209</sup> SC, n. 2.

<sup>210</sup> “Recordemos que o sujeito da liturgia é a Igreja. Por Igreja entendemos não a parte hierárquica, mas seu sentido primitivo de corpo de Cristo, de mistério-sacramento de Cristo, de povo de Deus. Finalmente, a Igreja vai recuperando suas dimensões mais autênticas e volta à sua primitiva e fundamental natureza de corpo de Cristo, de mistério-sacramento de Cristo e de povo de Deus. [...] Na Igreja do Novo Testamento, além do aspecto constitutivo-orgânico, fica claro seu aspecto cultural, até o ponto de poder afirmar que ‘o corpo de Cristo é a Igreja, isto é, a Igreja cultural’, ou uma comunidade de culto no nível de culto. Essa dimensão cultural na Igreja é e deveria ser sempre primária. Precisamente o prólogo de João, ao apresentar a síntese da história da salvação, proclama claramente a dimensão cultural da encarnação de Cristo. Daí provém a afirmação de SC, n. 2, quando diz que a liturgia revela a autêntica natureza da Igreja: fala-se de uma Igreja que é povo de Deus com finalidade e vocação de culto divino, destinado a ser, no tempo e no espaço, realização espiritual do que Cristo foi em seu corpo terreno.” (FLORES, J. op. cit., p. 411-412).

<sup>211</sup> “Jesus se apresenta seguindo a linha dos profetas que exigem o primado do espírito sobre o rito (Mt 5,23ss.; Mc 12,33). [...] Com Jesus, conclui-se a época profética da ‘figura’ e do anúncio; termina o culto ligado a lugares particulares e inaugura-se o culto ‘em espírito e verdade’ (Jo 4,24). Não se trata de um culto oferecido ‘de modo espiritual e não corporal’ ou de culto somente interior trata-se, ao invés, de um culto que tem como princípio vital o Espírito Santo. [...] O culto em ‘espírito e verdade’, por conseguinte, é o culto oferecido com toda a vida da pessoa, como viveu e exemplificou o próprio Cristo.” (BERGAMINI, A. op. cit., p. 274).

<sup>212</sup> Idem., 275.

<sup>213</sup> CASTELLANO, J. op. cit., p. 61.

e sua marcha para a eterna festa de seu amor pela sua esposa, a Igreja<sup>214</sup>. Esta dimensão das núpcias entre Cristo e a Igreja, faz com que a liturgia, em sua ação ritual, desponte como um expressivo lugar de encontro e relação.

Essa concepção encontra seu fundamento no Mistério Pascal de Cristo. Ele é o mais intenso gesto de comunicação e revelação do mistério de Deus à humanidade<sup>215</sup>. Ele é a manifestação mais clara e luminosa de Deus aos homens. O mistério da páscoa é a epifania<sup>216</sup> do amor de Deus à humanidade. A páscoa do Senhor, que condensa em si toda história da salvação, constitui-se como o centro da teologia litúrgica do Concílio Vaticano II<sup>217</sup>. Na liturgia, o Mistério Pascal, como nova e eterna aliança de amor entre Deus e seu povo, é entendido e implementado através de sinais sensíveis da ação ritual, que evocam e manifestam e tornam presente o mesmo mistério, aguardando a realização escatológica<sup>218</sup>.

Por isso, no que concerne a este trabalho, passaremos agora a refletir como o rito litúrgico celebrado (como culto espiritual), em sua dimensão de anúncio e realização, torna-se lugar da epifania do Mistério de Cristo na liturgia. Consequentemente, procuraremos, também, compreender como este mistério, com toda sua potência e vitalidade, incide sobre a realidade daqueles que com ele se encontram.

#### 4.1.

##### A epifania do mistério de Cristo no rito

A Constituição sobre a Sagrada Liturgia, no seu quinto artigo, forneceu-nos uma rica síntese do plano divino da salvação, ao dizer:

Deus, o qual “quer salvar todos os homens e fazer com que cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4), “havendo outrora falado muitas vezes e de muitos modos aos pais pelos profetas” (Hb 1,1), quando veio a plenitude dos tempos, mandou o seu Filho, Verbo feito carne, ungido pelo Espírito Santo, para anunciar a boa nova aos pobres, curar os contritos de coração, “médico da carne e do espírito”, mediador entre Deus e os homens. Com efeito, sua humanidade, na unidade da pessoa do Verbo, foi o instrumento de nossa salvação. Pelo que em

<sup>214</sup> RATIZINGER, J. op. cit., p. 514.

<sup>215</sup> SC, n. 5.

<sup>216</sup> No primeiro capítulo deste trabalho, recordamos sobre o sentido do termo “epifania” aplicado ao mistério de Cristo. Assim, no Novo Testamento, vemos o uso do termo “epifania”, por exemplo, quando São Paulo diz a Tito que “a graça de Deus se manifestou (“*epiphaneia*”) para a salvação de todos os homens. Ela nos ensina a abandonar a impiedade e as paixões mundanas (...) aguardando a nossa bendita esperança, a manifestação (“*epiphaneia*”) da glória do nosso grande Deus e Salvador, Cristo Jesus” (Tt 2,11-12a.13). (BERGER, R. op. cit., p. 149).

<sup>217</sup> RATIZINGER, J. op. cit., p. 514.

<sup>218</sup> SORCI, P. op. cit., p. 31.

Cristo “deu-se o perfeito cumprimento da nossa reconciliação com Deus e nos foi comunicada a plenitude do culto divino”<sup>219</sup>.

A afirmação do texto conciliar permitiu-nos conceber que existe uma estreita conexão entre o evento salvífico e a ação ritual na liturgia. Pois é, justamente, no “culto divino” que se manifesta e se celebra, de forma privilegiada, o mistério da salvação operada por Cristo<sup>220</sup>. Corrobora com esta afirmação a *Sacrosanctum Concilium* ao lembrar que a “liturgia é considerada como exercício da função sacerdotal de Cristo. Ela simboliza através de sinais sensíveis e realiza em modo próprio a cada um a santificação dos homens<sup>221</sup>.”

“Assim, o culto que a Igreja na liturgia presta a Deus não pode ser senão o ato no qual Cristo Senhor, sumo sacerdote, une a si a Igreja assumindo-a no culto que ele presta a Deus, e a Igreja livremente deixando-se assumir nesse processo presta culto à sua Cabeça e esposo, unindo-se ao culto que ele presta a Deus<sup>222</sup>.” A Igreja, na ação cultual, não é mera espectadora, mas, pela sua condição de Corpo, unido à Cabeça, que é Cristo, ela é atuante na celebração da salvação<sup>223</sup>.

A liturgia, que é o mistério de Cristo presente em sua Igreja, exige um total envolvimento. Não se participa de alguma coisa, mas se celebra Alguém. Não se delega a outros o compromisso de responder plenamente ao dom da Palavra, dos sacramentos e da Eucaristia, mas se é interpelado, de modo pessoal, a agir em “sinergia” com Cristo e com o seu Espírito e escutar a própria voz no coro da Igreja assembleia. [...] Dentro da celebração, somos interpelados a nos abrir ao mistério que se faz presente e no qual somos co-participantes<sup>224</sup>.

O rito, por sua vez, é a linguagem própria desse culto divino. Em suas palavras, gestos e a ações simbólicas se estabelece o diálogo da salvação entre Cristo e a Igreja, numa dinâmica de acolhida, comunhão e resposta de forma

<sup>219</sup> SC, n. 5.

<sup>220</sup> “Em primeiro lugar, impõe-se o princípio de que a liturgia da Igreja é a celebração do Mistério Pascal de Cristo, porque foi ‘do lado de Cristo adormecido na Cruz que brotou o admirável sacramento de toda a Igreja’. Por isso, toda a vida da Igreja gravita em torno do Sacrifício eucarístico e dos outros Sacramentos, onde vamos beber nas fontes vivas da salvação (Is 12,3). [...] A Liturgia tem como função primária reconduzir-nos a percorrer incansavelmente o caminho pascal aberto por Cristo, no qual se aceita morrer para entrar na vida. Para atualizar o seu mistério pascal, Cristo está sempre presente na sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas.” (VQA, n. 6-7).

<sup>221</sup> SC, n. 7.

<sup>222</sup> VAGAGGINI, C. op. cit., p. 242.

<sup>223</sup> “Cristo torna-se especialmente presente nas ações litúrgicas, associando a Igreja a si mesmo. Por conseguinte, cada celebração é obra de Cristo Sacerdote e do seu Corpo Místico, ‘culto público integral’, em que se participa antegozando a Liturgia da Jerusalém celestial.” (JOÃO PAULO II. “Carta apostólica *Spiritus et Sponsa*. No 40º aniversário da Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia”. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA (org.). *Enquirídio dos documentos da reforma litúrgica*. Fátima: Gráfica de Coimbra, 2014, n. 2). (Doravante nos referiremos a este documento pela sigla “SS”).

<sup>224</sup> CASTELLANO, J. op. cit., p. 97.

celebrativa. O rito litúrgico é a mediação ativa que possibilita, na liturgia, a profunda experiência com o evento salvífico<sup>225</sup>. Mas, para bem compreender a intensidade dessa mediação realizada pelo rito, é pertinente abordar, nesse momento, a função que as palavras, gestos e símbolos tem no contexto da celebração litúrgica.

Em primeiro lugar, refletindo sobre a função da linguagem verbal na ação ritual, recordamos que a Constituição Litúrgica, ao tratar da reforma da liturgia, afirmava que “o texto e as cerimônias devem ordenar-se de tal modo, que de fato expressem mais claramente as coisas santas que eles significam e o povo cristão possa compreendê-las facilmente<sup>226</sup>.” A comunicação verbal que compõe o rito, como se pôde observar pela afirmação da *Sacrosanctum Concilium*, é essencial para que o rito celebrado exprima o mistério nele contido. A palavra, enquanto linguagem verbal específica do culto da Igreja, articulada aos gestos, proporcionará um contexto expressivo e significativo para o agir ritual. Por isso, ela tem como função evocar o mistério e expressar a experiência do inefável<sup>227</sup>.

Em segundo lugar, ao tratarmos da linguagem gestual, lembramos que “a determinação dos gestos rituais não obedece a uma mera intencionalidade humana, mas procede de Cristo e da Igreja (enquanto autêntica intérprete do Senhor)<sup>228</sup>.” Na ação litúrgica, a articulação dos gestos com as palavras aponta para o significado salvífico das ações realizadas na liturgia<sup>229</sup>. Compreender a dinâmica gestual da celebração, por conseguinte, é essencial para alcançar a eficácia da ação ritual. Seu entendimento, também, é fundamental para promoção da participação plena, consciente e ativa na celebração litúrgica, como deseja o

<sup>225</sup> “Cristo, ao dar os sacramentos, não pretende nem pode pretender outra coisa a não ser dar aos seres humanos, que crerem nele, o meio para se inserirem na ‘história da salvação’, em âmbito de ‘realização’ ou de ‘atuação’. De fato, a história da salvação existe em dois momentos, dos quais um é o anúncio expresso em fatos ou palavras, que são ‘sinais da salvação futura’; o outro é a realidade que esses ‘sinais’ encontram em Cristo. Nesse sentido, Cristo é o ‘grande sacramento da salvação’; isto é, aquele no qual a ‘salvação é significada-realizada-tornada presente’.” (MARSILI, S. op. cit., p. 114).

<sup>226</sup> SC, n. 21.

<sup>227</sup> MARTÍN, J. *No espírito e na verdade. Introdução antropológica à liturgia*, p. 133.

<sup>228</sup> Idem, p. 197.

<sup>229</sup> Os gestos são, por certo, movimentos. Mas as atitudes, as posturas imóveis também são parte importante da gestualidade na liturgia. Em cada momento da ação ritual, seja o ministro da celebração ou o fiel, o conjunto convergente de gestos irradiados em cada momento oportuno da ação ritual irradia uma presença que é transparência do mistério. (MALDONADO, L. – FERNÁNDEZ, P. “A celebração litúrgica: fenomenologia e teologia da celebração”. In: BOROBIO, D. (org.). *A celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental*. v. 1. São Paulo: Loyola, 2002, p. 235).

Concílio Vaticano II<sup>230</sup>. É oportuno recordar que a liturgia, como uma ação ritual, não pertence somente ao gênero dos *logos*, mas, também, do *ergon*. Ela, pela sua natureza dinâmica, mobiliza a corporalidade do homem: os sentidos, a visão, a audição, o gosto, a tato, o olfato, as atitudes, as posturas, os gestos, movimentos, o ambiente, o espaço, o tempo. Pensar a liturgia, compreender sua dinâmica como ação ritual, certamente necessitará de uma reflexão sistemática. Mas, é preciso libertar-se da ilusão de que se pode compreender as riquezas de uma experiência – como é a profunda experiência ritual na liturgia – com uma mera explicação preliminar<sup>231</sup>. Viver a dinâmica da linguagem gestual é fundamental para se entender a manifestação do mistério pela mediação do rito litúrgico.

Em terceiro lugar, ao refletirmos sobre a linguagem simbólica, recordamos o quanto esta realidade sensível é fundamental para a ação ritual. Precisamente por sua transcendência, o mistério não pode jamais ser apreendido de forma direta ou materialmente. Mas, ao deixar sua marca nas realidades sensíveis da criação, elas se tornam simbólicas, adquirindo a capacidade de nos remeter a ele e fazê-lo presente<sup>232</sup>. O símbolo tem uma função decisiva na ação ritual, ele faz a passagem da realidade profana para a realidade do mistério, do sagrado<sup>233</sup>. O símbolo é mediação, ele ordena e expressa nossas experiências mais profundas. Em relação às diversas realidades, ele se torna instrumento de comunicação. Em relação a Deus, pelo símbolo se expressa e realiza o encontro com Deus<sup>234</sup>.

Tendo refletido sobre essas linguagens que compõem o agir ritual, podemos conceber que o rito litúrgico proporciona à Igreja uma profunda experiência com o próprio Senhor, na qual ela reconhece a própria identidade<sup>235</sup>. No agir ritual, a Igreja é reconduzida à sua experiência originária, à sua natureza gerada pela graça e justificada<sup>236</sup>. Na relação íntima, entre o rito e a economia da salvação na celebração eclesial, afirma o Catecismo:

Por meio das palavras, das ações e dos símbolos que formam a trama da celebração, o Espírito põe os fiéis e os ministros em relação viva com o Cristo, palavra e imagem do Pai, a fim de que possam fazer passar à sua vida o sentido

<sup>230</sup> SC, n. 14.

<sup>231</sup> SORCI, P. “La liturgia azione di epiclesi e anamnesi. Il culto di Cristo in Spirito Santo”. In: SORCI, P. (org). *La liturgia della Chiesa. La Sacrosanctum Concilium e la sua eredità*. Roma: Città Nuova, 2013, p. 53.

<sup>232</sup> MALDONADO, L. – FERNÁNDEZ, P, op. cit., p. 219.

<sup>233</sup> BONACCORSO, G. *La liturgia e la fede. La teologia e l’antropologia del rito*, p. 186.

<sup>234</sup> BOROBIÓ, D. op. cit., p. 179.

<sup>235</sup> SC, n. 2.

<sup>236</sup> GRILLO, A. op. cit., p. 47-48.



daquilo que ouvem, contemplam e fazem na celebração. [...] A celebração litúrgica refere-se sempre às intervenções salvíficas de Deus na histórica. “A economia da salvação concretiza-se por meio das ações e das palavras intimamente interligadas. (...) As palavras proclamam as obras e elucidam o mistério nelas contido”<sup>237</sup>.

O rito celebrado na liturgia, pela ação do Espírito de Deus, é o momento, lugar e núcleo da epifania do mistério de Cristo na liturgia<sup>238</sup>. Na dinâmica da celebração, o rito, com suas palavras, gestos e símbolos possibilita um ambiente propício para o encontro entre Cristo e a *ecclesia orans*. Afinal, quando falamos sobre Cristo, não estamos tratando simplesmente de uma verdade histórica em que se deve acreditar ou um exemplo moral a imitar, mas é sacramento, é mistério a ser celebrado. Seria insensato apreender plenamente o mistério de Cristo somente com uma reflexão sistemática, seja doutrinal ou moral. Mas, pelo fato de ser mistério, a ação ritual é fundamental para poder experimentá-lo, deixar-se envolver por ele<sup>239</sup>.

Em nossa reflexão, entendemos que o rito litúrgico, no contexto da celebração, não é somente um espaço de anúncio do mistério redentor de Cristo realizado na história. Se assim o fosse, a trama celebrativa se reduziria somente a uma mera lembrança dos acontecimentos salvíficos. Assim, estes acontecimentos estariam distantes de nós, tanto no tempo quanto na eficácia. Compreendemos, também, que a celebração litúrgica não se restringe a um tipo de mediação que, simplesmente, coloca o homem em “comunicação” com o mistério, mas sem relacionar-se com ele.

O rito litúrgico celebrado, ao contrário, produz uma ação eficaz da salvação naquele que é posto em contato com o mistério celebrado na liturgia<sup>240</sup>. A sua estrutura pressupõe uma palavra indicativa ou invocativa, que vem em decorrência da Palavra de Deus proclamada, a qual acompanha um gesto cheio de significado. Não há, portanto, na ação ritual, uma *mimesis* ou imitação mágica do fazer divino<sup>241</sup>. A afirmação do Catecismo, acima expressa, já confirmava que há eficácia nas palavras, gestos e símbolos da ação ritual que formam a trama da celebração. Esse fato nos permite compreender que o Mistério Pascal celebrado

<sup>237</sup> CEC, n. 1101.1103.

<sup>238</sup> CORBON, J. op. cit., p. 95.

<sup>239</sup> GRILLO, A. op. cit., p. 44.

<sup>240</sup> SC, n. 7.

<sup>241</sup> MARTÍN, J. op. cit, p. 144.

não só é uma realidade próxima da vida da Igreja, mas, também, se manifesta de forma clara e luminosa na celebração eclesial<sup>242</sup>.

A nossa liturgia terrestre, vista da parte de Cristo, portanto sob o véu dos sinais sensíveis, é uma contínua epifania que ele mesmo realiza entre nós associando a Igreja a esse sacerdócio sempre em ato. Vista da parte da Igreja, a liturgia não é senão uma participação dos homens no ato sacerdotal de Cristo sempre efetivo junto do Pai, que continua, na glória, a ação sacerdotal que ele começou sobre a terra desde o primeiro instante da encarnação<sup>243</sup>.

A ação ritual, conseqüentemente, é o lugar da manifestação do mistério de Cristo à Igreja. O rito celebrado é, de fato, o espaço privilegiado do encontro dos cristãos com Deus e com aquele que Ele enviou, Jesus Cristo<sup>244</sup>. Mas, para podermos experimentar, tocar, ouvir, ver, pensar e viver esse mistério que se nos apresenta de forma epifânica na celebração litúrgica, precisamos permitir que a dinâmica ritual nos conduza ao mistério<sup>245</sup>.

É necessário que sejamos “iniciados” no mistério, não somente com palavras, mas principalmente através de ações simbólicas, através de ritos (...) que têm esta função mistagógica de nos conduzir para dentro do mistério. Na liturgia, cada palavra, cada gesto, cada movimento... “contém” o mistério e nos faz mergulhar nele: no mistério de Deus, no mistério da vida, no mistério da história, em nosso próprio mistério<sup>246</sup>.

---

<sup>242</sup> “Aquilo que se comunica na Igreja, o que se transmite na sua Tradição viva é luz nova que nasce do encontro com o Deus vivo, uma luz que toca a pessoa no seu íntimo, no coração, envolvendo a mente, vontade, afetividade, abrindo-a a relações vivas na comunhão com Deus e com os outros. Para se transmitir tal plenitude, existe um meio especial que se põe em jogo a pessoa inteira: corpo e espírito, interioridade e relações. Este meio são os sacramentos celebrados na liturgia da Igreja: neles, comunica-se uma memória encarnada, ligada aos lugares e épocas da vida, associada com todos os sentidos; neles, a pessoa é envolvida, como membro de um sujeito vivo, num tecido de relações comunitárias. Por isso, (...) o despertar da fé passa pelo despertar de um novo sentido sacramental na vida do homem e na existência cristã, mostrando como o visível e o material se abrem para o mistério do eterno.” (FRANCISCO. “Carta Encíclica *Lumen Fidei* sobre a fé”. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA (org.). *Enquirídio dos documentos da reforma litúrgica*. Fátima: Gráfica de Coimbra, 2014, n. 40).

<sup>243</sup> VAGAGGINI, C. op. cit., p. 242.

<sup>244</sup> VQA, n. 7.

<sup>245</sup> Em quase todas as Igrejas da antiguidade, os Padres da Igreja, ao iniciar alguém nos mistérios, não explicavam os ritos antes que as pessoas o recebessem. Esta atitude era tomada porque se pensava valorizar o efeito psicológico da surpresa e principalmente acreditava-se força e eficácia da experiência espiritual. Esse método mistagógico era composto de três elementos, os quais são, até hoje, pertinentes. O primeiro elemento implica a valorização dos “sinais” (gestos, palavras) logo experimentados. O segundo, valoriza a interpretação dos ritos à luz da Bíblia, na perspectiva da história da salvação. O terceiro, por fim, implica na abertura ao compromisso cristão e eclesial, expressão da nova vida em Cristo. Era evidente a exigência pastoral de ajudar os novos cristãos a aprofundar o “mistério” dos ritos, que corriam o risco de permanecerem exteriores, com uma interpretação mágica. Ainda hoje, esse método mistagógico é profundamente pertinente para a profunda vivência cristã dos mistérios celebrados. (SARTORE, D. “Catequese e liturgia”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 180).

<sup>246</sup> PARANHOS, W. op. cit., p. 232.

Como “portadora” do mistério de Cristo, a própria liturgia pode ser chamada de mistério<sup>247</sup>. Pois ela é a atuação discreta e profunda de Deus, compreendida fortemente por aqueles que foram iniciados. Eles, por sua vez, que ouviram o anúncio e reconheceram os sinais, fazem uma experiência intensa com o próprio mistério que se manifesta clara e luminosamente na ação ritual. “É o mistério pascal de Jesus, o mistério da fé, em toda sua densidade e extensão, acontecendo, atuando em nós, pelo rito litúrgico, pela celebração memorial, pela memória ritual, marcando todo nosso viver<sup>248</sup>.”

Os sinais rituais na liturgia não são apenas indicativos de algo que começou em outro lugar, de uma simples e mera recordação da ação redentora do Mistério Pascal de Cristo. Ao contrário, o rito é o sinal revelador do que está acontecendo na celebração<sup>249</sup>. Ele fala sobre uma realidade divina e mostra-a presente no mistério do culto. A liturgia conhece o mistério sagrado porque ela se torna lugar de experiência com ele. A liturgia é a epifania do sagrado, a epifania de Deus<sup>250</sup>.

É do nosso interesse, agora, demonstrar a perspectiva do rito como epifania do mistério de Cristo, a partir do rito da celebração eucarística<sup>251</sup>. Para isso, tomamos, a afirmação do Documento conciliar sobre a Sagrada Liturgia: “O nosso Salvador instituiu na última Ceia, na noite em que foi entregue, o sacrifício eucarístico do seu corpo e do seu sangue para perpetuar no decorrer

<sup>247</sup> “Podemos, portanto, assim definir o mistério: uma ação sagrada e cultural na qual uma obra redentora do passado torna-se presente sob um determinado rito; cumprindo esse rito sagrado, a comunidade cultural participa do fato redentor evocado e adquire assim sua própria salvação.” (CASEL, O. op. cit., p. 73).

<sup>248</sup> BUYST, I. *O segredo dos ritos. Ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 29.

<sup>249</sup> “Para os Padres da Igreja (...), a celebração dos mistérios é já iniciação aos mistérios e, desta maneira, o mistério se revela quando é celebrado, ele se comunica, se dá a conhecer. Isto significa reconhecer que à liturgia a prerrogativa de ser ação teologal, isto é, ação de Deus mesmo, e que ela, por isso, realiza aquilo que significa. (...) Definir a liturgia como *opus Dei* equivale a atribuir ao agir de Deus, na liturgia, as prerrogativas que a Escritura reconhece à Palavra de Deus, uma palavra que é em si mesma ação, que realiza aquilo que significa.” (BOSELLI, G. op. cit., p. 18).

<sup>250</sup> BONACCORSO, G. op. cit., p. 100.

<sup>251</sup> A escolha da celebração eucarística, para demonstração da reflexão estruturada nesse trabalho, se dá porque: “A celebração da Missa, como ação de Cristo e do povo de Deus hierarquicamente ordenado, é o centro de toda vida cristã tanto para a Igreja universal como local e também para cada um dos fiéis. Pois nela se encontra tanto o ápice da ação pela qual Deus santifica o mundo em Cristo, como o do culto que nela são de tal modo relembrados, no decorrer do ano, os mistérios da redenção, que eles se tornam de certo modo presentes. As demais ações sagradas e todas as atividades da vida cristã a ela estão ligadas, dela decorrendo ou a ela sendo ordenadas.” (INSTRUÇÃO geral do Missal Romano. São Paulo: Paulus, 2013, p. 31).

dos séculos, até ele voltar, o sacrifício da cruz, e para confiar assim à Igreja, sua esposa amada, o memorial de sua morte e ressurreição<sup>252</sup>.”

No complexo dos sacramentos da Igreja, a Eucaristia, enunciada no artigo supracitado, se reveste de uma posição de destaque porque, precisamente, pela riqueza de seu conteúdo aqui acenado, manifesta sua natureza essencialmente cultural. Além disso, a Constituição Litúrgica também afirma que, a atuação da obra redentora na liturgia encontra, no divino sacrifício da Eucaristia, seu momento de máxima expressão<sup>253</sup>.

A Igreja vive da Eucaristia. Esta verdade não exprime apenas uma experiência diária de fé, mas contém em síntese o próprio núcleo do mistério da Igreja. É com alegria que ela experimenta, de diversas maneiras, a realização incessante desta promessa: “Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo” (Mt 28,20); mas, na sagrada Eucaristia, pela conversão do pão e do vinho no corpo e no sangue do Senhor, goza desta presença com uma intensidade sem par<sup>254</sup>.

A relação entre o ser humano e Deus, instaurada de forma tão próxima e potente no Novo Testamento, no contexto da atuação do plano salvífico divino, encontra, na presença e na continuação sacramental do sacrifício de Cristo na Eucaristia, seu ponto culminante e sua epifania. A intensidade da experiência com o mistério de Cristo, proporcionada pela celebração eucarística, permite à Igreja gozar a profundidade da presença do Senhor ressuscitado que se derrama em salvação a todos aqueles que celebram o culto divino na dinâmica dos sinais rituais<sup>255</sup>.

Os “sinais” nos quais se exprimem e estão ativamente presentes os diversos momentos salvíficos do único mistério de Cristo, a Eucaristia acaba sendo o sacramento no qual se refletem a presença e ação salvífica de Cristo, tomado no momento mais alto e mais intenso da sua obra de salvação. É, de fato, o momento no qual Cristo como sacerdote único do NT uma vez por todas se apresenta, trazendo como oferta a si mesmo, ao Pai, em nome e como real representação, isto é, para salvação de todos os seres humanos<sup>256</sup>.

<sup>252</sup> SC, n. 47.

<sup>253</sup> SC, n. 2.

<sup>254</sup> JOÃO PAULO II. “Carta encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. Sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja”. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA (org.). *Enquirídio dos documentos da reforma litúrgica*. Fátima: Gráfica de Coimbra, 2014, n. 1).

<sup>255</sup> “Contemplar Cristo implica em saber reconhece-l’O onde quer que Ele se manifeste, com as suas diversas presenças, mas sobretudo no sacramento vivo do seu corpo e sangue. A Igreja vive de Jesus eucarístico, por ele é nutrida, por Ele é iluminada. A Eucaristia é mistério de fé e, ao mesmo tempo, ‘mistério de luz’. Sempre que a Igreja a celebra, os fiéis podem de certo modo reviver a experiência dos dois discípulos de Emaús: ‘Abriram-se-lhes os olhos e reconheceram-n’O’ (Lc 24,31).” (Idem., n. 6).

<sup>256</sup> MARSILI, S. op. cit., p. 280.

O rito sacramental da Eucaristia carrega, dessa forma, dois elementos fundamentais, os quais apontam para a epifania do mistério de Cristo na celebração litúrgica: os sinais rituais do culto e as palavras que compõem o memorial. Eles estão carregados de potência e sentido, o que permite que a celebração ritual da Eucaristia encontre sua eficácia como lugar de manifestação e encontro com Cristo<sup>257</sup>.

Os sinais rituais do culto começam a se compor no ambiente da ceia que o Senhor fez com seus discípulos, na véspera de sua paixão, como antecipação da ceia das bodas do Cordeiro na Jerusalém celeste (Ap 19,9). Neste ambiente, o rito da fração do pão, próprio da refeição judaica, com sua bênção e distribuição aos discípulos, também unido à bênção e distribuição do cálice com vinho, foi utilizado por Jesus na composição de sua ceia pascal. Por estes gestos tão intensos, os discípulos reconheceram a Jesus após a ressurreição e, também por eles, os primeiros cristãos vão expressar e designar suas primeiras assembleias. Com isso, entendiam que todos os que comem do único pão partido, Cristo, entram em comunhão com ele e formam um só corpo com ele<sup>258</sup>.

Estes sinais se unem às palavras proferidas por Jesus na ceia pascal, constituindo o cerne da ação ritual da celebração eucarística<sup>259</sup>. Conforme o testemunho da Escritura, na última ceia, Jesus “tomou um pão, deu graças, partiu e deu-o a eles, dizendo: ‘Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isso em minha memória’. E, depois de comer, fez o mesmo com a taça, dizendo: ‘Esta taça é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado por vós’ (Lc 22,19-20)<sup>260</sup>.” A potência das palavras de Jesus, unida aos seus gestos na noite da ceia pascal, conferem à celebração eucarística não só marca de sua vontade

<sup>257</sup> “As palavras e os ritos da Liturgia são expressão fiel, amadurecida ao longo dos séculos, dos sentimentos de Cristo, e ensinam-nos a sentir como Ele; conformando nossa mente àquelas palavras, elevamos ao Senhor nossos corações.” (BENTO XVI. “Instrução *Redemptionis Sacramentum*. Sobre algumas coisas que se devem observar e evitar acerca da Santíssima Eucaristia”. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA (org.). *Enquirídio dos documentos da reforma litúrgica*. Fátima: Gráfica de Coimbra, 2014, n. 5).

<sup>258</sup> CEC, n. 1329.

<sup>259</sup> “O cerne da eucaristia e, com isso, de toda missa, é, em todas as liturgias conhecidas, o relato da instituição da eucaristia, com as palavras de consagração. [...] Que as palavras do relato sagrado fazem parte do mandato do Senhor expressa-se claramente nos atos que as acompanham. Quando o sacerdote menciona, uma depois das outras, as ações do Senhor, também ele mesmo as realiza em imitação dramática. Ele profere as palavras na mesa onde estão preparados o pão e vinho. Ele toma o pão em suas mãos, e igualmente o cálice; um gesto de oferecimento que parece estar escondido nisso e a, às vezes, é ainda, esclarecido através dos atos.” (JUNGMANN, J. *Missarum sollemnia. Origens, liturgia, história e teologia da missa romana*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 656.662-663).

<sup>260</sup> Conferir também: Mt 26,26-29; Mc 14,22-24; 1Cor 11,23-25.

salvífica, mas, também, perpetuidade de sua presença, clara e luminosa, sobretudo, nas espécies eucarísticas<sup>261</sup>. Esse desejo é manifesto ao mandar que os apóstolos que fizessem isso em sua memória. Dessa maneira, se expressa a vontade do Senhor que o seu mistério redentor, antecipado na ceia e realizado na cruz e ressurreição, se perpetuasse na vida da Igreja<sup>262</sup>.

O modo de presença de Cristo sob as espécies eucarísticas é único. Ele eleva a Eucaristia acima de todos os sacramentos e faz com que ela seja “como que o coroamento da vida espiritual e o fim ao qual tendem todos os sacramentos”. No santíssimo sacramento da Eucaristia estão “contidos verdadeiramente, realmente e substancialmente o Corpo e Sangue juntamente com a alma e a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo e, por conseguinte, o Cristo todo. “Esta presença chama-se ‘real’ não por exclusão, como se as outras não fossem ‘reais’, mas por antonomásia, porque é substancial e por ela Cristo, Deus e homem, se torna presente completo”<sup>263</sup>.

Sabemos que a dimensão memorial tem aqui um significado fundamental para a celebração. Obedecer ao mandato de Jesus de fazer memória ritual de seu sacrifício através dos gestos e palavras estabelecidos por ele, a Igreja – unida a ele – perpetua tanto a obra salvífica de Cristo quanto sua presença atuante e redentora em seu seio. A obediência ao “mandato memorial” de Jesus é fazer memória<sup>264</sup> eclesial de sua vontade. Por este viés, podemos compreender que o rito litúrgico celebrado é uma ação que, através dos sinais sagrados instituídos por Cristo, faz realmente presente a *opus redemptionis*, aqui e agora, para a

<sup>261</sup> “Entre a ‘presença real’ eucarística e as outras ‘presenças reais’ não existe diferença quanto à ‘presença’ de Cristo e à ‘realidade’ de presença, mas existe diferença no que se refere ao modo como estas diversas ‘presenças’ se fazem ‘reais’. Com efeito, na Eucaristia a ‘presença real’ de Cristo é um fato permanente, porque adere a uma ‘substância’ (o corpo de Cristo) que permanece. Nas outras celebrações litúrgicas, a ‘presença real’ de Cristo é transeunte porque está ligada à ‘celebração’, que é ação que passa e não substância que permanece. Isto se esclarece ainda considerando que na Eucaristia verifica-se este duplo ‘modo’ de ‘presença real’ em virtude do seu duplo aspecto de ‘celebração’ sacramental e de ‘substância’ sacramental. Ao passo que esta última (substância-corpo de Cristo) é ‘presença real permanente, exatamente porque é ‘substancial’, a ‘presença real’ do sacrifício (celebração) dura apenas o tempo em que se exerce a ação sacrificial.” (MARSILI, S. “A liturgia, momento histórico da salvação”. In: NEUNHEUSER, B. et alli. *A liturgia. Momento histórico da salvação*, p. 114).

<sup>262</sup> PAULO VI. “Carta encíclica *Mysterium Fidei*. Sobre o culto da Sagrada Eucaristia”. In: COSTA, L. (org.). *Documentos de Paulo VI*. São Paulo: Paulus: 2012, n. 27-28.

<sup>263</sup> CEC, n. 1374.

<sup>264</sup> “Memória é a condição de possibilidade de projetar um futuro. Surge logo um vínculo importante com a liturgia: ‘A liturgia serve para reconectar-nos com o passado e fazer-nos participar do futuro. Ajuda a afirmar nossa relação com Deus e com a comunidade.’” (PAMPALONI, M. “Memória, imaginação e liturgia”. In: RIVAS, E. – GODOY, M. (orgs.). *Memória e caminho. Liturgia e vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2018, p. 71.

Igreja. Em síntese, não é a Igreja que “faz” a ação ritual da liturgia, mas ela é uma realidade concedida a nós “já estruturada” pelo próprio Senhor<sup>265</sup>.

“Memória” aparece também na ordem de interação do que foi feito por Jesus na noite em que foi entregue (faça isso em memória de mim). Com estas palavras, Jesus institui o modo de comungar seu corpo entregue e seu sangue derramado também por quem, como nós, não estava presente aos pés da cruz. Comungando na reiteração dos gestos feitos por Jesus no cenáculo, somos mergulhados, participamos do sacrifício de Cristo na Cruz. Pouco importa se o único sacrifício de Cristo é representado sobre o altar ou se somos nós que somos reapresentados ao único sacrifício, transportando-nos para lá com nossos “pés teológicos” (...). De fato, esta reapresentação consiste naquele fazer memória que nos ordenou o Senhor Jesus<sup>266</sup>.

À luz do que consideramos até aqui, é conveniente recordar agora, como exemplo, outros elementos que compõem a práxis ritual da celebração eucarística. Esses elementos, compondo a dinâmica celebrativa, apontam para a epifania do mistério salvífico de Cristo no rito litúrgico. A celebração, portanto, pode ser definida como momento expressivo, simbólico, ritual e sacramental no qual a liturgia se torna um ato que evoca e torna presente, mediante palavras e gestos, a salvação realizada por Deus em Jesus Cristo com o poder do Espírito Santo<sup>267</sup>. Dentro do rito litúrgico, a força das palavras, unidas aos gestos, expressam a fecundidade da presença do Senhor que realiza sua epifania na celebração da Igreja.

Como primeiro exemplo, tomamos o texto do anúncio das solenidades móveis proclamado na celebração eucarística da solenidade da Epifania do Senhor<sup>268</sup>. O texto diz:

A glória do Senhor manifestou-se e sempre há de manifestar-se no meio de nós até sua vinda no fim dos tempos. Nos ritmos e nas vicissitudes do tempo recordamos e vivemos os mistérios da salvação. O centro de todo ano litúrgico é o Tríduo do Senhor crucificado, sepultado e ressuscitado (...). Em cada Domingo,

<sup>265</sup> MAGGIONI, C. “El alcance pastoral de las normas litúrgicas”. In: HAMELINE, J. – MAGGIONI, C. – URDEIX, J. (orgs.). *Rúbricas y ceremonias*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2013, p. 20-21.

<sup>266</sup> PAMPALONI, M. op. cit., p. 65.

<sup>267</sup> MARTÍN, J. op. cit., p. 147.

<sup>268</sup> A celebração litúrgica da “Epifania” é uma festa oriental na sua originalidade, e no seu surgimento era a verdadeira festa natalina do Senhor, ou seja, a sua “aparição” ou “manifestação” na carne. (MARSILI, S. *Sinais do mistério de Cristo. Teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*, p. 543). Ao escolher a celebração da solenidade da Epifania do Senhor, para exemplificar como no rito celebrado o mistério do Senhor se manifesta clara e luminosamente, é oportuno recordar que “as festas e os tempos litúrgicos não são ‘aniversários’ dos fatos da vida histórica de Jesus, mas presença ‘in mysterio’, isto é, na ação ritual e em todos os sinais litúrgicos. Os fatos e palavras realizados por Cristo em sua existência terrena não se reproduzem mais, mas enquanto ações do Verbo encarnado são acontecimentos salvíficos (*kairoí*) atuais e eficazes para aqueles que o celebram”. (MARTÍN, J. op. cit., p. 320-321).

Páscoa semanal, a Santa Igreja torna presente este grande acontecimento, no qual Jesus Cristo venceu o pecado e a morte<sup>269</sup>.

Esse texto, inserido na dinâmica do mistério celebrado, é lido após a proclamação do Evangelho. Em seu conteúdo, o anúncio afirma a perpetuidade do Mistério Pascal de Cristo na vida da Igreja. Mas, além desta presença perene, o anúncio afirma também que, em cada celebração eclesial, o mistério realiza sua epifania. Esta epifania é a manifestação clara e luminosa da presença do Senhor ressuscitado na ação ritual, o que confere à Igreja celebrante a participação no seu mistério redentor. No rito celebrado, ao mesmo tempo o Senhor anuncia sua presença salvífica, ele a realiza eficazmente<sup>270</sup>.

No segundo exemplo, tomamos a oração de coleta da mesma celebração litúrgica acima referida, na qual captamos no rito esta realidade: “Ó Deus, que hoje revelastes o vosso Filho às nações, guiando-as pela estrela, concedei aos vossos servos e servas que já vos conhecem pela fé, contemplar-vos um dia face a face no céu<sup>271</sup>.” O texto ritual da oração carrega em si a dupla dimensão de anúncio e realização. Como anúncio, ele afirma que Deus revela a presença de Cristo na dinâmica ritual da celebração; como realização, mostra que esta realidade se dá no “hoje” na vida da Igreja.

O terceiro exemplo, retiramos da oração sobre as oferendas do segundo domingo do tempo comum. Na oração, se diz: “Concedei-nos, ó Deus, a graça de participar constantemente da Eucaristia, pois todas as vezes que celebramos este sacrifício, torna-se presente a nossa redenção<sup>272</sup>.” No coração da celebração eucarística, a oração, em sua dimensão de anúncio, proclama que na dinâmica do rito litúrgico celebrado, o mistério de Cristo se faz presente na Eucaristia, conferindo à Igreja a redenção<sup>273</sup>. A força do texto ritual mostra como a realidade de Cristo é presença clara e luminosa na vida da Igreja.

<sup>269</sup> CNBB (org.). *Diretório da liturgia e da organização da Igreja no Brasil*. Brasília: Edições CNBB, 2019, p. 41.

<sup>270</sup> “Momento e lugar da liturgia celeste, a celebração eclesial é também o núcleo a partir do qual a luz do mistério se difunde através do mundo dos últimos tempos. [...] Esse núcleo é o ponto de encontro entre a liturgia, a vitalidade profunda da Igreja, e a condição encarnada de cada Igreja.” (CORBON, J. op. cit., p. 91)

<sup>271</sup> MISSAL Romano. São Paulo: Paulus, 2007, p. 164.

<sup>272</sup> Idem., p. 346.

<sup>273</sup> “A oração sobre as oferendas confere à oblação e ao depósito da oferenda material seu encerramento e a interpretação de seu sentido, traduzindo-os para a linguagem da oração. Criar tal fórmula era recomendável, se não natural, uma vez que se tivesse dado o passo de considerar seu sentido simbólico. [...] Desse modo, menciona-se frequentemente a troca misteriosa, os



Por fim, como último exemplo, recordamos a afirmação da Constituição Litúrgica no seu sétimo artigo, o qual já tratamos no capítulo anterior deste trabalho. Mas, ao retomar o referido artigo aqui, recordamos que ele, ao afirmar sobre os modos pelos quais Cristo perpetua sua presença na ação litúrgica, também delinea a clareza com a qual o mistério salvífico de Cristo se manifesta neles. Assim, lemos:

Para realizar tão grande obra, Cristo está presente em sua Igreja, e especialmente nas ações litúrgicas. Está presente no sacrifício da missa, tanto na pessoa do ministro, pois aquele que agora se oferece pelo ministério sacerdotal é o “mesmo que, outrora, se ofereceu na cruz”, sobretudo nas espécies eucarísticas. [...]. Está presente na sua palavra, pois é ele quem fala quando na Igreja se leem as Sagradas Escrituras. Está presente, por fim, quando a Igreja ora e salmodia, ele que prometeu: “onde se acharem dois ou três reunidos em meu nome, aí eu estou no meio deles” (Mt 18,20)<sup>274</sup>.

A perpetuidade da presença do Senhor na vida da Igreja, especialmente do divino sacrifício da Eucaristia<sup>275</sup>, nos possibilita compreender que o rito na celebração litúrgica é o espaço primordial da epifania do Mistério Pascal de Cristo. No rito celebrado, o Senhor se faz presente, se manifesta e atua salvificamente na vida de sua diletta Esposa, a Igreja. Agora, conscientes dessa manifestação clara e luminosa de seu mistério, passamos a refletir as consequências dessa epifania do mistério de Cristo na vida da Igreja.

## 4.2

### Da epifania do mistério à vida mística

Em nossa reflexão anterior verificamos que a liturgia se desdobra num espaço fecundo onde o mistério de Cristo, por meio das ações rituais, realiza sua constante epifania, a fim de perpetuar a realidade da salvação na vida da Igreja. No rito litúrgico celebrado se realiza um profundo encontro nupcial entre o Esposo e a sua amada e diletta Esposa, a Igreja<sup>276</sup>. Diante dessa manifestação do mistério que se deixa encontrar, a liturgia se torna aquela fonte pura e perene de “água viva”, da qual a pessoa sedenta pode haurir gratuitamente o mistério salvífico de Deus<sup>277</sup>. A liturgia, ainda, ao mergulhar-nos no coração do ágape

---

*sacrosancta commercia, os huius sacrificii veneranda commercia* que acontecem na sagrada celebração.” (JUNGSMANN, J. op. cit., p. 564-565).

<sup>274</sup> SC, n. 7.

<sup>275</sup> SC, n. 2.

<sup>276</sup> RATZINGER, J. op. cit., p. 514.

<sup>277</sup> SS, n. 1.

divino, nos conduz para vida transfigurada que manifesta toda intensidade desse encontro<sup>278</sup>.

Se a liturgia é o mistério do rio de vida que brota do Pai e do Cordeiro e se chega até nós e nos arrasta quando a celebramos, é para que toda nossa vida seja irrigada e fecundada por ela. A liturgia eterna onde se consuma a economia da nossa salvação “é realizada” por nós, nas nossas celebrações sacramentais, a fim de se realizar em nós, nas mais pequenas fibras da nossa pessoa e da nossa comunidade humana. Para nos convenceremos disso, precisamos ver em que é que a liturgia celebrada é distinta da liturgia vivida. [...]. Esta tomada de consciência conduzir-nos-á então à unidade absolutamente nova da celebração e da vida na liturgia de fonte<sup>279</sup>.

A celebração do Mistério Pascal de Cristo realiza sua epifania na liturgia e se reflete na vida de cada um daqueles que dela participam, na força da ação ritual. Dessa forma, a ação ritual é capaz de incidir, de modo profundo e transformador, na vida cristã. Para aqueles que participam plena, ativa e conscientemente da celebração, o mistério age eficazmente em suas vidas<sup>280</sup>. Por isso, compreendemos que o caminho tomado pelo Concílio contribuiu para que a liturgia, manifestando toda sua força e eficácia, conduzisse os cristãos a uma vida transfigurada a partir do encontro com o mistério de Cristo que se revela.

A vida do cristão, como a de Jesus, é o verdadeiro culto, liturgia autêntica de obediência à vontade do Pai e prolongamento de seu amor misericordioso aos irmãos. [...] Diante do mistério de Cristo morto e ressuscitado presente em sua Igreja, o cristão é chamado a viver com ele, confessar seu nome, invocá-lo como Senhor e Mediador; é convidado a participar de modo sacramental em seu mistério no Batismo; a se unir ao corpo e sangue de Cristo na Eucaristia para receber constantemente a efusão de seu Espírito, que ele nos dá junto com o Pai. Isso ele faz participando na “nova liturgia eclesial”<sup>281</sup>.

A principal aspiração da liturgia é fomentar a profunda união entre Cristo e o fiel cristão<sup>282</sup>. A liturgia, em sua ação ritual, nos afeta e nos interpela diretamente, pois é a forma e o modo que Deus nos oferece para que façamos

<sup>278</sup> CORBON, J. op. cit., 152.

<sup>279</sup> Idem., p. 151.

<sup>280</sup> SC, n. 11.

<sup>281</sup> CASTELLANO, J. op. cit., p. 71.

<sup>282</sup> “A liturgia é o anúncio e realização (SC 6) dos efeitos salvíficos que nos chegam a tocar sacramentalmente; por isso, convoca, celebra e envia. É exercício da fé, útil tanto para quem tem uma fé robusta como para quem tem fé débil, e inclusive para o não crente (1Cor 14,24-26). Sustenta o compromisso com a promoção humana, enquanto orienta os fiéis a assumir sua responsabilidade na construção do Reino, ‘para que se ponha de manifesto que os fiéis cristãos, sem ser deste mundo, são luz do mundo’ (SC 9).” (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. “Santo Domingo”. In: BAZAGLIA, P. (org.). *Documentos Celam. Conclusões das conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2004, n. 35).

uma profunda experiência com Ele<sup>283</sup>. A celebração litúrgica, em toda potência de sua ação ritual, nos conduz a iniciar a participação da vida de Deus, o qual, por meio do seu Espírito, nos quer fazer participar intimamente do mistério de Cristo<sup>284</sup>. Como um cofre precioso, a liturgia carrega em si o mistério como um tesouro de inestimável valor. Ela marca a experiência mais elementar e profunda da existência humana e cristã<sup>285</sup>.

Os sacramentos destinam-se à santificação dos homens, para edificação do corpo de Cristo e, enfim, para prestar culto a Deus; como sinais, destinam-se também à instrução. Não só supõem a fé, mas também a alimentam, fortificam e exprimem por meio de palavras e ritos, razão pela qual se chamam “sacramentos da fé”. Conferem graça, mas a celebração dos mesmos dispõe otimamente os fiéis à frutuosa recepção da mesma graça, a honrar a Deus do modo devido e praticar a caridade<sup>286</sup>.

Por meio da ação ritual, o mistério de Cristo se nos revela de forma tão intensa e potente, clara e luminosa, que nos dá a possibilidade de nos unirmos a ele. Mais especificamente, é a celebração batismal que nos abre a porta para isso, de modo que somos enxertados e configurados a Cristo<sup>287</sup>. Em virtude da ação ritual do Batismo, a participação na vida de Cristo é, particularmente, confirmada pela teologia paulina, conforme podemos verificar:

Ou não sabeis que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, é na sua morte que fomos batizados? Portanto, pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova. Porque se nos tornamos uma coisa só com ele por morte semelhante à sua, seremos uma coisa só com ele também por ressurreição semelhante à sua (Rm 6,3-5).

<sup>283</sup> “Quando celebramos a liturgia participamos de forma intensa e única no tudo da nossa vida, no Senhor adorável da vida, em todos os homens reencontrados na comunhão do Pai, no mundo reconciliado e no tempo libertado: ‘vivemos’ em verdade; aquilo que seremos eternamente é ‘já’ manifestado e saboreado no Espírito. Nunca nenhum homem é tão ele mesmo, em momento algum a Igreja é tão ela própria, jamais o universo e a história alcançam tanta esperança da glória, como quando a liturgia é celebrada.” (CORBON, J. op. cit., p. 151).

<sup>284</sup> “A graça sacramental é, de forma definitiva, a presença agraciadora de Deus sacramentalmente manifestada e celebrada. Mas de um Deus que é o que é, ou seja, de um Deus Pai, que nos salvou por Cristo e continua salvar-nos pela força transformadora do Espírito. Portanto, devemos falar da graça a partir da presença pessoal e peculiar das pessoas divinas que agraciam. Só assim compreenderemos a riqueza da especificidade da graça sacramental.” (BOROBIO, D. “Da celebração à teologia: que é um sacramento?” In: BOROBIO, D. (org.). *A celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental*. v. 1. São Paulo: Loyola, 2002, p. 391).

<sup>285</sup> GRILLO, A. op. cit., p. 37.

<sup>286</sup> SC, n. 59.

<sup>287</sup> “O santo Batismo é o fundamento de toda a vida cristã, a porta da vida no Espírito (“*vitae spiritalis ianua*”) e a porta que abre acesso aos demais sacramentos. Pelo Batismo somos libertados do pecado e regenerados como filhos de Deus, tornamo-nos membros de Cristo, somos incorporados à Igreja e feitos participantes de sua missão: ‘*Baptismus est sacramentum regenerationis per aquam in verbo* – O Batismo é o sacramento da regeneração pela água na Palavra.’” (CEC, n. 1213).

A eficácia da celebração batismal, como vimos na Carta aos Romanos, é a “reprodução” do Mistério Pascal de Cristo na vida do batizado. A epifania do mistério na ação ritual sacramental atinge o batizado de maneira tão intensa e potente que o marca indelevelmente<sup>288</sup>. Essa marca permanente da configuração à vida de Cristo é explicada pelo Catecismo da Igreja Católica. Ele afirma que a base central do rito do Batismo, estruturada a partir do mergulho na água, simboliza o sepultamento do cristão na morte de Cristo, da qual com ele ressuscita como “nova criatura” (2Cor 5,17; Gl 6,15)<sup>289</sup>.

Embora o sinal, no plano natural (“água” quer dizer “purificação”), tenha uma relação de analogia com o plano soteriológico (como água está para a purificação, assim o Batismo está para a redenção), o efeito do sinal não é descoberto simplesmente fazendo-se referência a essa analogia, mas sim à realidade contida no próprio sinal, considerando o plano da história da salvação. Não basta, portanto, para explicar o Batismo, examinar o sinal sacramental e dizer que, da mesma forma que a água lava, o Batismo lava: explicação comum (...), mas não totalmente exata. Aquilo que importa não é primeiramente o efeito lavador, purificador da água, mas a passagem na água enquanto transição de uma vida para outra<sup>290</sup>.

A afirmação acima permite-nos compreender que no sinal sacramental se realiza uma experiência mística, isto é, experiência de profunda inserção e participação no mistério de Cristo<sup>291</sup>. O desenvolvimento e a consumação da graça recebidos na ação ritual do Batismo são a objetiva comunicação do mistério de Deus<sup>292</sup>. No sinal sacramental há uma experiência, um encontro marcante do homem com o mistério. Essa experiência transforma a realidade do homem e faz de sua vida uma autêntica vida mística, vida em Cristo. Cabe-nos aqui recordar a

<sup>288</sup> “Incorporado em Cristo pelo Batismo, o batizado é configurado a Cristo. O Batismo sela o cristão com um sinal espiritual indelével (“*character*”) de sua pertença a Cristo. Pecado algum apaga essa marca, se bem que possa impedir o Batismo de produzir frutos de salvação. [...] Incorporados à Igreja pelo Batismo, os fiéis receberam um caráter sacramental que os consagra para o culto religioso cristão. O selo batismal capacita e compromete os cristãos a servirem a Deus em uma participação viva na sagrada liturgia da Igreja e a exercerem seu sacerdócio batismal pelo testemunho de uma vida santa e de uma caridade eficaz.” (CEC, n. 1272-1273).

<sup>289</sup> *Idem.*, n. 1214.

<sup>290</sup> MARSILI, S. *Sinais do mistério de Cristo. Teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*, p. 143.

<sup>291</sup> Esta experiência, no espaço cultural do sinal sacramental, é o momento no qual Deus deixa de aparecer como mero princípio do ser, abstrato e longínquo; é o momento no qual a pessoa humana sente e “sofre” a presença benéfica ou tremenda da divindade, a qual gera uma resposta, em que Deus não é uma potência anônima, mas uma realidade pessoal à qual a pessoa humana pode se dirigir. Assim, mediante a ação cultural, a experiência se dá justamente porque se traz a realidade transcendente de Deus para o nível de presença espiritual e interior ao homem. (MARSILI, S. “A liturgia. Experiência espiritual cristã primária”. In: GOFFI, T. – SECONDIN, B. (orgs.). *Problemas e perspectivas da espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 211-213).

<sup>292</sup> CERVERA, J. “La mística dei sacramenti dell’iniziazione cristiana”. In: ANCILLI, E – PAPAROZZI, M. *La mística. Fenomenologia e riflessione teológica*. v. 2. Roma: Città Nuova, 1984, p. 77.

seguinte afirmação de O. Casel: “Cristo é o mistério em pessoa, manifestando em nossa carne humana a divindade que não podemos ver<sup>293</sup>.”

Em virtude da encarnação do Verbo, a humanidade tem agora a possibilidade de se aproximar e participar do mistério de Deus. Devemos dizer que isso se efetiva por meio da fé da Igreja sempre que ela celebra o Mistério Pascal de Cristo. Por isso é que somos instantaneamente convidados a nos unir à vida do Senhor ressuscitado, por meio dos sinais sacramentais<sup>294</sup>. Com o auxílio de O. Casel, reforça-se a compreensão que a ação ritual da liturgia é o lugar em que este mistério se dá a conhecer, experienciar e torna-nos participantes dele. É na celebração litúrgica – *culmen et fons* da vida da Igreja – que a obra redentora e a presença do ressuscitado é comunicada com toda intensidade<sup>295</sup>. Neste sentido compreendemos que, no cristianismo, é o próprio Deus que se revela nos fatos e nos gestos que transbordam vida e força, nos acontecimentos e nos atos que, por sua revelação e comunicação de graça, tornam possível o acesso da humanidade a Ele<sup>296</sup>.

A celebração dos sacramentos se torna o espaço do encontro e da relação entre o celeste e o terreno, entre o mistério de Cristo e o da Igreja. Isso se torna possível em virtude de nossa participação na vida sacramental da Igreja, em outros termos, pela mística dos sinais sacramentais. Com efeito, por meio deles, o próprio mistério de Cristo se faz presente<sup>297</sup>. A ação ritual sacramental, portanto, abre a porta para a vida mística da Igreja e do cristão: uma vida mergulhada no mistério. Os sinais sacramentais da celebração litúrgica, por isso, se tornam mais que uma simples ação mediadora. Por conseguinte, torna-se urgente e necessário que haja uma profunda e permanente formação no que concerne à teologia dos sinais e dos ritos sacramentais. Somente assim será possível compreender de forma profunda o seu valor no âmbito do projeto divino da salvação, que se torna

<sup>293</sup> CASEL, O. op. cit., p. 19.

<sup>294</sup> Idem.

<sup>295</sup> SC, n. 10.

<sup>296</sup> CASEL, O. op. cit., p. 25. A afirmação de O. Casel não é casual nem genérica. Ele procura demonstrar que a liturgia não tem um sentido imediato e utilitarista, mas um sentido profundo e sério de ser expressão da vida divina, um espaço de relação e comunhão para o ser humano. (BOZZOLO, A. op. cit., p. 47.55).

<sup>297</sup> A mística sacramental é a realidade profunda presente nos sacramentos e na liturgia da Igreja e comunicada de maneira oculta, mas verdadeira ao homem. Esta realidade é essencialmente a graça do Ressuscitado e o dom do seu Espírito que introduz o homem em uma ordem de existência que lhe foi completamente excluída, e para isso ele só pode abri-los aos iniciados. (ROCCHETTA, C. “La mística del segno sacramentale”. In: ANCILI, E. – PAPAROZZI, M. (orgs.). *La mística. Fenomenologia e riflessione teológica*. v. 2. Roma: Città Nuova, 1984, p. 49).

particularmente expreso e tornado presente através da celebração dos sacramentos. A respeito disso nos fala S. Marsili:

Os sacramentos do Novo Testamento são “sinais eficazes de Cristo”. “De Cristo” é um genitivo objetivo, não subjetivo: não são sinais eficazes “instituídos” por Cristo, mas sinais que “produzem eficazmente Cristo”, em contraposição aos sinais fora da religião revelada, que não dizem respeito a Cristo, mas a Deus criador, e aos sinais do Antigo Testamento, “anunciadores de Cristo”<sup>298</sup>.

Cristo – explica S. Marsili – é a realidade do mistério da salvação realizada na humanidade. Provenientes de Cristo, os sinais sacramentais agem eficazmente, transformando a vida daqueles que participam da celebração litúrgica. No sinal sacramental está presente o próprio Cristo, o “único sacramento do Pai”, que, por meio do seu Mistério Pascal realizou a salvação do mundo<sup>299</sup>.

A palavra “mística”, assim, entra na linguagem cristã referindo-se ao Mistério Pascal de Cristo e aos mistérios sacramentais que, pela força do Espírito, desdobram-se no tempo da Igreja e se realizam nos crentes. “Mística” significa, portanto, experiência dos mistérios, a participação viva, embora escondida e percebida apenas na fé. A vida mística cristã encontra seu fundamento nas realidades sobrenaturais inauguradas pelo Senhor ressuscitado e pelo dom do seu Espírito derramado em Pentecostes; e comunicadas à Igreja com o anúncio da Palavra e a celebração dos sacramentos<sup>300</sup>.

Deste modo, a aplicação do termo “mística” para a economia sacramental da Igreja implica, primeiro, na recuperação do sentido amplo e global da mesma terminologia. Trata-se de mostrar que não se pode separar o sinal sacramental do contexto crístico-pascal de onde o sinal é proveniente e ao qual pertence de maneira inseparável. E, por consequência, não há como separar o mistério do contexto eclesial-sacramental que o prolonga e no qual está enraizado e desenvolvido. Ao tratar de uma mística do sinal sacramental, entende-se, portanto, uma verdadeira e própria iniciação ao mistério, particularmente nos sacramentos da iniciação cristã<sup>301</sup>.

<sup>298</sup> MARSILI, S. *Sinais do mistério de Cristo. Teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*, p. 146.

<sup>299</sup> Puebla, n. 921. A noção teológica de Cristo como o “único sacramento do Pai” é uma herança que nos foi legada por Santo Agostinho e que se encontra presente no Catecismo da Igreja Católica (CEC, n. 774).

<sup>300</sup> ROCCHETTA, C. op. cit., p. 48.

<sup>301</sup> “Pelos sacramentos da iniciação cristã – Batismo, Confirmação e Eucaristia – são lançados os fundamentos de toda vida cristã. ‘A participação na natureza divina, que os homens recebem como dom mediante a graça de Cristo, apresenta certa analogia com a origem, o desenvolvimento e a sustentação da vida natural. Os fiéis, de fato, renascidos no Batismo, são fortalecidos pelo sacramento da Confirmação e, depois, nutridos com o alimento da vida eterna na Eucaristia.

A consequência para o batizado que participa da celebração litúrgica e foi iniciado no mistério, que se revela de forma clara e luminosa na ação ritual, é iniciar uma vida mística em Cristo. A celebração sacramental torna-se espaço de experiência, o lugar de encontro com o próprio Cristo. No sinal sacramental nasce a vida mística cristã na sua realidade mais profunda. Ela nasce de maneira essencial de uma experiência de vida sacramental plenamente vivida em Cristo.

A liturgia, por ser celebração sacramental e eclesial do mistério pascal de Jesus Cristo, é a fonte de libertação histórica e integral do homem mediante a graça salvadora, manifestada na adoção e na liberdade cristãs concedidas pelo Espírito presente em nossos corações (Gl 4,5-7). Em termos concretos, o homem se transforma interiormente por meio da participação nas celebrações litúrgicas. [...] Desse modo, a liturgia e o culto de toda existência cristã levam o homem pelo caminho da mudança mística interior, fundada na participação nos sofrimentos e na ressurreição de Jesus Cristo. Participando-se corporal e espiritualmente da liturgia, participa-se também do mistério pascal de Cristo<sup>302</sup>.

A vida mística cristã nada mais é do que a expansão normal, embora plena e especial, da vida da graça inaugurada pelo Batismo e que representa uma real e própria participação sobrenatural na comunhão da Trindade<sup>303</sup>. A vida mística, necessariamente, se dá sob a direção do Espírito Santo e se concretiza sacramentalmente por meio da nossa participação na celebração litúrgica da Igreja, com particular destaque dado à iniciação cristã.<sup>304</sup> Assim, por meio desses sacramentos, somos chamados à santidade, que, por sua natureza, se vincula, e, ao mesmo tempo, é expressão da vida mística<sup>305</sup>.

A liturgia, celebrada em certos momentos, mas a ser vivida sem cessar, é o único mistério de Cristo que dá a vida aos homens. Quando é celebrada, não nos oferece um modelo que a vida deveria em seguida imitar; se assim fosse cairíamos na exterioridade que separa o ritual sagrado da conduta moral. O mesmo Cristo que nós celebramos é Aquele que vivemos; aqui e lá, é sempre seu mistério. Assim, como os sacramentos são os seus mistérios, também sua vida em nós é “mística”

---

Assim, por efeito desses sacramentos da iniciação cristã, estão em condições de saborear cada vez mais os tesouros da vida divina e progredir até alcançar a perfeição da caridade’.” (CEC, n. 1212).

<sup>302</sup> MALDONADO, L. – FERNÁNDEZ, P. op. cit., p. 279.

<sup>303</sup> “A vida dos cristãos, pela comunhão com Cristo – mediante o Batismo, a Eucaristia, a fé e a caridade – , e em virtude da assimilação de seus próprios sentimentos, transforma-se também ela em verdadeiro culto cristão: ‘Baseando-se no sacrifício da vida de Jesus, também a própria vida temporal do crente pode transformar-se em culto. Em sua vida de fé no mundo, o mesmo povo de Deus é agora e por tudo um ‘povo sacerdotal’.” (CASTELLANO, J. op. cit, p. 64).

<sup>304</sup> ROCCHETTA, C. op. cit., p. 51.

<sup>305</sup> “A realização da santidade se completa, como a história da salvação, em um verdadeiro diálogo de palavras e ações por parte de Deus, que sempre toma a iniciativa; no mesmo diálogo a pessoa humana deve intervir com sua resposta pessoal e livre. Não aconteceria uma verdadeira história da salvação se faltasse, por parte dos crentes, a resposta às palavras e às obras de Deus: a revelação exige uma acolhida livre, uma aceitação responsável, uma assimilação, uma correspondência; a ação salvadora de Deus exige uma assimilação e uma ‘reação’ livre por parte da pessoa humana.” (CASTELLANO, J. op. cit., p. 33).

ou não é vida. O seu Espírito Santo é a própria fonte na qual matamos a sede na celebração sacramental e que jorra nos nossos corações como vida eterna. [...] Enxertados em Cristo e penetrados pela marca pessoal do seu Espírito, podemos celebrar e viver todo mistério de vida que o Pai nos dá em abundância<sup>306</sup>.

A vida mística é o florescimento da vida em Jesus Cristo, Filho de Deus, feito homem, morto e ressuscitado. Tal florescimento acontece sob a ação do Espírito, que gradualmente faz o homem sair de si mesmo, mergulhar no mistério da vida e do conhecimento trinitário. Para o cristão, desenvolver uma vida mística é, em outras palavras, estar constantemente imerso no mistério a tal ponto de expressar como São Paulo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

A mística da vida cristã é, ainda, ter a consciência de que Cristo vive em nós. Por isso, o cristão deve corresponder a esta presença do Senhor Ressuscitado manifestando-o em suas ações cotidianas<sup>307</sup>. No agir, no pensar, no falar: toda a vida cristã deve transparecer a marca da experiência com o mistério que realiza sua epifania na ação ritual da celebração<sup>308</sup>. Essa profunda experiência que cada iniciado no Mistério Pascal de Cristo faz nos sacramentos da Igreja, deve conduzir cada um a edificar uma autêntica vida mística cristã com todas as suas implicações<sup>309</sup>. Esta vida é um transbordar da graça que impele o batizado a transformar-se noutra Cristo, nutrir-se dele e testemunhá-lo ao mundo inteiro. Esses três elementos são as implicações de uma autêntica vida mística cristã os quais, agora, tratamos em nossa reflexão.

A transformação do cristão noutra Cristo, isto é, em seu Corpo, em sua imagem é, de fato, a primeira implicação de uma vida mística cristã. Esta afirmação encontra seu fundamento no fato de que a liturgia cristã é a celebração da presença de Cristo na Igreja e no mundo. Essa celebração, conforme já acenamos, se dá pela ação ritual, a qual nos possibilita a visão da glória do Senhor Jesus e nos transforma com a força do

<sup>306</sup> CORBON, J. op. cit., 154-155.

<sup>307</sup> BOUYER, L. *Mysterion. Dal mistero alla mística*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998, p. 324.

<sup>308</sup> “Compreende-se que a liturgia, por ser celebração sacramental e eclesial do mistério pascal de Jesus Cristo, é a fonte da libertação histórica e integral do homem mediante a graça salvadora, manifestada na adoção e na liberdade cristãs concedidas pelo Espírito presente em nossos corações (Gl 4,5-7). Em termos concretos, o homem se transforma interiormente por meio da participação nas celebrações litúrgicas.” (MALDONADO, L. – FERNÁNDEZ, P. op. cit., p. 279).

<sup>309</sup> “Nos ‘momentos’ da celebração, o dom intenso do Espírito Santo faz-nos viver a Igreja, manifesta-a, fá-la crescer e transforma-a no Corpo de Cristo. No ‘tempo’ da vida, esse dom de comunhão não é menos intenso e fiel, mas cada um se encontra ligado por outros laços à comunidade humana. Então, o mistério de comunhão de Deus com os homens deve ser provado nos fatos e por nós: tendo-nos tornado o corpo de Cristo, iremos nós ser capazes de o viver?” (CORBON, J. op. cit., p. 152).



Espírito na “imagem” dele<sup>310</sup>. A comunidade celebrante, ao mergulhar no mistério de Cristo presente nos sinais sacramentais, participa do mistério e assume um novo estado de vida, uma nova postura.

O Batismo, de fato, regenera-nos para a vida de filhos de Deus, une-nos a Jesus Cristo e unge-nos no Espírito Santo: aquele não é um simples selo de conversão, à maneira de um sinal exterior que comprova e atesta; mas é o sacramento que significa e opera este novo nascimento do Espírito, instaura vínculos reais e inseparáveis com a Trindade, torna-nos membro do Corpo de Cristo, que é a Igreja<sup>311</sup>.

Esta afirmação encontra, ainda, um exemplo e suporte nos ritos batismais. Após o banho batismal – banho da regeneração e imersão da vida no Mistério de Cristo – o rito faz duas afirmações. A primeira está na unção pós-batismal, ao dizer: “Querida criança, pelo batismo, Deus Pai te libertou do pecado e renascestes pela água e pelo Espírito Santo. [...] Que ele te consagre com esse óleo santo para que, inserida em Cristo, sacerdote, profeta e rei, continues no seu povo até a vida eterna<sup>312</sup>.” No mesmo ritual, em seguida, chamando o neófito pelo nome, se diz: “Nascestes de novo e foste revestido (a) do Cristo, por isso, trazes a veste batismal. Que teus pais e padrinhos te ajudem por palavra e exemplo a conservar a dignidade de filho (a) de Deus até a vida eterna<sup>313</sup>.”

A ação ritual da liturgia tende, desse modo, a abrir um caminho para uma experiência de imersão na vida de Cristo<sup>314</sup>. Esta experiência não é momentânea ou provisória, mas uma inserção real e permanente em Cristo. Ao participar das celebrações sacramentais, o cristão inicia a vivência mística de sua inserção da vida de Cristo, transformando-se noutro Cristo<sup>315</sup>. Sobre isso, já afirmava S. Leão Magno

<sup>310</sup> MARSILI, S. “A liturgia, momento histórico da salvação”. In: NEUNHEUSER, B. et alli. *A liturgia. Momento histórico da salvação*, p. 124.

<sup>311</sup> JOÃO PAULO II. “Carta encíclica *Redemptoris Missio*. Sobre a validade permanente do mandato missionário”. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA (org.). *Enquiridíio dos documentos da reforma litúrgica*. Fátima: Gráfica de Coimbra, 2014, n. 47.

<sup>312</sup> RITUAL do Batismo de Crianças. São Paulo: Paulus, 2003, n. 151.

<sup>313</sup> Idem, n. 152.

<sup>314</sup> “A celebração tende com todo o seu dinamismo para essa liturgia vivida, onde cada instante deveria tornar-se ‘momento’ da graça. [...] É então, com efeito, que o acontecimento de Cristo se torna acontecimento da Igreja reunida (...). A Igreja celebrante acolhe a liturgia celeste e toma parte nela. Desse modo, a Igreja manifesta-se como Corpo de Cristo, e torna-se ainda mais esse Corpo porque, no memorial que celebra, o Espírito a alimenta com o Verbo, transforma no seu Corpo o que lhe é oferecido e difunde sua comunhão entre os membros e com todos eles.” (CORBON, J. op. cit., p. 89).

<sup>315</sup> “Cristo não está jamais separado dos cristãos, nem as realidades crísticas daquelas realidades que advém depois de Cristo nos cristãos e entre os cristãos. Com efeito, Cristo, de algum modo, se prolonga e se realiza nas realidades cristãs. Assim os textos do Antigo Testamento possuem uma referência não somente às realidades crísticas do próprio Cristo, mas as realidades crísticas prolongadas e realizadas nos cristãos. Também os textos do Novo Testamento que falam da pessoa de Cristo têm seu prolongamento e sua realização nos cristãos. Assim, à luz das realidades cristãs, os textos da Escritura

em seu sermão: “É indubitável, caríssimos, que Filho de Deus se uniu à natureza humana tão intimamente que não só nesse homem, que é o primogênito de toda criatura, mas também em todos os seus santos, está o mesmo Cristo..., que habita inseparavelmente no seu templo, que é a Igreja<sup>316</sup>.”

A vida do cristão está em constante referência com Jesus Cristo Senhor, com a realidade do Cristo dos evangelhos e com o mistério do Cristo da glória na unidade indissolúvel de sua Pessoa divina, que vive com o Pai no Espírito Santo. De Jesus de Nazaré, de suas palavras e mandamentos, de seu exemplo, o cristão aprende sua vida, seus ensinamentos, conserva sua memória, para ser um discípulo, um seguidor, alguém que vive segundo seus ensinamentos evangélicos, alguém que imita sua vida. Em sua relação com esse Jesus de Nazaré, que morreu e ressuscitou, o cristão é um crente que se insere em Cristo mediante o Batismo e está em comunhão vital com ele e, portanto, na comunidade dos crentes que é a Igreja, Corpo de Cristo. Ele o confessa presente e o acolhe em seu comunicar-se por meio dos sacramentos, invoca-o como *Kýrios*, sabe permanecer nele e para ele no dom do Espírito Santo, que é o Espírito filial do Ressuscitado, no qual também sua vida se transforma em oblação espiritual<sup>317</sup>.

Para compreender melhor esta afirmação, tomamos, como exemplo, a exortação que São Paulo faz à comunidade cristã de Filipos sobre o modo como os batizados são chamados a comportar-se e viver no mundo. Diz o apóstolo: “Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus” (Fl 2,5). O cristão, portanto, é convidado a se identificar com o *modus vivendi* e com os sentimentos de Cristo a fim de que a própria imagem do Cristo se manifeste ao mundo. A celebração da Igreja é, conforme temos assinalado, a fonte que transfigura a vida do cristão e o torna sempre mais apto a se identificar com o Ressuscitado e a se comprometer com testemunho do seu Evangelho. Conforme nos afirma J. Corbon, o destino do homem, do mundo, da história e do cosmos é a transfiguração, a divinização<sup>318</sup>.

Esta grande experiência de abertura ao mistério que transforma a vida mística cristã numa autêntica manifestação do próprio Cristo Jesus precisa, por isso mesmo, ser constantemente alimentada. Há, portanto, a partir daqui uma segunda implicação da vida mística cristã: nutrir-se, constantemente, do mistério de Cristo.

---

destacam uma nova profundidade. [...] Essas realidades cristãs são intrínsecas a cada indivíduo e mais diretamente sociais como a Igreja, os sacramentos, a liturgia, como intrínsecas porque acontecem no íntimo de cada fiel, compreendidos, de algum modo, os acontecimentos da ascensão ascética e mística para a perfeição. De fato, o mistério de Cristo nos cristãos abrange também isso. Mais ainda, é necessário dizer que esses acontecimentos nas relações íntimas e pessoais de cada homem com Deus são, de algum modo, o último selo no qual se completa o mistério de Cristo em cada fiel.” (VAGAGGINI, C. *O sentido teológico da liturgia*, p. 398.

<sup>316</sup> LEÃO MAGNO. “Sermões sobre a Paixão”. In: CORDEIRO, J. (org.). *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 1205.

<sup>317</sup> CASTELLANO, J. op. cit., p. 71-72.

<sup>318</sup> CORBON, J. op. cit., p. 93.

Quando nos perguntamos por nossa experiência espiritual, a que fazemos na celebração da liturgia e dos sacramentos, de repente percebemos uma coisa muito importante. Todos temos uma experiência concreta da celebração e da participação litúrgica, mas ao nos perguntar sobre ela somos convidados a refletir diretamente sobre a qualidade do nosso saber, do nosso saborear, no sentido de sabedoria ou de ciência saborosa. [...] Pedem-nos para valorizar o que é concretamente nossa experiência e o que poderia ou deveria ser, a partir das próprias exigências da celebração e das possibilidades que tem nossa pessoa de encontrar em comunhão com os mistérios litúrgicos. São mistérios que, por um lado, superam nossa capacidade de compreensão e de experiência natural; por outro, são nos oferecidos, por meio das mais elementares realidades do mundo e dos gestos mais simples de nosso viver cotidiano. [...] Trata-se, pois, de tomar consciência do que vivemos, de como percebemos, da diferença que existe entre a experiência normal do cotidiano na vida ordinária de relação com os outros e aquilo que é específico do mistério litúrgico vivido e experimentado, isto é, nosso contato com o mundo sobrenatural<sup>319</sup>.

Para a vivência de uma autêntica vida mística cristã é fundamental que o cristão busque nutrir-se desse mistério amoroso, do ápape divino que o envolve, de modo que, constantemente, o compreenda, seja iluminado e amparado por ele, experimentando o mistério, sempre mais, com toda sua intensidade<sup>320</sup>. Por isso, já afirmava a Constituição sobre a Sagrada Liturgia: “A liturgia, por sua vez, impele os fiéis, saciados pelos ‘mistérios pascais’, a viverem ‘em união perfeita’, e pede que ‘sejam fiéis na vida a quanto receberam pela fé’<sup>321</sup>.” A busca por esta união perfeita que sacia a cada fiel e constitui seu caminho de fidelidade no seguimento de Cristo se torna um permanente convite para que o cristão se alimente sempre mais do mistério celebrado. Nutrir-se, incessantemente, do mistério de Cristo celebrado é uma natural necessidade para a vida mística cristã e é, justamente, o que a liturgia possibilita.

A Liturgia, fundamentalmente, não é – mesmo em nível de revelação quanto ao objeto (Deus revelado como Pai, Filho e Espírito Santo) – um puro ato de culto, concebido como ação humana com respeito a Deus (veneração interior-exterior), mas é antes

<sup>319</sup> CASTELLANO, J. op. cit., p. 89-90.

<sup>320</sup> “A liturgia não se reduz àquilo que dela celebramos. Ela é celebrada sem cessar junto do Pai por Cristo no Espírito Santo, com a ‘assembleia dos primogênitos’ no Reino. [...] Ela é a vitalidade da Igreja neste mundo, atua continuamente e é-nos oferecida. ‘Quem tem sede venha!’ (Ap 22,17). As nossas celebrações são momentos em que ‘quem deseja, recebe de graça a água da vida’ (Ap 22,17). Mas esses momentos não são apenas, em sentido banal, alguns momentos do dia, da semana ou do ano. Na economia da salvação, os ‘momentos’ tem uma significação mais profunda. Nos ‘tempos’ escatológicos em que nos encontramos, uma celebração é um ‘momento’ no sentido em que todos os acontecimentos da economia da salvação são intervenções privilegiadas do Deus que vive na história do homem. [...] A nossa própria vida e a de todos os homens é balizada por esses chamamentos através dos quais o nosso Deus nos convida a voltar a Ele e encontra-l’O. Há assim ‘momentos’ na nossa existência em que o coração se rasga para ficar aberto ao Senhor que vem. [...] Uma celebração aparece, pois, como um ‘momento’ em que o Senhor vem, com poder, e em que a sua vinda se torna a única ocupação daqueles que respondem ao seu chamamento. [...] É contraditório pretender viver de Cristo ressuscitado sem passar pela celebração eclesial da Ressurreição: como viver a comunhão com o Senhor quando estamos numa atitude de isolamento e ruptura com Ele?” (CORBON, J. op. cit., p. 88-90).

<sup>321</sup> SC, n. 10.

presença de ação divina sob forma ritual; ação que, criando um contato progressivo com o mistério de Cristo (salvação em ato), tende a fazer dos homens filhos de Deus, e estes, pela sua própria existência neste plano (plano sobrenatural), prestam em si mesmo culto a Deus<sup>322</sup>.

Essa nutrição ou contato progressivo com o mistério de Cristo se dá, justamente, através do desenvolvimento de uma espiritualidade litúrgica. Essa espiritualidade não é uma forma de vida facultativa, mas fundamental, comum e necessária a todos os discípulos de Jesus, de modo que, através dela, todos possam se nutrir do manancial da salvação que é a presença do próprio Senhor que sustenta e robustece a vida mística cristã. Basicamente, quando tratamos de espiritualidade litúrgica nos remetemos, antes de qualquer coisa, àquela experiência com o mistério de Cristo e, conseqüentemente, à sua vivência de modo consciente, interiorizado, subjetivado. É na vivência dessa espiritualidade que a vida mística cristã se nutre, pois nela a fé se torna uma fé amadurecida a partir da contínua experiência com o mistério<sup>323</sup>.

A espiritualidade litúrgica é cristocêntrica e pascal, dado que a liturgia tem como centro o mistério de Cristo, ápice e cumprimento da história da salvação “de uma vez para sempre” (*ephápax*). A liturgia anuncia, celebra e torna presente “aqui e agora” (*hosákis*) a obra de Cristo sob a ação do Espírito derramado na Páscoa. Ao se produzir essa atualização num regime de sinais sensíveis e eficazes, cada um a seu modo (SC 7), a liturgia gera uma espiritualidade sacramental, de maneira que o cristão vive em Cristo e Cristo vive nele (Gl 2,20). [...] É, finalmente, espiritualidade mistagógica. A liturgia vai produzindo uma iniciação gradual, progressiva e vital no mistério de Cristo em sua representação e atualização litúrgica. Nesse sentido, a espiritualidade litúrgica é plenamente mística, sem a redução, bastante frequente, desta a estados psicológicos ou subjetivos da consciência<sup>324</sup>.

Assim, o desenvolvimento de uma espiritualidade litúrgica é a forma mais autêntica na qual o cristão encontra sustento para sua vida mística. Pois, sem o alimento proporcionado pela celebração litúrgica que fortalece a vida mística cristã, “a fé voltaria a ser teísmo, a esperança seria cortada da sua âncora e a caridade diluir-se-ia em filantropia. Se a Igreja não celebrasse a liturgia, deixaria de ser Igreja e torna-se-ia um corpo sociológico, uma aparência residual do Corpo de Cristo<sup>325</sup>.”

Mas, a vida mística cristã, ainda que nutrida e inundada pela presença do Senhor nas celebrações litúrgicas, só realiza, plenamente, o desígnio de Deus em sua

<sup>322</sup> MARSILI, S. op. cit., p. 127.

<sup>323</sup> CARRARA, P. “Espiritualidade e liturgia”. In: RIVAS, E. – GODOY, M. (orgs.). *Memória e caminho. Liturgia e vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2018, p. 160.

<sup>324</sup> MARTÍN, J. *A liturgia da Igreja. Teologia, história, espiritualidade e pastoral*, p. 484.

<sup>325</sup> CORBON, J. op. cit., p. 89.

história ao manifestar a especial vocação e missão da Igreja e o compromisso concreto com o mundo<sup>326</sup>. O testemunho do mistério de Cristo ao mundo é a terceira e última implicação de uma autêntica vida mística cristã. Sobre isso, afirma a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*:

Na verdade, Cristo, Filho de Deus, que com o Pai e o Espírito Santo é proclamado “o único Santo”, amor a Igreja como sua esposa, entregando-se a si mesmo por ela a fim de a santificar (Ef 5,25-26); uniu-a a si como seu corpo e enriqueceu-a com o dom do Espírito Santo, para a glória de Deus. Por isso, todos na Igreja, quer pertençam a hierarquia, quer sejam dirigidos por ela, são chamados à santidade segundo a palavra do Apóstolo: “Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação” (1Ts 4,3; Ef 1,4). Esta santidade da Igreja incessantemente se manifesta e deve manifestar-se nos frutos de graça que o Espírito Santo produz nos fiéis; exprime-se de muitas maneiras em todos aqueles que, em harmonia com seu estado de vida, tendem à perfeição da caridade, edificando os outros, mas de modo particular, evidencia-se na prática dos conselhos que ordinariamente se chamam evangélicos. Esta prática dos conselhos que, por impulso do Espírito Santo, muitos cristãos abraçam, quer privadamente quer numa condição ou estado reconhecido pela Igreja, produz e deve produzir no mundo um esplêndido testemunho e exemplo da mesma santidade<sup>327</sup>.

A experiência profunda que se faz com o mistério de Cristo na ação ritual da celebração litúrgica, a qual marca profundamente a vida cristã, tornando esta vida inserida e envolvida no mistério, não pode, jamais, ser uma vida ensimesmada<sup>328</sup>. Ao identificar-se com os homens, especialmente com os mais pobres, ao unir de maneira inseparável o amor de Deus com o amor ao homem, Cristo potencializou e elevou de modo insuspeitável a imagem que nele Deus havia criado. Por isso, o cristão, vivendo uma autêntica vida mística, não deve tratar qualquer ser humano como um estranho ou ser indiferente a ele. Cada pessoa se transforma para o cristão – em sua vida mística – num chamado, numa interpelação. O encontro com cada homem ou mulher neste mundo deve ser um espaço de anúncio e testemunho do mesmo mistério de Cristo em que o cristão está mergulhado.

<sup>326</sup> CASTELLANO, J. op. cit., p. 32.

<sup>327</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. “Constituição Dogmática *Lumen gentium* sobre a Igreja”. In: COSTA, L. (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, n. 39.

<sup>328</sup> “A Igreja que nós somos é bem ‘local’, e, se somos chamados, é para sermos enviados ‘aos filhos de Deus espalhados’ neste lugar. A Epifania na qual o Senhor nos transfigura não deve dissipar-se à saída da igreja. A finalidade da homilia e das orações instantes que a seguem é partir a Palavra para os nossos corações famintos até nos fazer partilhar a fome misteriosa do Verbo encarnado: ‘Vamos a outros lugares, às povoações vizinhas, a fim de pregar aí também, porque foi para isso que eu vim’ (Mc 1,38).” (CORBON, J. op. cit., p. 114).

## 5. Conclusão

A Constituição sobre a Sagrada Liturgia do Concílio Ecumênico Vaticano II desperta, ao longo desses quase sessenta anos de sua promulgação, inúmeras reflexões para a vida da Igreja. Concomitantemente, sabemos que a reforma litúrgica proporcionada pela Constituição Litúrgica ainda não foi plenamente refletida, compreendida e acolhida pelas comunidades eclesiais. Há, portanto, um longo caminho a ser percorrido, de modo que este cofre precioso, que é a *Sacrosanctum Concilium*, ainda tenha seus tesouros largamente conhecidos e usufruídos. Ambicionamos que o contributo da Constituição favoreça constantemente a vivência celebrativa das comunidades cristãs.

Nossa dissertação quis ser um humilde aporte à reflexão e aos grandes avanços trazidos pela Constituição sobre a Sagrada Liturgia. Nosso interesse foi abordar, a partir da teologia litúrgica do Concílio, o rito em sua dimensão teológica. Particularmente, o rito é um tema que toca concreta e integralmente a vida da Igreja, pois ele está no cerne da celebração litúrgica. É ele que dinamiza a vivência da páscoa semanal, conduzindo-nos à experiência memorial do Mistério Pascal, possibilitando nosso encontro com o Senhor ressuscitado. Nesse encontro, o Senhor realiza sua epifania no tempo da Igreja, manifestando-se, clara e luminosamente, àqueles que o procuram de coração sincero.

Diante da seriedade do tema, procuramos revisitar os fundamentos do rito na teologia bíblica e na teologia dos Padres da Igreja, observando diversos elementos que contribuíram para a formação e compreensão do rito cristão. Para tal empreitada, partimos dos elementos etimológicos e antropológicos. Eles nos possibilitaram compreender que o rito – como uma ação ordenada e cadenciada – guarda em si a memória de uma fecunda experiência religiosa que marcou a vida de uma pessoa ou de uma comunidade. Essa condição estrutural do rito contribuiu eficazmente para a formação do rito cristão, tornando-o espaço de comunicação do mistério de Cristo e nutrição para a vida cristã.

Em nossa pesquisa observamos que o rito, essencialmente, responde a uma necessidade coletiva que determina os usos e padrões de comportamento formal dos membros de uma comunidade religiosa. Mesmo aparecendo em muitos e

variados contextos, o rito adquire todo o seu sentido no âmbito da religião. Ele pertence à realidade das mediações ativas de caráter religioso e compreende desde um simples gesto até uma complexa e bem estruturada celebração. Ritos são, portanto, um “sistema” de ações orientadas à vivência religiosa. Nesse sistema, observamos a relevância e pertinência que o símbolo tem. O símbolo exerce a função primordial de fazer a passagem do significado primário da linguagem ordinária àquele ulterior, mais profundo, que expressa a experiência e a profundidade do encontro do ser humano com o sagrado. O símbolo tem essa capacidade porque ele é um elemento resultante da experiência religiosa e, por isso, compõe a dinâmica da ação ritual.

Na teologia bíblica observamos como o processo de comunicação entre Deus e o ser humano concretizou-se em símbolos repletos de sentido e eficácia, compondo o agir ritual do culto no Antigo Testamento. As palavras e ações provenientes do agir revelador de Deus na história fundamentam a ação ritual, a qual se constitui em elemento vital para a vida cúlrica do povo de Deus de ontem e de hoje. Neste contexto, o conceito de memorial é fundamental, pois é pela ação memorial que as intervenções de Deus na história e sua profunda marca no seio do povo permanecem atuantes no culto. Precisamente, o rito é uma celebração memorial que, através da ação simbólica, atualiza a ação salvífica de Deus no meio do seu povo. No Novo Testamento, Jesus dá novo sentido à dinâmica ritual ao inaugurar o culto espiritual. Este culto “em espírito e verdade” (Jo 4,24), em sua expressão litúrgica, não reside num ritualismo externo ou mero cumprimento de cerimônias. Ele consiste na transformação da própria existência, por meio da caridade divina, de forma que o cristão participa do mistério de Cristo, vivendo em comunhão com o Senhor ressuscitado.

Os Padres da Igreja, em sua teologia, ensinaram às comunidades cristãs que, em toda ação litúrgica, estão presentes os eventos da salvação narrados pelo Antigo e o Novo Testamento. O rito litúrgico traz, em seu cerne, o mistério da encarnação de Jesus Cristo, sua morte de cruz e sua ressurreição. Assim, os Padres lembravam que o rito litúrgico deve estar constantemente unido ao evento histórico do qual nasceu e do qual é memorial. Se essa unidade for desfeita o rito se torna “mudo”, “inexpressivo”, ou seja, torna-se uma imagem que não coloca mais a comunidade celebrante em contato com o Senhor que salva na história, com o Senhor vivente. Assim como na liturgia hebraica,

quando na liturgia cristã não se conhece o sentido do rito, se rompe a relação entre a liturgia e a história da salvação.

Sustentados por esses fundamentos do rito acima expressos, percorremos os elementos da teologia litúrgica conciliar a partir do fecundo trabalho dos teólogos do Movimento Litúrgico nas décadas precedentes ao Vaticano II. Em suas reflexões, esses teólogos tornaram evidentes alguns elementos fundamentais para compreensão do rito e de sua teologia. Primeiramente, os teólogos do movimento nos levaram a compreender que a liturgia é constituída fundamentalmente no contexto da economia da salvação; ela é “sacramento” do mistério de Cristo, o qual encontra o seu cumprimento e centro no evento salvífico da Páscoa. Os ritos litúrgicos são sempre sinais desse mistério. Em seguida, esses teólogos nos recordaram que é Cristo que está sempre vivo e presente na ação litúrgica, atraindo todo homem a si através de sua ação sacerdotal, sacrificial e mediadora, uma ação que se realiza na Igreja, por meio dela e em favor dela. E, por fim, eles nos ensinaram que é graças à Igreja, em sua condição de sacramento de Cristo, que a realidade da presença de Cristo nas ações litúrgicas é possível.

Partindo desse pressuposto, ao mergulharmos na Constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium*, podemos nela reconhecer a presença de vários elementos teológicos oriundos do Movimento Litúrgico. Dentre eles, podemos destacar a íntima relação entre a Sagrada Escritura e o rito (SC 48). Esse dado é pertinente, pois a *Sacrosanctum Concilium* ressalta que somente a Palavra é capaz de expressar o conteúdo e a grandeza daquilo que a ação ritual da liturgia torna presente. Por isso, a profunda integração entre Palavra e rito constitui o núcleo estrutural de toda ação litúrgica cristã. A Constituição Litúrgica evidencia ainda que a sagrada liturgia, além de ser um ato culto, é fonte de instrução, de modo a Palavra e os sinais sensíveis da ação ritual se constituem como verdadeiro anúncio e condução para o mistério de Cristo.

A Constituição Litúrgica destacou, também, a eficácia da ação ritual na liturgia. Essa eficácia, proveniente da revelação, possibilitou-nos recordar que a Palavra de Deus e as ações rituais têm sua origem nos acontecimentos salvíficos. A reunião das palavras e dos sinais do evento revelador de Deus no rito permitem à comunidade celebrante fazer a experiência atualizada desse evento. Quando o evento revelador é celebrado através da ação ritual, os fatos desse evento deixam de ser simples recordações de uma experiência feita noutra tempo e lugar e se



tornam uma realidade presente e atuante. O rito litúrgico, desse modo, é autêntico somente se mantiver estruturalmente unidos os sinais e as palavras da ação reveladora, colocando em comunicação o evento salvífico de Cristo e a realidade da Igreja.

Destacamos, partindo do exposto acima, a dimensão dinâmica da ação ritual da liturgia enquanto ação em que se realiza o mistério das núpcias entre Cristo e a Igreja. A teologia litúrgica conciliar concebe a celebração litúrgica como um acontecimento de aliança. A liturgia, em sua ação ritual, deste modo, desponta como um expressivo lugar de encontro e relação nupcial entre Cristo e a Igreja. Tal concepção tem seu fundamento no Mistério Pascal de Cristo. E, sendo o rito um sinal revelador, anúncio e realização do mistério que atua eficazmente na celebração litúrgica, no rito o Senhor ressuscitado se faz presente, se manifesta e atua salvificamente na vida de sua diletta Esposa, a Igreja. Portanto, na ação ritual da liturgia, o mistério de Cristo realiza sua epifania para a vida da Igreja. Por sua vez, a presença e a continuação sacramental do sacrifício de Cristo têm seu ponto culminante e sua epifania na Eucaristia. A intensidade da experiência com o mistério de Cristo, proporcionada pela celebração eucarística, permite à Igreja gozar a profundidade da presença do Senhor ressuscitado que se derrama em salvação a todos aqueles que celebram o culto divino na dinâmica dos sinais rituais.

A presença atuante do mistério de Cristo na ação ritual da Igreja tem, por sua vez, consequências na vida da comunidade que celebra a liturgia. Ao participar da celebração litúrgica dos sacramentos e ser iniciado no mistério, que se revela de forma clara e luminosa na ação ritual, o ser humano tem sua vida transformada. Na dinâmica da ação ritual dos sacramentos nasce a vida mística cristã na sua realidade mais profunda. Esta vida é a expansão normal, embora plena e especial, da vida da graça inaugurada pelo Batismo e que representa uma real e própria participação sobrenatural no mistério de Cristo. A experiência e desenvolvimento de uma vida mística é a consequência de estar constantemente imerso no mistério, de modo a expressar como o apóstolo Paulo em sua carta aos Gálatas: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

Diante do caminho tomado para refletir sobre a teologia do rito, compreendemos que é fundamental realçar a importância e a seriedade com que deve ser tratado o rito litúrgico nos diversos âmbitos da formação eclesial, a saber:

catequese, formações pastorais comunitárias, seminários, cursos de teologia etc. O rito litúrgico é a concretização dos sinais reveladores de Deus na história; a economia da salvação deixa nele suas marcas. Por isso, proporcionar uma formação adequada nos diversos âmbitos eclesiais será de grande contributo para a vida eclesial. Tendo, também, a consciência da presença e eficácia salvífica do mistério de Cristo na ação ritual, não se pode permitir que o rito seja novamente reduzido a uma mera cerimônia tradicional. Ainda, recordando que o rito litúrgico é anúncio e realização do Mistério Pascal de Cristo na liturgia, torna-se urgente e necessário valorizar toda dinâmica que lhe é própria na celebração.

A importância do rito na celebração litúrgica como o lugar da epifania do mistério de Cristo na liturgia permite-nos, ainda, apontar três perspectivas como contributos da pesquisa realizada. Nestas perspectivas, apresentamos alguns elementos através dos quais o rito litúrgico pode ser tratado, favorecendo a experiência com o mistério de Cristo proporcionada por ele nas celebrações das comunidades eclesiais. Quanto mais profunda e intensa for a experiência com o mistério proporcionada pela ação ritual na liturgia, mais profunda e intensa será a relação dos discípulos e discípulas com Cristo, possibilitando, também, a transmissão desta mesma experiência de geração em geração.

A primeira perspectiva é de caráter metodológico. É oportuno tratar o rito litúrgico a partir da dimensão mistagógica que lhe é inerente. Pois, para se compreender e vivenciar melhor a celebração litúrgica não basta, simplesmente, descrever ou analisar racionalmente a ação ritual como se ela fosse algo estranho à nossa realidade. A mistagogia, por isso, é um caminho espiritual pelo qual o rito litúrgico, em sua dimensão de anúncio e realização, conduz a Igreja ao encontro com o mistério de Cristo. Como uma ação eminentemente cristológica, a dimensão mistagógica do rito significa, antes de tudo, afirmar que só o mistério pode desvelar plenamente o mistério: o mistério se revela por si mesmo. Por isso, não se deve reduzir a fé a uma simples aceitação de dogmas ou a um código moral. É fundamental que sejamos “iniciados” no conhecimento do mistério, na comunhão com Deus, não somente com palavras, mas principalmente através de uma experiência. A experiência eclesial e ritual do mistério de Cristo nos levará a vivenciar a fé centrada em sua pessoa. O ponto de partida da mistagogia é o mistério presente na vida e revelado e celebrado na comunidade de fé. Na dinâmica mistagógica, os batizados aprendem a perceber

e interpretar a própria experiência do mistério em sua vida e na ação ritual. Deixando-se conduzir pelo mistério, os batizados vão descobrindo pouco a pouco a pessoa de Jesus, o Ressuscitado, agindo em sua realidade pessoal, comunitária e social.

A segunda perspectiva é de caráter celebrativo. A vivência e a transmissão do sentido mistérico-sacramental e, até mesmo, de sua “eficácia” dependem da maneira como os ritos são realizados: dependem da ritualidade. O que é essencial nessa perspectiva é a veracidade na realização e vivência dos ritos, ou seja, a maneira com a qual o mistério seja manifesto na linguagem verbal, gestual e simbólica (e, até mesmo, na linguagem do silêncio, não tratada neste trabalho). Na celebração comunitária e na formação da comunidade, especialmente na formação de cada um dos ministérios atuantes na celebração litúrgica, uma profícua articulação da ritualidade possibilitará a vivência do mistério. A aprendizagem da ritualidade passa necessariamente pela superação do ritualismo. Torna-se necessário descobrir o “outro lado” do rito, isto é, sua dimensão espiritual e teológica, não apenas através de estudos teóricos, mas através das vivências que o próprio rito proporciona. A Constituição conciliar sobre a Sagrada Liturgia já colocou os alicerces para esta ação: a participação ativa. Esta participação na liturgia passa pelos “sinais sensíveis” que une nossa corporeidade com nossa espiritualidade. É fundamental que cada membro da comunidade celebrante “celebre” com todo seu ser, orientado pelo Espírito do Senhor.

A terceira perspectiva é de caráter vivencial. O rito litúrgico, como algo que traz em sua estrutura uma dinâmica ordenada e ritmada, necessita – para que seja bem vivenciado – uma boa “execução”. Contudo, sendo ele o lugar no qual se realiza a epifania do mistério, o rito precisa, também, de sua dinâmica “espiritual”. O rito litúrgico será expressão da ternura do Senhor ressuscitado para com a comunidade celebrante somente quando a ação ritual for, ao mesmo tempo, ordenada e orante. Na ação ritual, a articulação entre o ordenamento humano e a ação do Espírito favorecerá a relação pessoal e comunitária dos que celebram a liturgia com o mistério. A expressão vivencial da fé com palavras, movimentos, gestos, símbolos, através do rito contribuirá para o crescimento e florescimento da vida mística cristã. Esta vida que teve seu início na epifania do mistério na celebração do Sacramento do Batismo, precisa ser, a cada dia, robustecida. E é o

próprio mistério de Cristo, celebrado e vivido, que possibilitará a cada cristão, a partir da ação ritual da celebração litúrgica, expressar com mais intensidade sua participação no mistério da vida de Cristo.

Esperamos, portanto, que as contribuições deste trabalho, bem como as referidas perspectivas nesta conclusão, auxiliem a reflexão sobre o valor e o lugar do rito em nossas comunidades cristãs.

## 6. Referências Bibliográficas

AGOSTINHO DE HIPONA. *Instrução dos catecúmenos. Teoria e prática da catequese*. Petrópolis: Vozes, 2005.

ALDAZÁBAL, J. “Rubrica”. In: ALDAZÁBAL, J. (org.). *Vocabulário básico de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 324.

AMBRÓSIO DE MILÃO. “Sobre os sacramentos”. In: AMBRÓSIO DE MILÃO. *Explicação do símbolo. Sobre os Sacramentos. Sobre os mistérios. Sobre a penitência*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 29-78.

BARRETO, M. “Razão e fé no encontro entre helenismo e cristianismo”. In: *Síntese* 96 (2003), p. 263-274.

BASURKO, X. – GOENAGA, J. “A vida litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica”. In: BORÓBIO, D. (org.). *A celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental*. v. 1. São Paulo: Loyola, 2002. p. 37-160.

BECKHÄUSER, A. *Concílio Vaticano II. Liturgia 25 anos depois*. Petrópolis: Vozes, 1989.

BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal Verbum Domini. Sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2015.

\_\_\_\_\_. “Instrução *Redemptionis Sacramentum*. Sobre algumas coisas que se devem observar e evitar acerca da Santíssima Eucaristia”. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA (org.). *Enquirídio dos documentos da reforma litúrgica*. Fátima: Gráfica de Coimbra, 2014, p. 2100-2145.

\_\_\_\_\_. “Exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*. Sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida da Igreja”. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA (org.). *Enquirídio dos documentos da reforma litúrgica*. Fátima: Gráfica de Coimbra, 2014, p. 2209-2270.

BERGAMINI, A. “Culto”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 270-276.

BERGER, R. “Epifania”. In: BERGER, R. (org.). *Dicionário de liturgia pastoral*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 149-150.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BONACCORSO, G. *Il rito e l'altro. La liturgia come tempo, linguaggio e azione*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2012.

\_\_\_\_\_. *La liturgia e la fede. La teologia e l'antropologia del rito*. Padova: Messagero, 2010.

BOROBIO, D. *Celebrar para vivir. Liturgia y sacramentos de la Iglesia*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003.

\_\_\_\_\_. “Da celebração à teologia: que é um sacramento”? In: BORÓBIO, D. (org.). *A celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental*. v. 1. São Paulo: Loyola, 2002, p. 283-424.

BOSELLI, G. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2014.

BOUYER, L. *Mysterion. Dal mistero alla mística*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998.

BOZZOLO, A. *Mistero, símbolo e rito in Odo Casel. L'effettività sacramentale della fede*. Libreria Editrice Vaticana: Città del Vaticano, 2003.

BRANDOLINI, L. “Animação”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 48-58.

BUGNINI, A. *A reforma litúrgica. 1948-1975*. São Paulo: Paulus, Paulinas e Loyola, 2018.

BUYST, I. *O segredo dos ritos. Ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã*. São Paulo: Paulinas, 2012.

CARRARA, P. “Espiritualidade e liturgia”. In: RIVAS, E. – GODOY, M. (orgs.). *Memória e caminho. Liturgia e vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2018, p. 159-180.

CASTELLANO, J. *Liturgia e vida espiritual. Teologia, celebração, experiência*. São Paulo: Paulinas, 2008.

CASEL, O. *O mistério do culto no cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2009.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CERVERA, J. “La mística dei sacramenti dell’iniziazione cristiana”. In: ANCILLI, E – PAPAROZZI, M. *La mística. Fenomenologia e riflessione teológica*. v. 2. Roma: Città Nuova, 1984, p. 77-111.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. “Puebla”. In: BAZAGLIA, P. (org.). *Documentos Celam. Conclusões das conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 225-584.

\_\_\_\_\_. “Santo Domingo”. In: BAZAGLIA, P. (org.). *Documentos Celam. Conclusões das conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 584-782.

CNBB (org.). *Diretório da liturgia e da organização da Igreja no Brasil*. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. “Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina”. In: COSTA, L. (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. “Constituição Dogmática *Lumen gentium* sobre a Igreja”. In: COSTA, L. (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. “Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia”. In: COSTA, L. (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

CORBON, J. *A fonte da liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2016.

ELENCO das Leituras da Missa. In: ALDAZÁBAL, J. (org.). *A mesa da Palavra I. Elenco das leituras da missa*. São Paulo: Paulinas, 2007.

ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FIGUEIREDO, F. (org.). *São Cirilo de Jerusalém. Catequeses mistagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2004.

FLORES, J. *Introdução à teologia litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 2006.

FRANCISCO. “Carta Encíclica *Lumen Fidei* sobre a fé”. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA (org.). *Enquirídio dos documentos da reforma litúrgica*. Fátima: Gráfica de Coimbra, 2014, p. 2367-2374.

FRANGIOTTI, R. “Introdução à Didaqué”. In: PADRES APOSTÓLICOS. *Clemente Romano. Inácio de Antioquia. Policarpo de Esmirna. O pastor de Hermas. Carta de Barnabé. Pápias. Didaqué*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 335-342.

\_\_\_\_\_. “Introdução”. In: AMBRÓSIO DE MILÃO. *Explicação do símbolo. Sobre os Sacramentos. Sobre os mistérios. Sobre a penitência*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 9-20.

GIBIN, M. “Prefácio”. In.: HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição apostólica. Liturgia e catequese em Roma no século III*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 7-8.

GRILLO, A. *Os ritos que educam. Os sete sacramentos*. Brasília: Edições CNBB, 2017.

HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição apostólica. Liturgia e catequese em Roma no século III*. Petrópolis: Vozes, 2004.

INSTRUÇÃO geral do Missal Romano. São Paulo: Paulus, 2013.

JOÃO PAULO II. “Carta apostólica *Spiritus et Sponsa*. No 40º aniversário da Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia”. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA (org.). *Enquirídio dos documentos da reforma litúrgica*. Fátima: Gráfica de Coimbra, 2014, p. 2093-2099.

\_\_\_\_\_. “Carta apostólica *Vicesimus Quintus Annus*. No 25º aniversário da Constituição sobre a Sagrada Liturgia”. In: SECRETARIADO NACIONAL DE

LITURGIA (org.). *Enquirídio dos documentos da reforma litúrgica*. Fátima: Gráfica de Coimbra, 2014, p. 1134-1148.

\_\_\_\_\_. “Carta encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. Sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja”. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA (org.). *Enquirídio dos documentos da reforma litúrgica*. Fátima: Gráfica de Coimbra, 2014, p. 2018-2049.

\_\_\_\_\_. “Carta encíclica *Redemptoris Missio*. Sobre a validade permanente do mandato missionário”. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA (org.). *Enquirídio dos documentos da reforma litúrgica*. Fátima: Gráfica de Coimbra, 2014, p. 1207-1216.

\_\_\_\_\_. “Vigésimo aniversário da Constituição Litúrgica”. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA (org.). *Enquirídio dos documentos da reforma litúrgica*. Fátima: Gráfica de Coimbra, 2014, p. 951-955.

JOÃO XXIII. “Constituição apostólica com a qual é convocado o Concílio Ecumênico Vaticano II.” In: COSTA, L. (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 19-20.

\_\_\_\_\_. “Discurso na abertura solene do Concílio.” In: COSTA, L. (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 21-32.

JUNGMANN, J. *Missarum sollemnia. Origens, liturgia, história e teologia da missa romana*. São Paulo: Paulus, 2009.

JUSTINO DE ROMA. “I Apologia”. In: JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologias. Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 2013. p. 19-86.

LEÃO MAGNO. “Sermões para o Natal”. In: CORDEIRO, J. (org.). *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milénio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 1195-1200.

\_\_\_\_\_. “Sermões sobre a Paixão”. In: CORDEIRO, J. (org.). *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milénio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 1205-1206.

MAGGIANI, S. “Rito/ritos”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 1021-1028.

MAGGIONI, C. “El alcance pastoral de las normas litúrgicas”. In: HAMELINE, J. – MAGGIONI, C. – URDEIX, J. (orgs.). *Rúbricas y ceremonias*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2013, p. 16-26.

MALDONADO, L. – FERNÁNDEZ, P. “A celebração litúrgica: fenomenologia e teologia da celebração”. In: BORÓBIO, D. (org.). *A celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental*. v. 1. São Paulo: Loyola, 2002, p. 161-284.



MCKENZIE, J. “Benção, abençoar”. In: MCKENZIE, J. (org.). *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 114-115.

\_\_\_\_\_. “Palavra”. In: MCKENZIE, J. (org.). *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 682-685.

\_\_\_\_\_. “Páscoa”. In: MCKENZIE, J. (org.). *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 696.

\_\_\_\_\_. “Teofania”. In: MCKENZIE, J. (org.). *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 923.

MARSILI, S. “A liturgia. Experiência espiritual cristã primária”. In: GOFFI, T. – SECONDIN, B. (orgs.). *Problemas e perspectivas da espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 207-229.

\_\_\_\_\_. “A liturgia, momento histórico da salvação”. In: NEUNHEUSER, B. et alli. *A liturgia. Momento histórico da salvação*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 37-190.

\_\_\_\_\_. “Das origens da liturgia cristã às caracterizações rituais”. In: MARSILI, S. et alli. *Panorama histórico geral da liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 9-142.

\_\_\_\_\_. *Sinais do mistério de Cristo. Teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 2009.

MARTÍN, J. *A liturgia da Igreja. Teologia, história, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006.

\_\_\_\_\_. *No espírito e na verdade. Introdução antropológica à liturgia*. v. 2. Petrópolis: Vozes, 1997.

MISSAL Romano. São Paulo: Paulus, 2013.

NEUNHEUSER, B. *História da liturgia através das épocas culturais*. São Paulo: Loyola, 2007.

\_\_\_\_\_. “Memorial”. In.: SAMANES, C. – ACOSTA, J. (orgs.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 723-736.

\_\_\_\_\_. “Mistério”. In.: SAMANES, C. – ACOSTA, J. (orgs.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 756-771.

\_\_\_\_\_. “O movimento litúrgico: panorama histórico e linhas teológicas.” In: NEUNHEUSER, B. et alli. *A liturgia. Momento histórico da salvação*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 9-36.

O’BRIEN, P. “Igreja”. In: HAWTHORNE, G. – MARTIN, R. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Vida Nova; Paulus e Loyola, 2008, p. 654-664.

OLIVAR, A. “Patrística”. In.: SAMANES, C. – ACOSTA, J. (orgs.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 575-584.

PADRES APOSTÓLICOS. *Clemente Romano. Inácio de Antioquia. Policarpo de Esmirna. O pastor de Hermas. Carta de Barnabé. Pápias. Didaqué*. São Paulo: Paulus, 2013.

PALUDO, F. – D’ANNIBALE, M. “A Palavra de Deus na celebração”. In: CELAM. *Manual de liturgia 2. A celebração do Mistério Pascal: fundamentos teológicos e elementos constitutivos*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 143-192.

PAMPALONI, M. “Memória, imaginação e liturgia”. In: RIVAS, E. – GODOY, M. (orgs.). *Memória e caminho. Liturgia e vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2018, p. 65-80.

PARANHOS, W. “Catequese e liturgia”. In: RIVAS, E. – GODOY, M. (orgs.). *Memória e caminho. Liturgia e vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2018, p. 225-242.

PAULO VI. “Carta encíclica *Mysterium Fidei*. Sobre o culto da Sagrada Eucaristia”. In: COSTA, L. (org.). *Documentos de Paulo VI*. São Paulo: Paulus: 2012, p. 74-102.

PIO X. “Motu próprio *Tra le sollecitudini*. Sobre a música sacra”. In: *Documentos sobre a música litúrgica*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 13-22.

PIO XII. “Carta encíclica *Mediator Dei*. Sobre a Sagrada Liturgia”. In: COSTA, L. (org.). *Documentos de Pio XII*. São Paulo: Paulus: 1999, p. 288-370.

RATZINGER, J. *Teología de la liturgia. La fundamentación sacramental de la existencia cristiana*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2012.

RAVASI, G. “Linhas bíblicas da experiência espiritual”. In.: SECONDIN, B. – GOFFI, T. (orgs.). *Curso de espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 53-112.

RITUAL do Batismo de Crianças. São Paulo: Paulus, 2003.

ROCCHETA, C. “La mística del segno sacramentale”. In: ANCILI, E. – PAPAROZZI, M. (orgs.). *La mística. Fenomenologia e riflessione teológica*. v. 2. Roma: Città Nuova, 1984, p. 47-76.

ROSAS, G. “O que celebramos?”. In: CELAM. *Manual de liturgia I. A celebração do Mistério Pascal: introdução à celebração litúrgica*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 89-118.

SÁNCHEZ, J. “Símbolo”. In.: SAMANES, C. – ACOSTA, J. (orgs.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 779-786.

SANTE, C. “Cultura e liturgia”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 276-284.

SARTORE, D. “Catequese e liturgia”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 175-183.

\_\_\_\_\_. “Sinal/símbolo”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 1142-1151.

SODI, M., “Bênção”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 122-135.

\_\_\_\_\_. “Celebração”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 183-196.

SORCI, P. “La liturgia azione di epiclesi e anamnesi. Il culto di Cristo in Spirito Santo”. In: SORCI, P. (org). *La liturgia della Chiesa. La Sacrosanctum Concilium e la sua eredità*. Roma: Città Nuova, 2013, p. 53-92.

SORCI, P. *Paschale mysterium. Studi di liturgia*. Roma: Città Nuova Editrice, 2014.

TERRIN, A. “Antropologia cultural”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 63-79.

\_\_\_\_\_. *Il rito. Antropologia e fenomenologia della ritualità*. Brescia: Morcelliana, 2015.

TERTULIANO. “O Baptismo”. In: CORDEIRO, J. (org.). *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 211-217.

TOMATIS, P. *La festa dei sensi. Riflessioni sulla festa cristiana*. Assisi: Cittadella Editrice, 2010.

VAGAGGINI, C. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009.

\_\_\_\_\_. “Vista panorâmica sobre a constituição litúrgica”. In: BARAÚNA, G. (org.). *A sagrada liturgia renovada pelo concílio. Estudos e comentários em torno da constituição litúrgica do Concílio Vaticano Segundo*. Petrópolis: Vozes, 1964, p. 126-168.

VELASCO, J. “Experiência religiosa”. In.: SAMANES, C. – ACOSTA, J. (orgs.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 278-290.

\_\_\_\_\_. “Mistério”. In.: SAMANES, C. – ACOSTA, J. (orgs.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 484-489.